



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISAS E
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



**“O RIO QUE PASSOU EM MINHA VIDA”:
O CALDAS NAS NARRATIVAS DOS IDOSOS
E NAS REPRESENTAÇÕES DE SEUS NOVOS ATORES**

**Goiânia – Goiás
Verão de 2010**

FERNANDA ALEXANDRE

**“O RIO QUE PASSOU EM MINHA VIDA”:
O CALDAS NAS NARRATIVAS DOS IDOSOS
E NAS REPRESENTAÇÕES DE SEUS NOVOS ATORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do grau de Mestre, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Sandra de Fátima Oliveira.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

Alexandre, Fernanda.
A381r O rio que passou em minha vida [manuscrito] : o Caldas nas narrativas dos idosos e nas representações de seus novos atores / Fernanda Alexandre. 2010
160 f. : il. figs, tabs.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Sandra de Fátima Oliveira
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2010.
Bibliografia.
Inclui lista de figuras, abreviaturas, siglas e tabelas.
Apêndices e Anexos.

1. Rio – Memória. 2. Rio – Lugar. 3. Narrativas – Idosos – Rio. I. Título.

CDU: 911.3(282.281.2)

**Goiânia – Goiás
Verão de 2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISAS E
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

BANCA EXAMINADORA

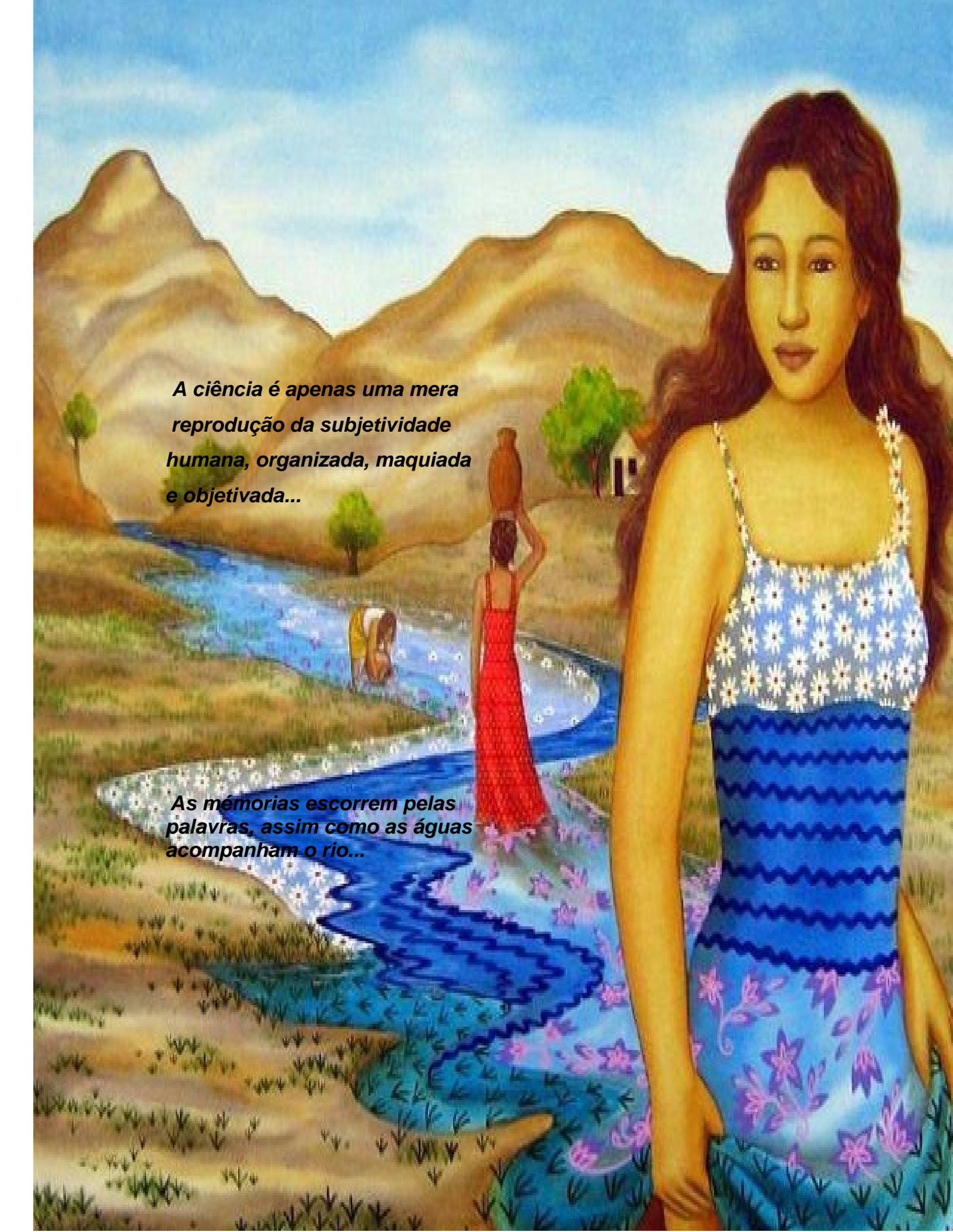
Prof.^a Dr.^a Andreia Aparecida Marin
Universidade Federal do Paraná - Membro Externo

Prof.^a Dr.^a Maria Geralda de Almeida
Universidade Federal de Goiás – Membro Interno

Prof.^a Dr.^a Sandra de Fátima Oliveira
Universidade Federal de Goiás - Orientadora

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro
Universidade Federal de Goiás – 1º Suplente

**Goiânia - Goiás
Verão de 2010**

A surreal landscape painting. In the foreground, a woman with long dark hair and a blue and white floral dress looks directly at the viewer. In the background, a river flows through a hilly, arid landscape. A woman in a red dress stands in the river, and another person is visible further down. The sky is blue with light clouds. The overall style is painterly and evocative.

*A ciência é apenas uma mera
reprodução da subjetividade
humana, organizada, maquiada
e objetivada...*

*As memórias escorrem pelas
palavras, assim como as águas
acompanham o rio...*

Dedicatória...

De forma muito especial,

e com muito carinho as meus avós,

Maria Antônio Ruzão Alexandre... (in memória) grande mulher, descendente de italianos e que com muito suor construiu uma família pelos campos do Brasil..

Arasi Elsira Fazinone ... vizinha querida que jamais deixou de me apoiar...

Gentil Fazoni a expressão da alegria, da força, da coragem e da determinação....

Alfredo (in memória) deste tenho lembranças de meninas, do som de sua viola e da fragilidade de sua voz no final de sua estadia entre nós...

Estes foram a semente de tudo, e que me ensinaram a beleza da vida no prazer do ouvir...

E as minhas duas famílias representadas nas figuras de duas grandes mulheres da minha vida, que jamais mediram esforços para que eu atingisse meus objetivos...

Minhã primeira Mãe, Celi Fazoni Alexandre e minha segunda Mãe Noeli Fazoni Conte...

E aqueles que juntamente comigo, vivem o desafio cotidiano de fazer porque acreditam...

Agradecimentos...

Ao iniciarmos uma lista de agradecimentos, sempre nos preocupa o medo de esquecermos alguém que realmente foi importante e que não poderíamos jamais deixar de fora. Pensando nisto, farei uma breve narrativa, onde constam muitas das pessoas que contribuíram para minha formação como pessoa e para que eu alcançasse esta etapa de minha vida, onde aprendi que o ouvir nos ensina e nos possibilita experiências para a vida.

Sou sul-matogressense de Eldorado, região de fronteira paraguaia, neta de avós descendentes de migrantes alemães, italianos e negros, filha de pais sonhadores, os quais lutaram e migraram muito por estes chãos; brasileiro e paraguaio.

Das minhas primeiras lembranças de menina me recordo de nossa barraca de lonas pretas, com nossa cama de tarimba no meio da mata na região rural de Encruze Guarani (Paraguai) onde moramos por muitos anos e fui apresentada ao mundo letrado. Antes disso, percorríamos o mundo das fazendas tendo meus pais como empregados, meeiros e outros serviços sofridos do campo.

Do interior do Paraguai para o interior de Rondônia São Felipe D'Oeste, de São Felipe para Araucária no Paraná, de lá de volta para Rondônia, de onde a vida me empurrou para Três Lagoas/MS, onde fiz minha graduação até me deslocar para Goiás.

Neste curto percurso de minha vida, porém de muitos “lugares” tenho pessoas a agradecer. Primeiramente aquele “no qual tudo posso” nosso pai criador. Agradeço aos meus pais que sempre me disseram que a única riqueza que poderiam me dar eram os estudos. Obrigado a minha Mãe, meu pai “Benedito” e minha irmã “Flaviane” que por força das circunstâncias, distanciou-se de mim nos, anos de nossas juventudes.

Dentre minhas idas e vindas, vivi na casa de muitos parentes, e até fui adotada pela minha madrinha, Noeli Fazione a qual desde já, juntamente a meu tio Domingos Conte, deixo meus agradecimentos pela acolhida e a Loreane pela amizade.

Todo sonho começa com uma oportunidade e por isto agradeço a Prof.^a Dr.^a Edima Aranha (UFMS/CPTL) por esta, dada a mim com meu ingresso e permanência no PET (Programa de Educação Tutorial) durante minha graduação.

Início agradecendo aos amigos “petianos” com os quais aprendi muito. Agradeço também aos outros professores do Campus da UFMS de Três Lagoas, pela confiabilidade e pelos ensinamentos e aos amigos, dos quais trago lembranças e saudades, especialmente a Camila Bim, vó Antonia, Marly, Claudia Macedo, Carlos Eduardo (Carlucho) e Ângela.

A professora Sandra de Fátima, que me permitiu dar continuidade ao sonho aceitando ser minha orientadora, obrigada professora pela paciência e ensinamentos. Aos outros professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás registro meu carinho, em especial a professora Maria Geralda e ao professor Carlos Maia pelas contribuições na banca de qualificação.

Todo começo é difícil, porém com um amigo, fica mais fácil, por isso agradeço imensamente a Avacir Gomes dos Santos, ou melhor, Ava, pela amizade e pelos ensinamentos. Outras amizades que me ajudaram a suportar a saudade dos amigos e familiares distantes foram; Joyce Almeida, hehe!! Joyce..., obrigada amiga. Lorrane Gomes, (Lô) pelo companheirismo e Silvana Lucatto (Sil) pela preocupação.

Outros amigos, também foram importantes nesta etapa de minha vida: Benjamim Pereira pelos encaminhamentos de pesquisa, aos amigos e companheiros de curso, nas pessoas de Nickerson Dolglas, Salvadora Lima, Mariléia Bispo, Laura Jaime, Rosiane Dias, José Novaes, Selvia Lima, Franciane Araújo.

Aos amigos e companheiros do grupo de Pesquisa e dos corredores do IESA, Hugo Sérgio, Alice Régis, Helbia Samara. Aos queridos colaboradores, os meus narradores do Caldas. Presto meus agradecimentos aos amigos do Fórum sobre Tradições Populares do Cerrado, pelo acolhimento e confiança. A Secretaria de Meio Ambiente de Caldazinha em especial na pessoa de Delza, principalmente pelas várias caronas na Kombi escolar. Ao Contijo pela receptividade na Estação Limeira.

E aos companheiros, parceiros e amigos distribuídos por este belo chão goiano, deixo meu muito obrigada!!!!..

Resumo

O balé das águas nos revela movimentos que podem ser variantes ou contínuos, dependendo do dia, do tempo ou de nossas visões. Às vezes, alegres em dias alegres, outros tristes em dias não tão alegres, e em outros tão monótonos que nos passam despercebidos. Apenas temos uma certeza, que estes movimentos dia a dia envolvem histórias, sujeitos, vivências, lembranças, temporalidades e espacialidades. Baseadas no pressuposto que os elementos que compõem os ambientes podem ser apropriados e significados pelas práticas culturais de grupos específicos, dedicamo-nos nesta pesquisa à compreender o Rio Caldas – afluente do rio Meia Ponte no estado de Goiás, como um elemento embaixador das relações significativas para seus sujeitos. Iniciamos este processo, por meio da memória dos idosos, e seguidamente por meio das representações, ações e iniciativas dos Novos Atores do Caldas. A pesquisa é de modalidade qualitativa respaldada no método fenomenológico, como instrumentos para sua realização utilizamos; entrevistas semi-estruturadas, narrativas, observação simples, história oral temática e diário de campo. Justificamos o desenvolvimento deste trabalho na possibilidade instigante de observar a realidade em sua complexidade e compreendê-la com seus diferentes sujeitos. Como contribuições práticas, podemos ressaltar que os resultados obtidos poderão subsidiar o planejamento de programas e ações governamentais, que visem à valorização e manutenção deste rio, bem como de seu ambiente. Ao final desta riquíssima experiência, fica-nos os relatos das vivências, histórias, sentimentos, sonhos, lutas e esperanças dos diferentes sujeitos que compõem a história e espacialidade do Caldas.

Palavras-Chave: Rio, Memória, Lugar, Narrativas, Vivências

Resumen

El ballet de las aguas nos revela movimientos que pueden ser variantes y continuos, dependiendo del día, del tiempo o de nuestras visiones. A veces, alegres en días alegres, otros tristes en días no tan alegres, y en otros tan monótonos que se nos pasan desapercibidos. Apenas tenemos una certidumbre, que estos movimientos día a día envuelven historias, sujetos, vivencias, recuerdos, temporalidades y espacialidades. Basados en el presupuesto que los elementos que componen los ambientes pueden ser apropiados y significados por las prácticas culturales de grupos específicos, nos dedicamos en esta pesquisa a comprender el Río Caldas-afluente del río Meia Ponte en el estado de Goiás, como un elemento base de las relaciones significativas para sus sujetos. Iniciamos este proceso, por medio de la memoria de ancianos, y seguidamente por medio de las representaciones, acciones e iniciativas de los Novos Atores do Caldas. La pesquisa es de modalidad cualitativa respaldada en un método fenomenológico; como instrumentos para su realización utilizamos; entrevistas semi-estructuradas, narrativas, observación simple, historia oral temática y diario de campo. Justificamos el desarrollo de este trabajo en la posibilidad instigante de observar la realidad en su complejidad y comprenderla con sus diferentes sujetos. Como contribuciones prácticas, podemos resaltar que los resultados obtenidos podrán subsidiar la planificación de programas y acciones gubernamentales, que propongan la valorización y manutención de este río, bien como de su ambiente. Al final de esta riquísima experiencia, nos quedan los relatos de las vivencias, historias, sentimientos, sueños, luchas y esperanzas de los diferentes sujetos que componen la historia y espacialidad de Caldas.

Palabras-Clave: Río, Memoria, Lugar, Narrativa, Vivencias

Lista de Siglas

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS – Organização Mundial da Saúde

ANA – Agência Nacional das Águas

PNUD – Relatório de Desenvolvimento Humano

MERCOSUL - Mercado Comum do Cone Sul

SMMA /Caldazinha – Secretária Municipal de Meio Ambiente de Caldazinha

SEMARH – Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos de Goiás

Lista de Quadro

QUADRO 01: Apresentação do Grupo de Colaboradores.....	31
QUADRO 02: Memórias Geográficas Ambientais do Rio Caldas.....	90
QUADRO 03: Memórias Geográficas Culturais do Rio Caldas.....	102
QUADRO 04: Memória Geográfica Cultural-ambiental do Rio Caldas.....	103
QUADRO 05: O rio como base integradora.....	128

Lista de Figuras

Figura 01: Mapa de Localização e da área da Bacia hidrográfica do Rio Caldas.....	21
Figura 02: Mapa de Localização de Caldazinha.....	22
Figura 03: Paisagem as margens do Caldas, no fundo de uma Fazenda no município de Caldazinha.....	108
Figura 04: Atuais condições encontradas as margens do Caldas.....	109
Figura 05: Local de aguada para o gado, e o início de um processo de assoreamento.....	110
Figura 06: Ravinas.....	110
Figura 07: Raízes Expostas no Barranco.....	110
Figura 08: Raízes Expostas no Barranco.....	110
Figura 09: Raízes Expostas no Barranco.....	110
Figura 10: Espaço e Práticas Culturais no Rio Caldas.....	111
Figura 11: Espaço e Práticas Culturais no Rio Caldas.....	111
Figura 12: Espaço e Práticas Culturais no Rio Caldas.....	111
Figura 13: Replântio de Mudas a Margem do Caldas.....	115
Figura 14: Replântio de Mudas a Margem do Caldas.....	115
Figura 15: Caminhada Cultural e Ambiental Antônio Malheiros.....	120
Figura 16: Caminhada Cultural e Ambiental Antônio Malheiros.....	120
Figura 17: Caminhada Cultural e Ambiental Antônio Malheiros.....	120
Figura 18: Caminhada Cultural e Ambiental Antônio Malheiros.....	120
Figura 19: Apresentações Teatrais durante a Caminhada.....	121
Figura 20: Caminhada Cultural e Ambiental Antônio Malheiros.....	121
Figura 21: Caminhada Cultural e Ambiental Antônio Malheiros.....	121
Figura 22: Visita de Estudantes da Escola Horácia Lobo a Estação Ecológica Limeira.....	124
Figura 23: Visita de Estudantes da Escola Horácia Lobo a Estação Ecológica Limeira.....	124
Figura 24: Visita de Estudantes da Escola Horácia Lobo a Estação Ecológica Limeira.....	124

Sumário

Nascentes.....	15
1 Primeiras Pontes.....	19
1.1 O Local por onde correm as águas do Rio Caldas.....	19
1.2 Os Narradores do Rio Caldas.....	25
1.3 Pesquisar é preciso.....	37
1.3.1 Conhecendo a Modalidade e os instrumentos de pesquisa.....	39
1.3.2 A experiência do Mergulhar	43
<i>Meandro I: Ambiente, Águas e rios: razões práticas e simbólicas</i>	46
1.1 As Águas: elementos da dimensão material.....	52
1.2 Água: imaginação, simbolismos e representações	58
1.3 Os rios como elementos materiais e simbólicos.....	63
<i>Meandro II: A memória do rio pela memória dos idosos.....</i>	75
2.1 Aprendizagem de mergulho no sinuoso rio da memória.....	76
2.2 Memória do rio Caldas: lugares de pertencimento.....	81
2.2.1 A natureza das experiências no rio Caldas.....	82
2.2.2 Rio Caldas: lugar de múltiplos significados.....	91
<i>Meandro III: O rio: velhas histórias e novos atores.....</i>	105
3.1 Rio Caldas: realidades narradas e observadas	107
3.2 Diferentes Iniciativas em prol da conservação do rio Caldas.....	113
3.2.1 Ações governamentais: Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMMA– Caldazinha) e Sistema de Ensino Formal.....	115
3.2.2 Organizações sociais e iniciativas privadas.....	119
3.2.2.1 Caminhada Cultural e Ambiental Antônio Malheiros – 2009.....	119
3.2.2.2 Estação Ecológica Limeira.....	123
3.3 Estabelecendo pontes entre os diferentes atores do Caldas	125

Cruzamento de Pontes...	130
Indicadores de Caminho.....	134
Apêndices.....	140
Apêndice A	141
Apêndice B	142
Anexos.....	152
Anexos A.....	153
Anexos B.....	155
Anexos C.....	157

NASCENTES...

“Ah! Minha Portela! Quando vi você passar, senti meu coração apressado, todo o meu corpo tomado, minha alegria voltar. Não posso definir aquele azul não era do céu, nem era do mar. Foi um rio que passou em minha vida e meu coração se deixou levar”¹. Isso cantou Paulinho da Viola em 1970 homenageando a Escola de Samba Portela, que com sua imensidão azul representou a ele a imagem de um rio na avenida, fato marcante em sua memória e de muitos amantes do samba e principalmente da Portela.

Quarenta anos após, do Rio de Janeiro para Góias, do Sudeste para o Centro Oeste encontramos um rio que não é o representado pela Portela. “O rio que passou em minha vida”, desta vez, é o modesto e singelo “Caldas”, rio de águas mansas, e cristalinas que embeleza o solo goiano e também propicia vivências, histórias e memórias àqueles que o conhecem.

Nesta aventura, lançaremos-nos à conhecer o “Caldas” pelo olhar dos seus sujeitos/atores, e com isso o maior desafio desta pesquisa é entender as dinâmicas que ocorrem e compõem o ambiente desta localidade, tendo o rio como elemento principal. Pois, consideramos que o ambiente, em seus lugares, possui historicidades que podem ser transmitidas pelos indivíduos que as experienciaram, bem como designa diferentes usos e representações para àqueles que as experienciam e vivenciam atualmente.

Nesta pesquisa temos como apresentadores do rio os idosos que encontramos próximos ao rio Caldas-Go, especialmente no município de Caldazinha. Optamos por este grupo de colaboradores por estes possuírem vivências e memórias que consideramos importantes instrumentos à compreensão da realidade. Pois, estas podem nos revelar as principais alterações ocorridas neste ambiente ao longo dos anos e os impactos das mesmas não só no locus geográfico, como também na convivência e entrelaçamento de diferentes gerações.

Por considerarmos que o rio não apenas possui memórias, e que a cada nova experiência, novas pessoas em situações diferentes também se envolvem com o mesmo, fomos convidadas a conhecer quem e onde são os Novos Atores que dão vida ao Caldas e quais são as novas relações estabelecidas com este.

¹ Trecho do Samba de Paulinho da Viola de 1970. “Foi um rio que passou em minha Vida”.

Existem alguns fatores que contribuem para escolhermos o local de realização de uma pesquisa. As vezes temos uma questão que denominamos de “problema” ou questão “chave”. Em nossa pesquisa, podemos afirmar que primeiramente fomos motivadas pelo interesse em conhecer os sujeitos que possuem as memórias do Caldas, e seguidamente compreender as relações, atualidades e mudanças que envolvem o rio e seu ambiente. Essas mudanças são oriundas de ordens tanto materiais quanto sociais, e ocorrem pela incorporação de novos modos de produção e organização do espaço. Tal fato influencia diretamente a subjetividade dos colaboradores e implica em uma nova configuração e significação em relação ao rio e ao ambiente como um todo.

Pressupomos para realizar a pesquisa que os sujeitos constroem e designam significados ao ambiente e essas significações variam de acordo com as mudanças de relacionamento com o mesmo. Ao se alterar as relações, se alteram igualmente os significados afetivos, místicos e sociais. O lugar construído a partir de diferentes relações objetivas e subjetivas por meio das diversas experiências dos sujeitos, apresenta marcas significativas apreendidas por estes pela mediação dos elementos constituintes do ambiente. Desta forma, como os antigos moradores representam o rio Caldas? Quais as significações e representatividades do elemento “rio” como mediador da relação subjetiva entre os idosos? Qual a relevância do rio como agente contribuidor nas relações topofílicas dos sujeitos? Os idosos percebem as transformações ambientais, simbólicas e materiais concernentes ao rio Caldas? O rio Caldas é visto pelos colaboradores e por seus novos atores², como um elemento articulador do ambiente?

Com estas questões instigando nossas reflexões, dedicamo-nos nesta pesquisa à compreender o rio Caldas como um elemento embasador das relações sociais e significativas para seus sujeitos. Nesta busca pelas memórias do rio Caldas, por meio da memória dos idosos, levantamos as suas principais alterações.

Na sequência, lançamo-nos no desafio de entender as representações constituintes da memória dos colaboradores, sendo estas construídas no decorrer das diversas relações e experiências que tiveram com o rio, pontuando nas narrativas dos colaboradores, fatores definidores do rio como “lugar”. Dentre estes, principalmente, os de ordens experienciais e significativas.

² O conjunto de colaboradores é formado por pessoas, organizações e setores da sociedade divididos em: Organizações Sociais, Sistema de Ensino Formal, Órgãos Governamentais e Iniciativas Privadas.

Para atender nosso objetivo maior, que é o apresentado anteriormente, destacamos outras proposições respaldadas em compreender como os idosos percebem os novos processos e as dinâmicas materiais e simbólicas ocorridas no rio Caldas, além de elencar quais foram as principais transformações; como elas ocorreram e como refletiram na organização espacial e, enfim, conhecer quais os novos atores do rio Caldas.

A importância e a justificativa desta pesquisa, dentre outras, residem primeiramente na possibilidade instigante de observar a realidade em sua complexidade e compreendê-la com seus diferentes sujeitos, por meio de suas práticas, significados e ações sócio-ambientais. É o mais desafiador que é reconhecer os “outros com seus ambientes e seus lugares”.

Como contribuições práticas, podemos ressaltar que os resultados apresentados nesta pesquisa poderão subsidiar o planejamento de programas e ações governamentais, seja em nível local, estadual ou federal, que visem à valorização e manutenção deste rio, bem como de seus sujeitos. Desta forma, deixamos o convite a um mergulho complexo e integrador nas águas do rio Caldas.

Apresentamos o resultado deste mergulho, em três capítulos, aqui denominados “meandros”, denominação esta escolhida para representar a sinuosidade das idéias, pois, como os cursos d’água, sejam eles ribeirões, riachos, ou rios, todos passam por serpenteamentos que os conduzem para águas mais profundas, assim, são nossos escritos. Eles nascem e aos poucos vão ganhando sinuosidade, volume até chegarmos aos objetivos almejados.

Nossos meandros, primeiramente são antecidos por esta nascente. Posteriormente, por uma apresentação denominada “Primeiras Pontes” composta pelas questões norteadoras da pesquisa. E ao término do terceiro meandro, realizamos algumas considerações nomeadas de “Cruzamento de Pontes”, com o intuito de relacionarmos as principais aprendizagens e os resultados obtidos.

O item denominado de “Primeiras Pontes” é dividido em duas partes: primeiramente, destacaremos as principais questões pertinentes à pesquisa; bem como, a apresentação dos colaboradores. A segunda parte constará do referencial teórico-metodológico com seus componentes; modalidade da pesquisa em conjectura com as técnicas e instrumentos aplicados.

No primeiro meandro “Águas e rios: razões práticas e simbólicas” iremos pressupor que as águas e os rios constituem dualidades na composição dos

ambientes. Seus usos e concepções são diferenciados de acordo com as necessidades e formas de apropriações. Neste capítulo, apresentaremos uma reflexão a respeito da água enquanto elemento material e componente simbólico, representativo e imaginativo, e, por fim, um breve esboço refletivo dos rios como elementos materiais e simbólicos.

“Memórias do rio: a voz da experiência do lugar” é apresentação do segundo meandro. Neste, faremos uma relação entre as narrativas e as memórias. Memórias de início, divididas entre memórias ambientais e memórias culturais, e, ao final constituem a memória cultural-ambiental do Caldas.

A realidade local é formada e constituída por diferentes sujeitos, relações, interesses, ações e significados. Dentro desta abordagem, apresentamos o terceiro meandro, “O rio: velhas histórias e novos atores”. Neste, trataremos as condições atuais do Caldas, e abordaremos seus novos atores, bem como suas diversas relações com o rio. Nesta gama de diferentes sujeitos e relações, pensaremos o rio como elemento base e integrador do ambiente local.

Por fim, somos desafiadas á cruzarmos as pontes entre as ideias apreendidas e as realidades observadas, no intuito de colaborarmos com a incumbência de olharmos para o que é ao mesmo tempo objetivo e subjetivo, simples e complexo, desafiador e encantador.

Esperamos que nossa pesquisa contribua no intuito de conhecer e compreender a historicidade e as dinâmicas do ambiente local, por meio das narrativas e memórias dos idosos sobre o rio. E, também, identificar, conhecer e valorizar os atores e instituições promotoras de ações educativas em prol do rio e do ambiente local com todos seus componentes naturais, sociais, ou culturais.

1.1 O Local por onde correm as águas do Rio Caldas

O Estado de Goiás é composto por quatro grandes Bacias Hidrográficas: São Francisco, Tocantins, Araguaia e Paranaíba. Dentre estas, a bacia do Paranaíba se encontra impactada pela ação antrópica em decorrência das atividades de desmatamentos, contaminações por poluentes industriais e domésticos, intensa atividade agrícola, instalação de processos erosivos, ocupação desordenada das áreas urbanas. Tais impactos propiciaram a devastação de grande parte do Cerrado pré-existente nesta área, e conseqüentemente, a morte de várias nascentes e o assoreamento dos mananciais.

O rio Caldas compõe a bacia do rio Paranaíba. Esta é a maior bacia de importância socioeconômica no Estado de Goiás. Dentre seus afluentes encontramos o rio Meia Ponte, receptor das águas da bacia do rio Caldas, localizado na região leste do município de Goiânia, entre as coordenadas 48°40'0" a 49°20'0" W e 16°20'0" a 17°00'0" S. Seus principais rios são o Vermelho, o Sozinha e o Caldas, abastecidos por diversos córregos, ribeirões e riachos, totalizando 58 nascentes distribuídas pelas áreas dos municípios que formam sua bacia hidrográfica, (figura 01).

Dentre os municípios localizados na bacia, estão: Anápolis (antigo povoado de Santana das Antas), Leopoldo de Bulhões (antiga Estação Tavares), Goianápolis, Bonfinópolis, Senador Canedo, Silvânia (antigo arraial de Bonfim), Caldazinha (antigo arraial do Milho Inteiro) e Bela Vista de Goiás (antiga Suçuapara); enfocamos, nesta pesquisa, Caldazinha de Goiás, pela sua histórica relação com o rio Caldas, bem como pela representatividade que este rio possui perante a população da região.

Outros fatores destacáveis do município são as apropriações ou/e usos de áreas específicas do rio Caldas pelos banhistas, bem como o projeto de construção do Lago de Bela Vista, município vizinho à Caldazinha, em que sua construção atingiria os moradores dos dois municípios, bem como outras pessoas que também apresentam envolvimento e proximidade com o rio.

Caldazinha foi emancipada como município por força da Lei estadual nº 11.699 de abril de 1992, com território desmembrado de Bela Vistas de Goiás (NOGUEIRA, 1996). Até essa data, Caldazinha de Goiás era distrito de Bela Vista, denominada de “Milho Inteiro”, sua origem data de meados de 1937.

De acordo com Nogueira (1996) e diversos relatos dos colaboradores³ da pesquisa, a região do município de Caldazinha era rota da Estrada Real, usada para chegar à Vila Boa ou Cidade de Goiás, servindo de passagem para as caravanas, tropas e comitivas de boiadeiros, que adentravam o alto sertão vindos de rotas seculares abertas ainda nos tempos da Colônia.

A presença das fontes hídricas no município é lembrada como fator importante na formação do povoado. Como podemos observar neste trecho de um informativo municipal divulgado em 2007.

Um córrego de águas cristalinas atravessava essas terras, onde suas margens serviam de parada dos viajantes. De acordo com a tradição, uma caravana que ali pernoitava, em falta de mantimentos, encontrou uma roça de milho seco, colheram as espigas para fazer uma canjicada com grãos inteiros. O que deu origem ao nome do córrego e da região. “Milho Inteiro”. (Prefeitura Municipal de Caldazinha de Goiás, Informativo 15º aniversário 2007).

Atualmente, Caldazinha de Goiás é um município pertencente à região metropolitana de Goiânia (localiza-se a 30 quilômetros de Goiânia) tendo como localização geográfica a latitude (S) 16º 42' 50'', longitude (W) 49º 00' 07''. Com 866 metros de altitude, área de 312 Km² e uma densidade demográfica de 11,4 hab. (Prefeitura Municipal de Caldazinha/2008) (Conferir figura 02).

³ Optamos pelo uso da história Oral Temática, com a utilização de entrevistas/narrativas como instrumentos metodológicos. Segundo autores como Meinhy & Holanda (2007) e Meinhy (2005) este é um processo democrático com participação espontânea de ambas as partes. Desta forma, os entrevistados não são depoentes, portanto, devem ser reconhecidos como colaboradores.

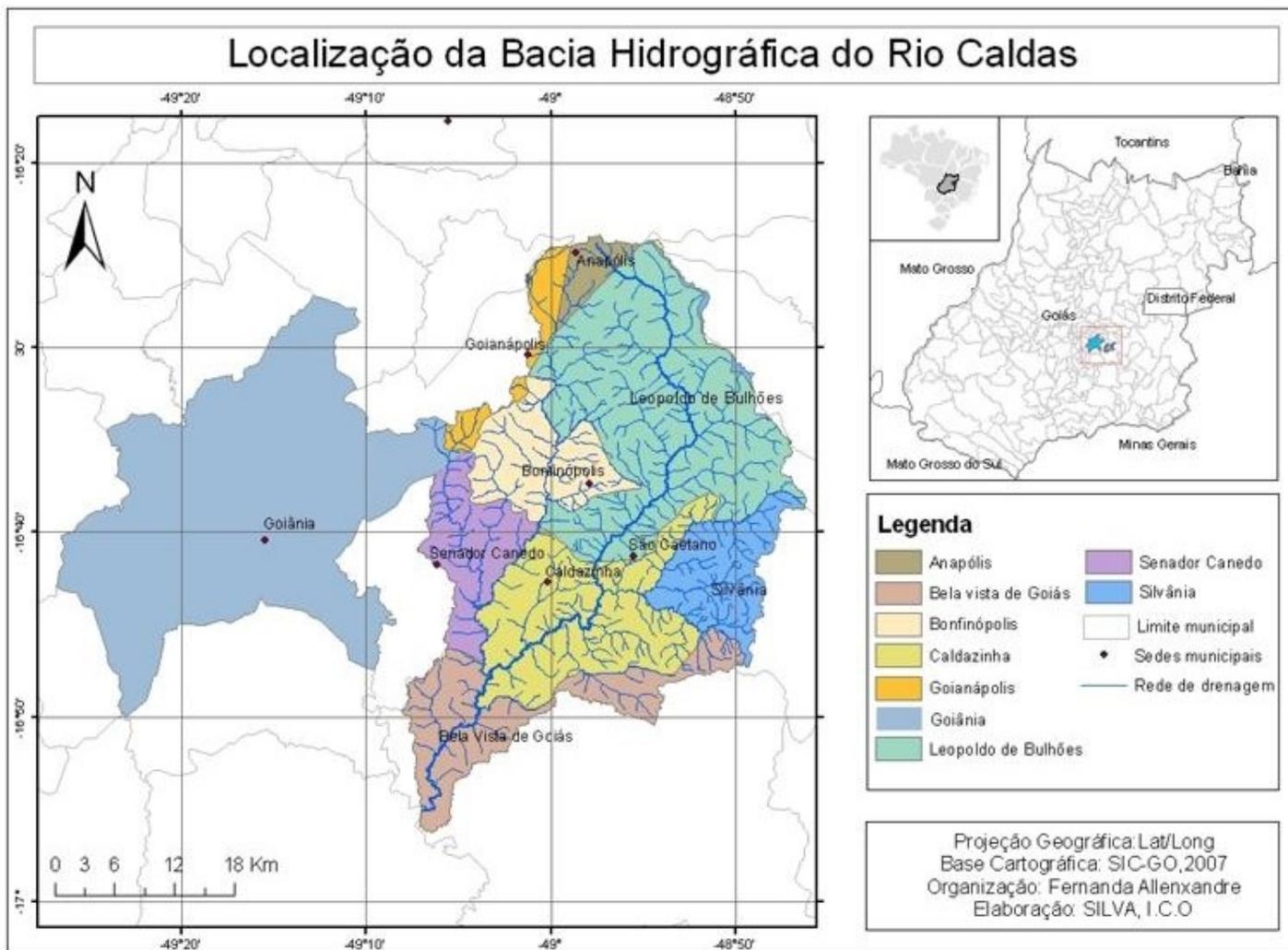


Figura 01: Mapa de Localização e da área da Bacia hidrográfica do Rio Caldas

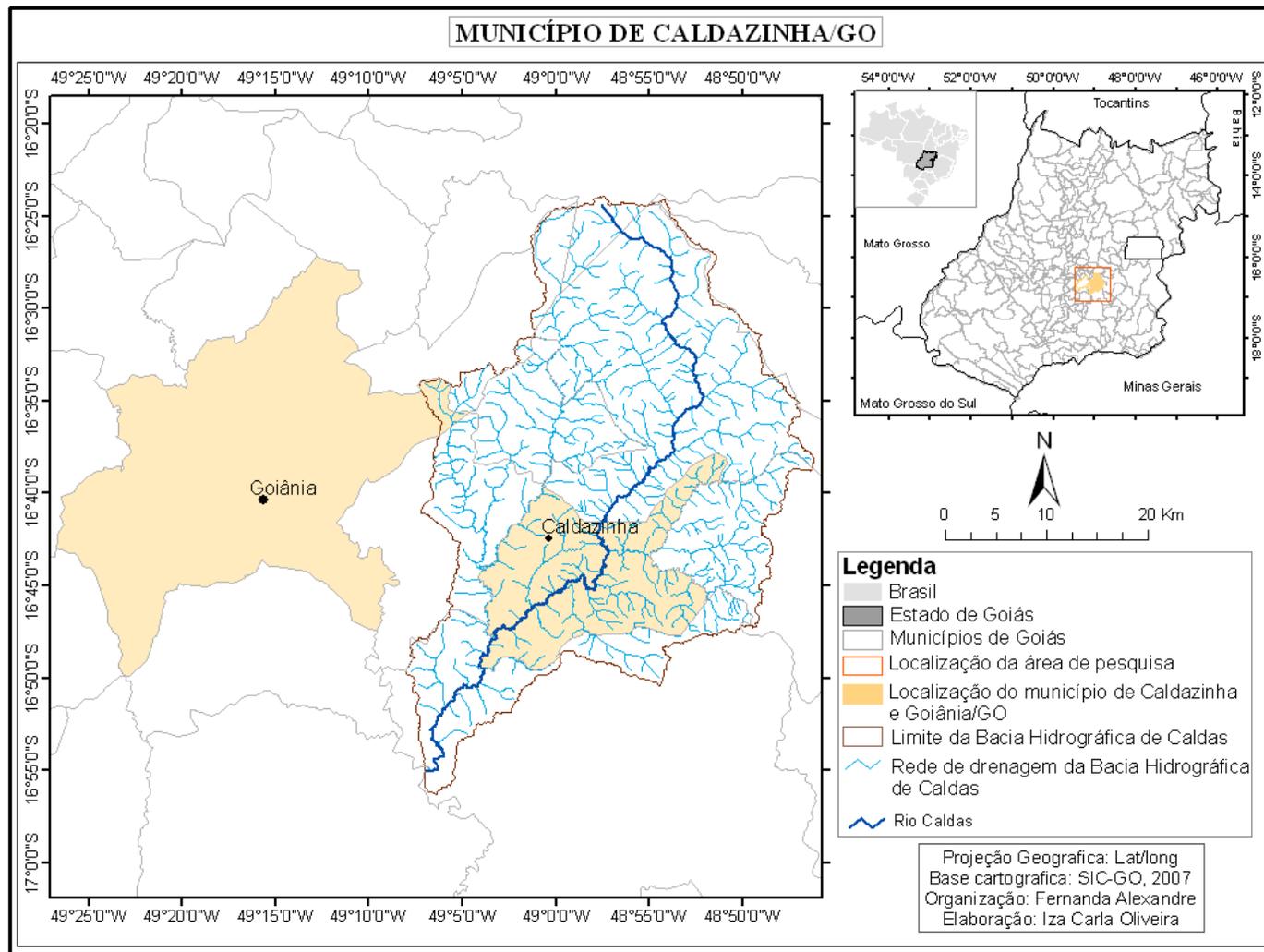


Figura 02: Mapa de Localização de Caldasinha

Na área do município de Caldazinha de Goiás, além do rio Caldas temos o rio Sozinha, contribuidor para a nomenclatura do município (Caldas + Sozinha = Caldazinha), determinado por sua localização situada entre os rios Sozinha e Caldas. Após 18 anos de emancipação, o município possui economia baseada na agricultura, plantio de frutas, rizicultura, cafeicultura, cana-de-açúcar, feijão, mandioca e milho, pecuária e criação de aves, peixes, bovinos e suínos.

A cidade é dinamizada pelos moradores residentes na área rural, nos setores de educação, saúde e comércio. O município apresenta proximidade com a região metropolitana de Goiânia (como pode ser observado na figura 02), fator que facilita o acesso dos moradores da capital ao rio Caldas, bem como a possibilidade de em um futuro próximo este rio se tornar abastecedor de águas para a capital goiana.

Com o processo de ocupação a partir da década de 1930, da bacia hidrográfica do rio Caldas, este que é um importante afluente do rio Meia Ponte sofreu significativas transformações ambientais. Esse processo dinâmico de modificação foi impulsionado pelo crescimento dos núcleos urbanos, pelo desenvolvimento de novas práticas de apropriação do ambiente por pessoas residentes em outros municípios ou pelas novas roupagens dadas ao rural como resultado da nova organização espacial para atender as necessidades urbanas.

Como exemplo, temos a expansão dos loteamentos de chácaras, destinadas especialmente para usos de finais de semanas por pessoas residentes em áreas urbanas, que, na realidade, praticam um turismo desarticulado, sem prévia atenção às questões ambientais.

Sendo o rio um componente integrante do foco da pesquisa, encontramos duas vertentes que permeiam e contextualizam as relações dos colaboradores com o mesmo. Uma surgiu no ano de 2000, com o lançamento do projeto para a construção da barragem do lago turístico que seria (ou será)⁴ construído pela Empresa de Abastecimento de Água e Esgoto de Goiás (SANEAGO).

Segundo fontes escritas (*Jornal Diário da Manhã*, 2002), o lago seria voltado para o turismo náutico e com uma grande área de lazer. Seu órgão propositor o vê como um grande empreendimento para o turismo. Podemos observar o detalhe deste plano, nos fragmentos do jornal a seguir.

⁴ O projeto encontra-se embargado no ministério público de Goiás.

[...] se depender da Saneago..., será desenvolvido um arrojado plano diretor que deverá ficar pronto nos próximos cinco meses, para a construção de uma barragem no Ribeirão Caldas, apenas 18 quilômetros do centro da capital, com o lago voltado ao turismo náutico e com uma grande área de lazer. [...] o presidente da Saneago só vê vantagens na criação da barragem do Ribeirão Caldas: na sua orla poderão ser construídos condomínios horizontais, residências, hotéis, bares, restaurantes, ou seja, uma malha turística com infinitas possibilidades [...] (SILVA, 2000).

Aesse (2000) em manchete de *Jornal O Popular*, relata outro aspecto em que a construção do lago seria destinada. “(...) o Lago de Bela Vista tem também uma função estratégica, a de aliviar pressões de caráter ambiental da futura represa do ribeirão João Leite que formará um outro lago, destinado à captação de água para o abastecimento da população de Goiânia [...]”. A construção do proposto lago, fomenta discussões e debates. A barragem do ribeirão João Leite já está em fase de construção final.

Até o presente momento não se sabe se o projeto do lago de Bela Vista será executado, e a comunidade de ambos os municípios convivem com a incerteza de sua realização. Aos colaboradores da pesquisa e aos novos atores do rio fica a dúvida e a angústia sobre o que a construção da obra desencadeará na organização espacial e nas distintas relações que eles possuem com o rio.

A proposta de construção do lago reflete no imaginário dos colaboradores e se entrelaça nas palavras e lembranças narradas. Apesar do direcionamento da proposta ser para o município de Bela Vista de Goiás, esta atinge os moradores do município de Caldazinha, pois a área alagada compreenderia as terras dos mesmos, principalmente os residentes na área rural, margeada pelo rio Caldas.

Outra situação é encontrada ao longo do rio Caldas, especialmente na área do município de Caldazinha. Nesta área, denominada de “pé de ponte”⁵, acompanha-se uma nova funcionalização do rio; uma vez que antes esse era culturalmente vivenciado pelos moradores locais apenas como espaço de lazer e recreação e não lhe era atribuído valor econômico, a não ser os peixes que oferecia.

Na última década, o rio passou a ser considerado como um espaço para as práticas de atividades, como pesca, camping, áreas de banho e outras modalidades, como podemos observar neste enunciado encontrado em um jornal local de 2002.

⁵ Área em que foram construídas as pontes sobre o rio Caldas e atualmente as pessoas utilizam para banho e outras atividades nos finais de semana.

“As águas frescas do Rio Caldas correm mansas, banhando de fertilidade as terras ao seu redor. A paisagem é diferente de outras épocas, e os ranchinhos simples agora dão lugar a belas casas de alvenaria próximas ao curso da água” (*Jornal Diário da Manhã*, 2002).

O rio está deixando de ser visto somente como recanto das águas prazerosas e adquirindo cada vez mais rótulos econômicos. “O lazer de Caldazinha, privilegiado pelo descampado, são as águas do rio Caldas, com suas margens cobertas por finas relvas. Turistas e população local utilizam este espaço para camping e pescaria.” (*Jornal Diário da Manhã*, 2002).

A nova funcionalização do rio determina novas configurações espaciais voltadas para atender às demandas econômicas. Esta forma refuncionalizada de uso impôs ao rio Caldas mudanças; sejam elas nos aspectos materiais ou nos simbólicos.

De acordo com cada período histórico, a sociedade se organiza visando melhores condições de satisfações pessoais; aproveitando as possibilidades e as condições oferecidas pelo ambiente. Esse pressuposto fica evidente no enunciado escrito e divulgado no jornal *Diário da Manhã*, no ano de 2002.

Nos acidentes de suas águas causados pelas pedras pretas, nos vários pontos de seu percurso, há vários pontos de formações de pequenas quedas d’água borbulhantes; acessíveis aos banhistas. Foi constatado que algumas pessoas de Goiânia estão começando a freqüentar o local, em busca de paz e contato com a natureza.

Um mesmo rio com diferentes representações, um Caldas histórico, material e simbólico, permeado e constituído por sujeitos diferentes no modo de usá-lo, significá-lo e representá-lo.

1.2 Os Narradores do Rio Caldas e seus Novos Atores

O ambiente/espaco é um dos componentes principais na constituição da memória dos sujeitos. As representações sociais nos facilitam a maneira de compreender o outro; o outro como sujeito; aquele que vivencia experiências e tem sua historicidade no ambiente.

A análise perceptiva da transformação é evidenciada por aqueles que residem no lugar há mais tempo cronologicamente. Neste caso, os antigos moradores,

sujeitos que acompanharam a fomentação e a concretude do novo, são os que, atualmente, retêm as lembranças de como esse processo ocorreu e quais foram essas transformações.

A opção em se trabalhar com o referido grupo de colaboradores, caracterizados como antigos moradores, pessoas residentes próximo ou ao longo do rio Caldas, se deve ao fato dos mesmos serem os sujeitos e personagens que vivenciaram o processo de mudança material e simbólica no rio e nas suas áreas próximas. Vistos desta forma, são aptos portadores dos registros cientificamente válidos das mudanças e/dos impactos ambientais ali encontrados.

Os colaboradores trazem marcas e transformações ambientais/espaciais, permanentes no tempo e no espaço. Entender quais os elementos da relação mnêmica dos idosos com o rio, possibilita compreender como estes observam e compreendem as transformações e como elas ocorreram, uma vez que as vivenciaram. Suas lembranças carregam experiências e transformações pessoais e de seu grupo social.

No contexto desta pesquisa, esse resgate da história espacial ocorre por meio das narrativas, instrumentos de suma importância, por permitir um entendimento dos processos de transformações retratados pelos sujeitos que vivenciaram essa mudança no rio.

Em nossa cultura, os idosos possuem a função de lembrar e de serem narradores. Exemplificando tal assertiva, valemo-nos de Delgado (2007, p. 152) ao afirmar que os idosos são: “Homens e mulheres que, por meio de seus códigos culturais, são capazes de falar de si e de seu mundo social, interpretando e construindo significações”.

O envelhecer é um processo biologicamente natural. Camaro (2002, p. 5) indica que o envelhecimento pode ser percebido e entendido de várias maneiras se considerarmos as variações culturais de cada sociedade. “Pode-se referir a processos biológicos, aparência física, eventos de desengajamento da vida social, como aposentadoria, e o aparecimento de novos papéis sociais, como os de avós”.

O envelhecimento em um país com as condições e diferenciações econômicas como o Brasil torna esta etapa da vida para os idosos com baixo poder aquisitivo um processo com certas adversidades. A falta de infra-estrutura nos setores de transporte, locomoção, acesso aos atendimentos de saúde e lazer ficam

comprometidos. Bosi (1987, p. 37) determina a seguir situações a que milhares de idosos são expostos todos os dias em cidades brasileiras.

O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo homem. O coeficiente de adversidade das coisas cresce: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas de percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. O mundo fica eriçado de ameaças e ciladas. Uma falha uma pequena distração são severamente castigadas.

Visando melhores condições e qualidade de vida para os idosos no Brasil, está em vigor o Estatuto do Idoso⁶, cujo objetivo é proteger a dignidade das pessoas com idade avançada em todas as leis infra-constitucionais, propondo diretrizes nos itens: direitos à vida, medidas de proteção, política de atendimento ao idoso, e do acesso a justiça.

A idade para se considerar uma pessoa no grupo de idosa varia segundo o grau de desenvolvimento do país. De acordo com o IBGE (2002) a Organização Mundial da Saúde - OMS - define a população idosa como aquela a partir dos 60 anos de idade, nos países em desenvolvimento e 65 anos em países desenvolvidos.

Ao grupo de idosos são designadas pessoas acima de 60 anos, no entanto, como esta categoria compreende uma variação que atinge mais de 30 anos, têm-se duas classificações para este grupo. Os idosos mais jovens de 60 a 79 anos e os idosos mais idosos correspondendo ao grupo de pessoas de 80 anos a mais (CAMARO, 2002).

A população idosa vem apresentando uma projeção com elevada ascensão no Brasil⁷ e de forma geral a nível mundial. “Em 1950, eram cerca de 204 milhões de idosos no mundo, já em 1998, quase cinco décadas depois, este contingente alcançava 579 milhões de pessoas, um crescimento de quase 8 milhões de pessoas idosas por ano” (IBGE, 2002).

Além do Estatuto do Idoso, outra lei vigente no Brasil é a Lei sobre a Política Nacional do Idoso⁸. De acordo com o seu texto, esta tem por objetivo assegurar os direitos sociais do idoso; criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade. No entanto, estes objetivos não são alcançados em sua plenitude.

⁶ Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003.

⁷ De acordo com o Censo de 2000 o Brasil já possui quase 15 milhões de pessoas idosas.

⁸ Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994.

Camaro (2002) destaca alguns processos que contribuíram para o aumento no número de idosos. “Altas taxas de crescimento, em face da alta fecundidade prevalecente no passado comparativamente à atual e à redução da mortalidade”. Processos que têm implicado em uma nova reorganização na estrutura da família e da sociedade, especialmente em relação à moradia, renda familiar, estado civil, saúde, educação e lazer.

Com o aumento da população idosa, os governos e outras formas institucionais articulam mecanismos políticos, visibilidades, inserções, direitos e consumos desta população na sociedade, por meio de leis. Estes fatos provocam rupturas nos papéis antes desenvolvidos por esta categoria populacional e se tem pensado cada vez mais em especificidades para atender esse grupo social. Delgado (2007) nos traz exemplos dessas mudanças:

Sem dúvida, nos últimos anos houve um aumento da visibilidade pública do aposentado que passa inclusive a ser reconhecido como sujeito político, e do idoso em geral, sujeito de novos direitos, consumidor dotado de gostos, preferências e necessidades, movimento que vem sendo interpretado, no discurso da mídia e na elaboração de muitos idosos, como ampliação de autonomia individual e da cidadania (DELGADO, 2007, p. 157).

Os benefícios previdenciários operam como um seguro de renda vitalício. Desta forma, em muitas famílias de baixa ou média renda, quando os idosos não são os “chefes” das famílias, ou residem em moradias com os demais membros, sejam filhos, netos e outros parentes, contribuem para a renda familiar. Camaro (2002) destaca ainda que em muitos casos, a renda dos idosos constitui-se na única fonte de renda das famílias, fato que é muito comum nas comunidades de renda mais baixa, residentes em periferias.

Diferentes responsabilidades são determinadas aos idosos, tornando-os pessoas cada vez mais atuantes nas diferentes esferas da sociedade; desde a econômica com mercado voltado para os interesses deste público, bem como a inserção dos idosos no mercado de trabalho.

As responsabilidades com aquisições de planos de saúde, bem como formas de lazer também são repassadas aos idosos. Como afirma Delgado (2007, p. 157):

Pode-se dizer, então, que o contexto contemporâneo tem produzido mecanismos que visam interpelar a subjetividade do idoso, sobretudo no sentido de sua constituição como indivíduo autônomo, quer através da linguagem do direito, do consumo, da possibilidade de

controle do corpo e da manutenção das redes de sociabilidade, bem como através da idéia de que a responsabilidade pelo envelhecimento é exclusivamente individual.

A Organização Mundial da Saúde e os Governos, Federal e Estaduais, por meio das políticas públicas para os idosos e do Estatuto do Idoso, ampliaram os direitos deste grupo. No entanto, muito ainda precisa ser discutido e relevado, pressupondo que em nossa sociedade as relações sociais são aceleradas e aumentaram as possibilidades de melhores condições de vida.

A urbanização e a modernização não implicaram apenas em mudanças políticas ou estatutos visando à garantia de determinados direitos. Elas geram, também, o enfraquecimento da palavra proferida. Talvez, possamos pensar ao contrário, pois, cada dia mais indivíduos se conectam ao mundo da palavra escrita, as redes de conversas são informatizadas, as informações são processadas em instantes. Mas há um enfraquecimento daquele sentido anterior do que significava a verdadeira palavra, enquanto referência perene, duradoura, constante e tenaz.

Porém, as vivências e experiências não são mais narradas, as realidades são computadorizadas, o papel da palavra dos sujeitos é esvaecido, as memórias são menos utilizadas e conseqüentemente rapidamente esquecidas, como nos confirma o autor seguinte:

No mundo da sobremodernidade, a palavra viva se enfraquece e se desnatura. As máquinas transmitem palavras, melhor dizendo, as recitam. A comunicação comercial frequentemente as maltrata, no intuito de produzir efeitos publicitários. A palavra verdadeira desaparece em proveito de linguagens oportunistas. As solidões permanecem confinadas em um espesso silêncio, e os “que têm pouco” pedem para ser compreendidos. Crise da palavra gerada, contraditoriamente, pelo excesso e pela carência. É também desta crise que advêm o empobrecimento de nossas memórias, a desqualificação de nossas temporalidades e de nossos lugares (BALANDIER, 1999, p. 72).

As memórias não narradas com o tempo são esquecidas, porém, as palavras ditas e escritas não se perdem nos ares. As narrativas transmitem as mudanças nos espaços e lugares, pois relatam às trajetórias dos colaboradores, uma palavra que não apenas foi dita, porém também vivida.

A relação do idoso com o espaço é evidenciada no “lugar”. Neste, o colaborador possui distintas experiências e significações por ter permanecido muito

tempo na mesma localização, fator não mais importante para caracterizar um espaço em lugar, no entanto um quesito importante.

A permanência no lugar confere aos idosos, condições de informar sobre as modificações no ambiente local, pois, como nos menciona Almeida, eles possuem forte ligação com o lugar.

O idoso tem uma forte ligação com o lugar. Afinal, todas as lembranças estão enraizadas em seu espaço, em sua paisagem habitual. A modificação da paisagem do qual faz parte sua vida – a velha casa do velho amigo, que não resistiu as velhas paineiras que se enfileiravam na rua de sua casa, onde ao entardecer os pássaros faziam algazarra, o velho rio, hoje morto, que rendia boas pescarias e boas prosas com os amigos nos finais de semana, todos continuam vivos, preservados em sua memória, na memória de seu grupo (ALMEIDA, 2004, p. 43).

Nesta pesquisa, temos como colaboradores um grupo de idosos em que três são pertencentes à categoria de “idosos mais jovens” e três na categoria de “idosos mais idosos”. Esta separação não foi previamente definida, fomos conhecendo os colaboradores a partir das indicações da população do município de Caldazinha.

Nosso intuito foi de selecionar um número amostral para representar a categoria de idosos, sob a condição de conhecerem o rio Caldas de longo período⁹, considerando o fato de estes colaboradores narrarem às alternâncias ocorridas no lugar.

O grupo de colaboradores foi constituído por três homens casados, dentre os quais, um é professor aposentado e dois são lavradores também aposentados. Das mulheres idosas, duas estão na categoria de idosas novas, sessenta e três e sessenta e seis, e uma na faixa etária de “idosa idosa”, com noventa e cinco anos, das colaboradoras apenas uma é casada e as demais viúvas.

As narrativas foram conduzidas com entrevistas semi – estruturadas¹⁰, visando à história oral temática, direcionando para nosso foco de compreensão a relação entre os moradores o rio e as mudanças ambientais ocorridas no mesmo. Confirmando a idéia de Almeida (2004, p. 43) de que: “a partir da primeira entrevista e no decorrer das demais, os informantes invariavelmente acabam falando de suas histórias pessoais”.

⁹ Este critério foi de suma importância para o item “conhecer” o rio. Dois dentre os colaboradores ainda residem às margens do rio Caldas os outros por terem vendidos seus lotes para a formação de Chácaras residem na área urbana do município de Caldazinha.

¹⁰ O modelo das entrevistas consta no Apêndice A.

Passamos, então, a pedir para que falassem de suas experiências com a historicidade do rio, estando estas entrelaçadas com a história do município de Caldazinha, desde os tempos da Suçuapara e do Milho Inteiro resultando todos em casos com riquíssimas narrativas envolvendo o rio Caldas e a vida dos colaboradores¹¹.

Antes de conhecermos os colaboradores é importante destacar o fato de todos os idosos conhecerem o rio Caldas a mais de quarenta anos. Alguns residem no mesmo local por este mesmo período, vivenciando suas perenes modificações ao longo de todo esse tempo.

Outro fator importante é a origem destes idosos: dentre os seis colaboradores apenas dois não são originários da região, porém, vieram para Caldazinha com o processo migratório, ainda crianças, por volta da década de 1930. Destacamos estes fatores mencionados, pois, os colaboradores também os fazem, visando reforçarem suas raízes locais, identitárias e culturais. A seguir temos um quadro do grupo de colaboradores.

Grupo de Colaboradores						
Nº	Nome	Idade	Situação Civil	T. R.L ¹²	Ocupação	Origem
01	Zulmira	66	Viúva	43	Lavadora	Barro Amarelo - Bela Vista de Goiás
02	Maria Dutra Golveia	95	Viúva	95	Lavadora	Fazenda Milho Inteiro ¹³
03	Lázaro Dias Vieira	67	Casado	67	Lavador	Fazenda Milho Inteiro ¹⁴
04	Sebastião Rodrigues de Oliveira	86	Casado	47	Professor	Tarús de Paranaíba – MG
05	Maria Aparecida Teixeira	63	Casada	63	Lavadora	Fazenda Caldas - Go

¹¹ No apêndice B podemos encontrar uma narrativa de exemplo.

¹² Tempo residente na Localidade.

⁹ Tempo residente na localidade.

¹⁰ Atualmente área pertencente ao município de Caldazinha.

¹¹ Atualmente área pertencente ao município de Caldazinha

¹² Todos os demais colaboradores permitiram a gravação de imagens e narrativas bem como o uso e publicação das mesmas.

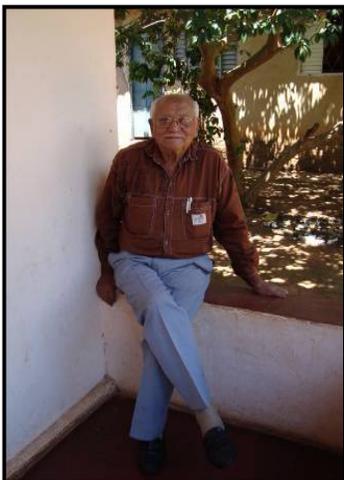
06	Rosendo José Raimundo	72	Casado	40	Lavrador	Município da Bahia
----	--------------------------	----	--------	----	----------	--------------------

Quadro 01: Apresentação do grupo de Colaboradores.
Org.: Alexandre, F., Trabalhos de Campo 2008/2009.

Apesar de apenas dois colaboradores estarem atualmente residindo na área rural, os demais se mudaram há pouco tempo para a área urbana do município de Caldazinha; desta forma, suas ações, modos de vida e seus imaginários estão permeados pelas relações das pessoas do campo com a natureza. Homens e mulheres com relações experienciais locais, alguns mais outros menos, no entanto, todos narraram a memória do rio Caldas, cada um do seu jeito, com suas representações e significações próprias ou comunitárias.

Como toda boa história tem seus “contadores”, ou melhor, narradores; vamos conhecer cada um destes colaboradores que, narrativa após narrativa, nos revelaram suas memórias e construíram as memórias do rio. Dentre os colaboradores, a idosa Zumira, em nosso segundo contato não permitiu o registro de imagens, nem a gravação da narrativa.

Alegou que já não se sentia bem ao falar do rio, já não lembrava mais nada sobre ele. O relembrar e reviver memórias para algumas pessoas trazem saudosas lembranças, enquanto para outras é angustiante e dolorido, pois, é algo sem volta. Desta forma, temos apenas algumas riquíssimas informações prestadas por esta colaboradora, e seguimos com os outros narradores.



Este é Senhor Sebastião Rodrigues de Oliveira, mineiro de 86 anos, residente no município de Caldazinha há 47 anos, professor aposentado, representa uma pessoa importante no município por sua história política, tendo sido o único sub-prefeito e um dos primeiros vereadores.

Mostrou, no início de sua narrativa, ser um homem envolvido com as questões políticas e educacionais do município. Estas formam as primeiras impressões e informações que senhor Sebastião me transmitira. Um simpático colaborador que me recebeu na área de sua casa, no início meio inibido, no entanto, aos poucos foi me contando sobre sua vida e sobre o rio.

Reside na área urbana do município, com sua esposa. Sua mudança para Caldazinha se deu devido à necessidade de professores para o município, quando foram erguidas as primeiras paredes das salas de aulas, por pedido da população ocorreu sua transferência. Ele conta em detalhes como era o município no início de sua formação.

Senhor Sebastião relata sobre o desprezo político para com o município e suas precárias condições de infra-estrutura, bem como, sobre o processo histórico de apropriação do rio, principalmente das práticas culturais, formas de acesso e mudanças.

Foi em uma manhã de dezembro, quando conheci a graciosa dona Maria Dutra Golveia, noventa e cinco anos de história. Morando em sua pequena casa ao lado da praça de Caldazinha com um neto; foi uma das colaboradoras mais indicadas pela população. Me diziam: ‘a velhinha é boa pra conversar’, até que a encontrei, com um estado de saúde debilitado.



Ela me contou deste os tempos das parteiras, o início da formação de Goiânia e Campinas. A formação de Caldazinha e as dificuldades de acesso aos municípios próximos. Mãe de dez filhos, figura presente nas festas de Trindade, indo de carro de boi, assim como em Anápolis à Cavalô.

D. Maria reside nesta casa ha 25 anos. Antes deste período, era chacareira próxima ao rio Caldas com seu finado esposo; após sua morte ela se mudou para Caldazinha. D. Maria puxou pelo fio da memória para relatar sobre o rio, desde os tempos de seu avô quando ainda se tinham os ranchinhos de beira rio, servindo de abrigo para as pessoas que iam trabalhar na agricultura.

Ela nos narrou sobre as condições físicas do rio, sobre as práticas de agricultura, dos limites territoriais definidos pelo rio e dos laços de parentesco que eram estabelecidos pelas atividades as margens do rio.



Após muito procurar encontrei Senhor Rosendo José Cardoso, indicado por sua nora que trabalha na Secretária de Meio Ambiente de Caldazinha; no dia de conhecê-lo, peguei carona com o transporte escolar do município até sua casa em um sítio as margens do rio Caldas.

Baiano, veio para Goiânia em 1959 e após três anos de permanência na cidade, mudou-se para o sítio que reside até hoje. Agricultor, aposentado, acompanhou os processos de desmatamento nas terras próximas ao rio Caldas, de alargamento do rio, da quantidade e qualidade das águas e as enchentes.

Senhor Rosendo nos contou sobre as periodicidades das enchentes, sobre a possível construção do Lago da Saneago e sobre a colocação das dragas e do processo de degradação do rio. É evidente a satisfação do Senhor Rosendo pela abundância das águas em suas terras, apesar de nunca ter sido um pescador de “mão – cheia”, ele relata as grandes pescarias de antigamente.

Outra questão muito presente na narração deste colaborador é a forma de apropriação do rio pelos banhistas na área de pé de ponte. Ele nos relata a periodicidade desta ação, as atividades realizadas e o comportamento dos banhistas. Ficou perceptível a importância que Senhor Rosendo atribui ao rio em suas terras; primeiramente pelo valor econômico e, depois, como ponto de encontro para as relações afetivas, familiares e de lazer.

Caminhamos as margens do rio Caldas e Senhor Rosendo contou o significado do rio para sua vida, para suas terras, e para sua família. Plantando e vivendo com uma agricultura de subsistência, narra com orgulho a respeito de suas plantações de milho, mandioca, arroz, além da criação de animais para consumo como: galinhas, porcos e gado¹⁵.

¹⁵ De acordo com o colaborador umas “vaquinhas pra dar leite pra menina”.

Em minha primeira visita à Secretaria de Assistência Social de Caldazinha, ao relatar o objetivo da pesquisa à secretária então vigente na ocasião do referido órgão, pedi indicações de idosos para serem os colaboradores da pesquisa.

Esta me remeteu à Maria Aparecida Teixeira, sessenta e três anos, a mais jovem dos colaboradores na categoria “idosos jovens” foi, sem dúvida, a mais empolgada com a história de Caldazinha.



Neta do fundador da cidade, ela nos narra todo o processo de criação e formação do município, desde o desmembramento do município de Bela Vista. Goiana originária de uma fazenda atualmente pertence ao município de Caldazinha, teve sua história de vida ligada ao trabalho no campo, às margens do rio Caldas.

Seu modo de vida sempre foi conduzido pelas atividades e práticas da área rural, como exemplo do manuseio do gado, trabalho na terra com plantação, cozimento no fogão de lenha, moagem de cana e produção de sabão.

Sua família adquiriu terras às margens do rio Caldas desde a época de seu avô, o qual as dividiu com seus filhos; o pai de dona Maria ficou com uma chácara às margens do Rio Caldas. Dona Maria conheceu o rio quando este ainda ficava coberto pela vegetação, acompanhou o processo de desmatamento em suas margens e, igualmente, a construção das primeiras casas de pau a pique, depois com paredes de adobes e rebocadas.

Outros relatos são respectivos às condições de acesso aos bens de consumo, e as doenças propagadas às margens do rio, como a malária e a febre tifo. A colaboradora atribui suas relações e experiências com o rio, especialmente relativa às distâncias e proximidades geográficas do rio e seu local de residir.

Seguido a isto, ela destaca as atividades realizadas na agricultura, na lida com o gado e no acesso à água. Narra, também, sobre as enchentes, e sobre a falta das mesmas, sobre as mudanças no rio, como quantidade e coloração da água.

A principal preocupação manifestada pela colaboradora é sobre a contaminação das águas do rio, devido às práticas que estão sendo desenvolvidas às suas margens, como as plantações de lavouras com a utilização de venenos, motores a óleos e uso das dragas.

E ressalta, ainda em sua narração, a importância da mobilização política para a conservação do rio, envolvendo Secretária de Meio Ambiente, governos com destinação de verbas e muito trabalho.



Era por volta das 11 horas de um dia chuvoso quando cheguei à casa do Senhor Lázaro Dias, ou melhor, Lázaro Ponte, por preferência do colaborador.

Ele, juntamente com seu filho, estava ainda no curral; ao lhe explicar o objetivo da pesquisa ele me sorriu e disse: “vai ser um prazer falar sobre o Caldas, sobre o lugar onde eu nasci”.

Homem simples de vida no campo, residente em sua chácara na beira do Rio Caldas desde seu nascimento a sessenta e sete anos, ocorrido em uma fazenda da região denominada de Milho Inteiro.

Reside com sua esposa e um dos seus três filhos; uma mora em Goiânia e o outro falecido em um acidente de moto. Iniciamos sua narrativa na cozinha, degustando café com queijo, feitos por dona Helena, esposa do senhor Lázaro. Um colaborador cativante, alegre, envolvente que nos conduz facilmente em sua narração.

No início, ele também nos relembra a divisão geográfica do território de Caldazinha. Posteriormente, nos relata sua história com o rio Caldas, vivências e experiências, envolvendo relações familiares de caráter intergeracional, conhecimento sobre os processos e modificações pelas quais o rio vem passando, usos e práticas materiais e simbólicas.

Senhor Lázaro relata como o uso do rio pelos banhistas modificou as relações e as formas de usá-lo. O colaborador nos partilha suas memórias, carregadas de lembranças saudosas, afetivas, e significativas; as pescarias com os familiares; os banhos com os amigos; as grandes enchentes; o leito do rio que afundou; a retirada da vegetação; os barrancos em processo de assoreamento e as águas agora formando correntezas.

Entre os sujeitos colaboradores, individuais ou em grupo, encontramos pessoas socializadoras de suas “lembranças”, “histórias”, “casos” e “memórias” presentes nos “eu vi”, “eu vivi”, “eu senti”, “era assim”, “era daquele jeito”, “hoje é

assim”. Essa análise do discurso nos permite inferir que o mesmo vem entranhado na memória pessoal e coletiva, marcada no avançar das gerações, por relações que o tempo não pode pagar.

Descrevendo sobre o rio “o rio era assim”, “o rio era grandão”, “o rio tinha uma ponte”, “o rio enchia até...” “dava muito peixe no rio”, “nois banhava no rio”, “o rio faz parte de mim”. Dentre os valiosos aprendizados que esta pesquisa possibilitou o ouvir foi o mais marcante; ouvir narrativas fundamentadas por longas permanências na mesma localidade, o que possibilitou aos colaboradores conhecerem a materialização do tempo no espaço, bem como, desenvolverem subjetivamente seu enraizamento, suas simbologias e significações.

A partir das constatações realizadas no exercício dos trabalhos de campo, verificamos que o rio possui outros atores. Denominamos de “atores”, pois, são pessoas a que o rio representa significados, sejam simbólicos ou materiais, ou são pessoas que possuem outras formas de relações com o ambiente no qual o rio faz parte.

Estes atores foram divididos em órgãos governamentais¹⁶: Secretaria de Meio de Ambiente de Caldazinha e Sistema de Ensino (Municipal de Estadual) e Organizações Sociais e Particulares¹⁷. São atores residentes no município de Caldazinha ou em outros municípios constituintes da bacia hidrográfica do rio Caldas, bem como de município de Goiânia.

3 Pesquisar é preciso ...

Os estudos sobre a temática ambiental emergiram no campo técnico, em virtude de deste pressuposto apresentam defasagens concernentes às reflexões metodológicas e epistemológicas. Nos trabalhos relacionados a essa temática, não se tem apenas um método de análise, como enfoca Moraes (2005, p. 47) “(...) Sabemos que há uma grande diversidade de métodos nas ciências contemporâneas, cada um trazendo formas próprias de abordar a realidade, com visões distintas a cerca da natureza, sociedade e da relação sociedade-natureza”.

Trabalharemos respaldos no método fenomenológico, o qual se destina a empreender as pesquisas sobre fenômenos vividos e experienciados. Esse

¹⁶ Item a ser apresentado no Meandro III desta pesquisa.

¹⁷ Item a ser apresentado no Meandro III desta pesquisa.

empreendimento ocorre por meio de descrições de experiências dos sujeitos a respeito dos fenômenos e práticas subjetivas, e de que verdades essenciais acerca da realidade são baseadas na experiência vivida. É importante a experiência tal como se apresenta, e não o que possamos pensar, ler ou dizer acerca dela. “Neste método o que interessa é a experiência vivida no mundo do dia-a-dia da pessoa”. (MOREIRA, 2002, p. 108). e ele procura à apreender por meio dos acontecimentos, das essências, das significações ideais e das representações. Este método leva-nos a buscar uma interpretação e compreensão dos fatos, pois, estes são vistos, sentidos, vividos e experienciados pelos sujeitos. Desta forma aborda o plano da essência e não apenas da aparência.

De qualquer forma, apesar das divergências, todos os adeptos de sua escola utilizam o mesmo método de investigação que é o método analítico. O método analítico significa que não se parte dos princípios, sumos derivando deles as conseqüências, mas parte-se sempre do que se vê, buscando compreender e descrever o dado. (...), nesse sentido podemos dizer que há uma escola fenomenológica, a qual aceita esta maneira de “ir ao encontro das coisas”, não partindo de idéias preconcebidas, já feitas. (BELLO, 2000, p. 73).

O enfoque a este método é devido ao mesmo tratar dos fenômenos subjetivos que perpassam a realidade vivida dos sujeitos com suas experiências, pois como afirma Moreira (2002, p. 48), o que interessa é a experiência vivida no mundo do dia-a-dia da pessoa e esta é sustentada subjetivamente. “As pessoas não apenas pensam, antecipam, agem, avaliam e ajustam, mas também fazem isso invocando linguagens derivadas da intersubjetividade e operam mais fundamentalmente dentro de realidades simbólicas sustentadas subjetivamente”.

Na pesquisa de pressuposto fenomenológico - qualitativo, de acordo com (TRIVINOS, 1987, p. 122) “o comportamento humano tem mais significados do que os fatos pelos quais ele se manifesta. Com ênfase na idéia dos significados latentes do comportamento humano”.

Quanto ao interacionalismo simbólico e segundo (MOREIRA, 2002, p. 47) “pode ser visto como o estudo dos modos pelos quais as pessoas enxergam o sentido nas situações que vivem (...)”. Por isso, deve-se ir ao encontro do fenômeno como naquilo que se manifesta por si por intermédio do sujeito que experiencia a situação. Desta forma, consideramos em nossa pesquisa que as realidades

simbólicas são formadas e embasadas por representações. E as representações, pelo viés do exercício da fala, revelam os elementos constituidores das memórias.

3.1 Conhecendo a modalidade e os instrumentos da pesquisa

Partimos do pressuposto de que “a pesquisa qualitativa é aquela que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números, ou então os números ou as conclusões neles baseadas representam um papel menor na análise”. (MOREIRA, 2002, p. 17).

A pesquisa qualitativa tem uma “expressão genérica” abrangente no sentido amplo e complexo. Possui suas raízes práticas desenvolvidas pelos antropólogos seguidos pelos sociólogos, com estudos sobre as vidas comunitárias e posteriormente no campo educacional.

Também não são modelos fechados até mesmo porque se propõem trabalhar com situações complexas que nos impossibilitam traçar corretamente o caminho a ser seguido. Trabalha preferencialmente com as palavras oral e escrita, com sons, imagens e símbolos. (MOREIRA, 2002).

Seguindo as referências de (TRIVINOS, 1987) existem características primordiais da pesquisa qualitativa fenomenológica como: ter o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave; ser descritiva; os pesquisadores qualitativos devem estar preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e os produtos; análise dos dados individuais e o fato de o significado ser a preocupação essencial na abordagem qualitativa.

A historicidade dos sujeitos quando narrada e descrita revela a complexidade da relação existente no ambiente entre signo/significado/significante e contexto cultural. A transmissão das experiências dos sujeitos é possível se fazendo uso da narração, como enfatiza BOSI (1987) “a arte na narração não está confinada nos livros, seu veio épico é oral”. O narrador tira o seu conteúdo ao narrar a própria experiência e a transforma em experiência dos que a escutam.

Entender como essas experiências de vida se configuram por meio das representações dos sujeitos que as vivenciaram é um recurso utilizado com os idosos, pois, “quando os velhos se assentam à margem do tempo já sem presa - seu horizonte é a morte –floresce a narrativa” (BOSI, 1987). Em nossa pesquisa, fizemos usos das entrevistas como instrumentos, considerando que estas podem ser

definidas como conversas entre duas ou mais pessoas com propósitos específicos em mente.

O pesquisador quer obter informações que o correspondente supostamente tem. “Elas fornecem informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem, ou desejam, pretendem fazer, fazem, ou fizeram” (MOREIRA, 2002, p. 54).

A importância das entrevistas ocorre no contato entre os envolvidos da pesquisa; estas não são apenas coleções de frases reunidas em uma sessão dialógica. “A entrevista é indicada como facilitadora do entendimento social” (MEIHY & HOLANDA, 2007). No entanto, o ponto de partida é o auto-relato do sujeito. Por isso, geralmente o investigador só pode coletar material que o sujeito possa relatar e esteja disposto a fazê-lo.

A performance, ou seja, o desempenho é essencial para se entender o sentido do encontro gravado. Olhar nos olhos, perceber as oscilações ou o teor emotivo das palavras, notar o conjunto de fatores reunidos na situação da entrevista é algo mais do que a capacidade de registro pelas máquinas. (MEIHY & HOLANDA, 2007, p. 35 grifo do autor).

Visando esquematizar as narrativas dos colaboradores, optamos pelas entrevistas semi-estruturadas. Estas se desenrolam a partir de um esquema básico, porém, não aplicado rigidamente, permitindo ao entrevistador realizar as necessárias adaptações. Moreira (2002, p. 54) discorre sobre estas:

O entrevistador pergunta algumas questões em uma ordem predeterminada, mas dentro de cada questão é relativamente grande a liberdade do entrevistado. Além disso, outras questões podem ser levantadas, dependendo das respostas dos entrevistados, ou seja, podem existir questões suplementares sempre que algo de interessante e não previsto na lista original de questões aparecer.

Para o conteúdo das narrativas, embasamos na história oral temática, a qual apresenta diferenças da história oral de vida. Nesta é direcionada para o colaborador, questões referentes ao objetivo da pesquisa, já na história oral a narração é ampla e abrange toda a trajetória de vida do mesmo. “A história oral temática não só admite o uso de questionários, mais do que isso, ele torna-se peça fundamental para a descoberta dos detalhes procurados” (MEIHY, 2005).

Ainda, segundo o autor supracitado, na história oral temática “A objetividade, portanto, é direta”. Desta forma, com o tema delimitado, direcionamos as perguntas

aos colaboradores para obtermos informações a respeito de suas relações com o rio Caldas.

Na história oral temática, contudo, a existência de um foco central que justifica o ato da entrevista em um projeto, recorta e conduz a possíveis maiores objetividades. Por lógico reconhece-se que a objetividade absoluta não existe, mas há recursos capazes de limitar devaneios e variações. (MEIHY & HOLANDA, 2007, p. 35).

A história oral temática é caracterizada, também, pela sua proximidade com as entrevistas tradicionais; ela não se restringe apenas à apreensão das entrevistas é preciso interpretá-las. Nossas observações, por sua vez, foram simples. Este tipo de observação é caracterizado como espontânea, informal, não planejada, porém vai além da simples constatação de fatos.

Outro instrumento relevante utilizado foi o “diário de campo”. Conhecido também como “caderno de campo”, se tornou instrumento importantíssimo à medida que nos possibilitou registrar o desenvolvimento das entrevistas, bem como outros pontos relevantes durante a realização da pesquisa.

Como observado e constatado em nossa pesquisa, corroboramos com os autores a seguir ao definirem as principais utilidades do diário de campo:

É nesse caderno que devem também constar as impressões, bem como as ligações feitas a partir dos vínculos com entrevistas anteriores e hipóteses levantadas para alcançar as futuras. O caderno de campo deve funcionar como um diário íntimo, em que são registrados até os problemas de aceitação de idéias dos entrevistados, bem como toda e qualquer reflexão teórica decorrente de debates sobre aspectos do assunto. (MEIHY & HOLANDA, 2007, p. 152).

O diário de campo pode ser utilizado em qualquer momento do desenvolvimento da pesquisa, seja para captar angústias, questionamentos e observações não obtidas por meio de outras técnicas. Nos registros realizados no diário de campo, anotamos as caracterizações, impressões e os primeiros pressupostos e ideias obtidas ao ouvir as narrativas, assim como, das expressões da fala e de corpo.

A utilização do diário de campo contribui para comparações entre o que se consegui captar no início da pesquisa e as constatações com o processo de transcrição e compreensão das narrativas. A seguir, temos um trecho do diário de

campo desta pesquisa, o mesmo é referente ao encontro e a entrevista com um colaborador.

A data de hoje é 03 de março de 2009, estou indo a campo pela sétima vez. Desde que comecei com minhas vindas para Caldazinha, entre idéias construídas, derrubadas e reorganizadas tenho certeza que muito já somei. Hoje vou me encontrar com Senhor Rosendo, o mesmo me foi indicado por sua nora que trabalha na Secretaria de Meio Ambiente do município de Caldazinha. S. Roseno é residente próximo à beira do rio Caldas. Mais uma vez fui de carona com a Kombi escolar que me deixou à porteira de sua propriedade.

Ao chegar, S. Rosendo almoçava sereno, tranquilamente sem a pressa da pesquisadora que chegava afoita em lhe relatar o motivo de sua visita. Após minha breve apresentação e de lhe falar todos os meus objetivos ele continuou almoçando... aos poucos o frescor da casa e o somido dos animais iam afastando a imagem de cidade grande (Goiânia) de nossa presença. As folhas das plantas vão sendo balançadas pelo vento que também traz uma sensação de tranqüilidade.

No término de seu almoço ele sentou-se ao meu lado, expliquei-lhe o porquê e a necessidade do gravador. Ele me indagou para que eu lhe explicasse melhor o intuito de minha pesquisa, feito isso prosseguimos com nossa conversa. De início S. Roseno me pareceu tímido, disse-me que talvez não pudesse contribuir, pois, não conhecia muito do rio. Por um instante cheguei a pensar que ele não queria falar e que minha presença estava o importunando.

Talvez fosse o conjunto de materiais (gravador, câmera, caderno, folhas de papéis) e aquela aparência e responsabilidade de uma entrevista. Eu percebia que ele não estava à vontade, de repente por um instante ele parou, me pediu licença, levantou-se foi até a cozinha e nos trouxe uma garrafa azul e dois copos para tomarmos o café e prosseguirmos a conversa.

À medida que a entrevista transcorria S. Roseno foi ficando a vontade com a minha presença e a cada pergunta minha ele demonstrava ser uma pessoa conhecedora das mudanças, especialmente no que tange aos aspectos físicos: assoreamento, correnteza, degradação das matas ciliares e volume da

água.

Nas falas de S. Rosendo um aspecto que me chamou á atenção (ressalto pelo fato de nenhum colaborador anteriormente ter mencionado este aspecto) foi a questão econômica do rio, ou valorização do terreno no local em que o rio passa, ou seja, o quanto o rio valoriza economicamente a terra.

Outro ponto enfatizado pelo colaborador, até mesmo por experiências passadas, foi o fato que o rio representa segurança de uma fonte d'água, caso venha faltar potável para beber na região. Ao término de nossa conversa lhe pedi para que me leva-se a margem do rio. O rio passa no fundo de seu lote, a primeira coisa que S. Roseno me mostrou foi o que o uso das dragas vem provocando nas barrancas.

S. Rosendo, falou, contou, explicou, chamou à atenção para a “conversa do rio” o constante “barulho das águas” realmente como um profundo conhecedor das dinâmicas do rio, me convidou para visitá-lo na época da seca para conhecer a “prainha” que o rio forma. Ao final de nossa conversa ele diz: - “O rio é a minha maior riqueza” percebi que ele se referia tanto no aspecto simbólico, afetivo e econômico do Caldas.

3.2 A Experiência do Mergulhar

A pesquisa foi iniciada com a articulação e planejamento do projeto, realizado após três (03) visitas a campo (2008), conseqüentes da participação no projeto “Conservação da bacia do rio Caldas: sua caracterização e implantação de programas de Educação Ambiental”. (Sob orientação da Prof.^a Dr.^a Sandra de Fátima Oliveira).

Seguimos com o levantamento de trabalhos já realizados com a temática proposta, referentes tanto ao tema, quanto à área de estudos. Revisão bibliográfica, visando obter um arcabouço teórico-metodológico e tangencial aos temas abordados: ambiente; natureza; representação; memória, lugar e Educação Ambiental.

Iniciamos com as visitas a campo, inserção na comunidade e coleta de dados com as entrevistas e observações. O modo de inserção na comunidade aconteceu nos meses de novembro de 2008 até novembro de 2009. O fato de se tratar de um

município facilitou-nos o alcance dos colaboradores residentes na área urbana, ou na rural às margens do rio Caldas.

Os contatos com os colaboradores foram realizados em visitas domiciliares, as quais, além de nos proporcionarem vasto material de interpretação e análise, possibilitaram preciosas lições de sujeitos que presenciaram a construção/formação do “lugar”. A cada entrevista realizada, a cada fato narrado, a cada lembrança resgatada sobre o rio, emergia a expressão saudosa em que o tempo era mais lento, as relações eram outras. A memória de cada um possibilitava o ato de um falar permeado por vivências e geograficidades espaciais.

Os relatos das narrativas foram gravados e anotados, pois, como elucida (LUDKE & ANDRÉ, 1986, p. 22): “A gravação tem a vantagem de registrar todas as expressões orais, imediatamente, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado.” E “o registro feito através de notas durante a entrevista certamente deixará de cobrir muitas coisas e vai solicitar atenção e o esforço do entrevistador, além do tempo necessário para escrever”.

A transcrição das entrevistas, a qual se tratou de um processo minucioso e trabalhoso foi realizada com a utilização de Normas Básicas de Transcrição do Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana de São Paulo (PROJETO NURC/SP)¹⁸. A opção por este método de transcrição se deu pela sua praticidade organizacional.

Os processos de escuta, interpretação e compreensão das narrativas dos colaboradores foram realizados no decorrer do ano de 2009. Ano que, também, propusemo-nos a identificar os novos atores do Caldas; desta forma, realizamos visitas a campos e articulações com instituições e organizações. Os resultados do trabalho com as narrativas foram compilados juntamente com o produto escrito da dissertação.

Os produtos seguem normas, e adquirem conteúdos com os resultados dos objetivos propostos. Neste intuito, direcionamos nossa reflexão no meandro seguinte para o ambiente enquanto um lugar, um sistema interligado com elementos que compõem a formação cultural de uma referida população. Assim, analisaremos de que forma são concebidos as águas e os rios sob algumas abordagens culturais.

¹⁸ As normas de transcrição estão em anexo.

Para iniciarmos nossas reflexões, pautemo-nos nas seguintes indagações: Qual a importância material e simbólica das águas e dos rios? Como os rios além de serem elementos naturais se tornam simbólicos? Quais as representações mais enfatizadas destes elementos? Considerando a grandeza e amplitude destes temas, no meandro seguinte faremos uma breve reflexão a respeito destas colocações.

... Meandro I ...

Águas e rios: bases materiais e simbólicas

*Ouve o barulho do rio, meu filho...
Deixa esse som te embalar...*

*As folhas que caem no rio meu filho...,
Terminam nas águas do mar...*

*Quando amanhã por acaso faltar, uma alegria no seu coração...
Lembra do som dessas águas de lá, faz desse rio, a sua oração...*

Lembra meu filho, passou passará...

*Essa certeza a ciência nos dá, que vai chover quando o sol se
cansar...*

Para que flores não faltem... jamais...

(Marisa Monte,
Cd Infinito e Particular)

A ligação dos seres humanos com os elementos do ambiente refletem a maneira como esses indivíduos se organizaram em sua formação sócio cultural. Esta ligação é determinada pela disposição destes elementos no ambiente. Optamos, nesta pesquisa, para o enfoque do elemento água, disposto na forma de rio.

Refletiremos como a água e os rios são apropriados, alterados e modificados de acordo com as necessidades humanas ao mesmo tempo em que são alicerce de bases imaginativas, representacionais, presentes e influenciadores da formação cultural de suas populações marginais. São dois elementos oscilantes entre o natural e o cultural.

A relação de separação entre natureza e homem é histórica. Na ciência moderna essa dissociação é realizada abruptamente com a passagem à dessacralização ou desumanização. “O homem é a externalidade da natureza em razão da natureza ser uma externalidade do homem. Externalidades recíprocas, natureza e homem excluem-se e se opõem” (MOREIRA, 2006, p. 58).

Esta separação ocorre especialmente no imaginário da cultura popular, acentuada pelas especificidades e características físicas da natureza. Sendo esta apenas uma criação cultural, fruto de interesses ideológicos e imaginativos, como nos coloca o autor a seguir:

Toda sociedade, toda cultura cria, inventa, institui uma determinada idéia do que seja a natureza. Nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens. Constitui um dos pilares através do qual os homens erguem as suas relações sociais, sua produção material e espiritual, enfim, sua cultura. (PORTO GONÇALVES, 1990, p. 22).

Nessa histórica relação sociedade natureza, ao discutir a formação dos paradigmas ambientais, Saraiva (1999, p. 24) acrescenta que a forma como a natureza é considerada pelo ser humano e pela sociedade difere não só com as culturas, mas é também uma variação cronológica, mutante de acordo com determinadas épocas históricas. A autora supracitada anteriormente enquadra essas mudanças nas seguintes fases:

- Fase de *Temor*, em que os ciclos e acontecimentos naturais assumem um caráter sagrado, incontrolável, provocando o receio, o temor e a sacralização dos fenômenos que lhe estão associados;

- Fase de *Harmonia*, na qual o homem procura se adaptar e se integrar nos processos, respeitando as suas contingências e beneficiando dos seus recursos;
- Fase de *Controle*, procurando obter o domínio sobre os recursos e seus ciclos, a fim de maximizar o aproveitamento dos benefícios e defender-se dos seus malefícios;
- Fase de *Degradação*, quando a exploração e controle dos recursos é conduzida de forma dilapidadora, excedendo a capacidade de regeneração dos ecossistemas no seu equilíbrio dinâmico.

A concepção de “natureza” é tida sob várias abordagens científicas como uma construção social, fruto de interesses e possibilidades motivadoras da relação dos humanos com a natureza. As representações de natureza em uma cultura variam com as disparidades sociais fragmentadas no tempo e no espaço e com as distintas orientações ideológicas.

Estas representações do mundo natural variam e refletem o conjunto de valores sociais. As contribuições do autor, a seguir, mostram como a representação de natureza é modificada pelos e para atender os anseios e necessidades dos seres humanos.

O homem primitivo via a natureza, como sinônimo de Deus, a exemplo de muitos povos “primitivos” de hoje e, portanto, ela deveria ser temida, respeitada e aplacada. No mundo desenvolvido da atualidade, as abordagens para a mudança ambiental oscilam desde “se pode ser feito, faça-se” até a filosofia da “volta a natureza” dos mais extremados ecologistas. (DREW, 1994, p.01).

Na sociedade capitalista, o conjunto das técnicas tem a função de dominar a natureza, e os seres humanos ao mesmo tempo. A relação com a natureza é embasada em significações, assim como defende PORTO-GONÇALVES (2004, p. 44):

Não existe relação com a natureza a não ser por meio de um conjunto de significações socialmente instituído e, portanto, possível de ser reinventado num processo aberto, complexo, contraditório e indefinido sempre em condições históricas e geograficamente determinadas.

É por meio do conjunto de práticas culturais que os grupos humanos atribuem ao mundo diversas significações afetivas, sociais e econômicas que variam de cultura para cultura. No entanto, pelo fato do ser humano atribuir mais de um

significado a qualquer coisa sempre existem contradição entre o material e o simbólico.

Na maioria das relações, sobressaem os interesses e as significações materiais, gerando o que Leff (2003) denominou de corrupção do natural. “Nessa corrupção do natural negocia-se as controvérsias entre a *economonização* e a *ecologização* da economia. Com a morte da natureza, sobrevive o sobrenatural” de ordem simbólica na resignificação política e cultural da natureza. (LEFF, 2003, p.05).

A economia afirma o significado do mundo na produção, embasada e em virtude dela a natureza passou a ser percebida como fonte de mercado. Sendo desnaturalizada de sua complexidade ecológica e convertida em matéria prima de um processo econômico em que os recursos naturais tornam-se objetos para exploração do capital.

A natureza, também, passou a ser comercializada como forma de pagamento à dívida externa. Grupos empresariais de segmentos como a extração de bauxita e a indústria de papel e celulose se apropriam dessa situação para realizar suas transferências para países desenvolvidos. Porto-Gonçalves (2004) pontua os benefícios que estas indústria recebem:

São indústrias altamente poluidoras que, além disso, se beneficiam (1) de terras abundantes e mais baratas, (2) da maior incidência da radiação solar, enfim, da fotossíntese abundante nas regiões tropicais, onde sua matéria-prima tem crescimento mais rápido e, então, obtém um rendimento físico por hectares muito maior nas regiões temperadas e, mais ainda, (3) da relativa proximidade de seu consumo produtivo. (PORTO-GONÇALVES, 2004, p. 133).

Além da comercialização industrial da natureza, comumente podemos acompanhar ações e conseqüências de atitudes degradadoras dos grupos humanos em relação ao que é classificado como “natural”.

Algumas práticas¹⁹ realizadas no ambiente, derivadas de ações antrópicas são degradadoras, interferem e reorientam o espiral espacial, transformando visível e simbolicamente as relações entre os componentes ambientais, como nos coloca Suertegaray (2005, p. 57) “o homem se inclui não como ser naturalizado, mas como um ser social produto e produtor de várias tensões ambientais”.

Estas tensões podem ser percebidas em relação às fontes hídricas, as quais, o sistema capitalista denominou de recursos hídricos. A relação das populações com

¹⁹ Práticas estas, oriundas do avanço das técnicas, da urbanização e da modernização.

estas são existenciais e indispensáveis. Contudo, as mesmas são transformadas à medida que surgem novas demandas de uso e de destinações comerciais e econômicas.

As fontes hídricas são elementos constituintes do ambiente, e se interligam aos demais que também o compõem. Desta forma, todas as práticas, ações, significações e sentidos relativos aos corpos hídricos, abrangem e refletem no ambiente como um todo. Não apenas em suas partes.

Com o surgimento e a propagação das questões ambientais distribuídas pelo mundo e do debate sustentado pelos discursos ideológicos e políticos, as visões de ambiente convergiram a partir de 1970 para a vertente material. Os olhares de alguns grupos e organizações sociais voltam-se para os problemas que a dinâmica cultural capitalista desencadeava.

A denominação de ambiente esteve ligada à qualidade de vida, aos efeitos das ações, revoluções e as alterações desencadeadas no ambiente pelas pessoas. Atualmente, diferentes ciências o concebem sob seus entendimentos; seja sob a soma dos componentes bióticos e abióticos, ou na constituição de elementos físico-químicos: a água, o ar, o solo, o clima. É tido, também, para alguns, como fornecedor de recursos naturais, receptor de dejetos oriundos das atividades de produção e consumo e espaço em que ocorrem as interações entre processos naturais e socioculturais.

O que é incontestável culturalmente é que a principal característica do planeta Terra consiste da interdependência de suas partes, o que Drew (1994, p.19) determina de conexão geral: “A conexão é geral, de forma direta ou tênue, sendo impossível “compreender” qualquer aspecto isolado sem referência à sua função como parte do conjunto do mundo”.

As alterações e significações do Ambiente são produtos culturais, pois, como nos elucidava Coimbra (2002, p.30), a produção da cultura pelos seres humanos é o que transforma o ambiente:

É a presença do “mamífero histórico” que confere ao Meio Ambiente uma característica histórica. É a ação do “mamífero biossocial” que lhe confere uma dimensão social. A interferência dos seres bióticos e abióticos obedece a leis e disposições naturais, que se encontram incupidas nos ecossistemas naturais. Por seu turno as intervenções humanas (as conhecidas ações antrópicas) são arbitrárias. Plantas e

animais têm o seu produto natural, mas o produto do Homem é a cultura, e nessa cultura estão embutidos os processos de transformações intencionais da natureza.

Segundo o autor supracitado, a cultura e os valores de uma sociedade determinam o comportamento das pessoas em relação ao ambiente. Com isso, diferentes elementos do ambiente podem ser considerados; sagrados, cósmicos, de subsistência e principalmente de produção de relações, sejam elas de apropriação material ou simbólica.

Leff (2003) por sua vez, acrescenta que cada cultura define seus tempos e os usam por intermédio de suas cosmologias e de seus sistemas simbólicos para (re) significar o ambiente.

(...) O tempo não é apenas a medida de eventos externos (fenômenos geofísicos, ciclos ecológicos, processos de degradação e de regeneração da natureza), mas também o fluxo de eventos internos significativos, a permanência de “presenças” por meio da história, a atualização das identidades étnicas e dos “seres culturais”. O tempo era a natureza designada e marcada por visões predeterminadas, abrindo os canais para a construção de uma natureza ressignificada pelos sentidos da cultura (LEFF, 2003, p.15).

A natureza é resignificada por meio do tempo e das experiências do seres humanos. O ambiente possibilita locais nos quais os grupos sociais com suas práticas caracterizam como “lugares”. Calisto (2006, p.45), afirma que quanto mais os indivíduos se envolvem com o ambiente, convertem-no em lugar.

Quanto mais o indivíduo atribui significado e importância para o ambiente sentindo-se inserido neste, recheando-o com uma variada gama de intenções e transformações, tanto de caráter prático e objetivo, quanto no sentido da subjetividade, emoções e sentimentos, mais este ambiente se converte em lugar (CALISTO, 2006, p. 45).

Buscar compreender a realidade de um determinado grupo e de um espaço pelo viés da categoria de “lugar” na era globalizada, com todas as conseqüentes modificações advindas deste processo, se torna um exercício de escolha metodológica e da ênfase interpretativa vislumbrada.

As discussões de “lugar” enquanto categoria permeiam as correntes do pensamento e o olhar geográfico. Especialmente, com a abordagem fenomenológica na Geografia Humana, Humanística, Cultural e na abordagem cultural em Geografia.

Com a proposição de compreender como o rio Caldas se tornou um lugar para os idosos optamos por direcionarmos nossas reflexões com pensamentos relacionados à abordagem fenomenológica e com a Geografia Humanística. Segundo Tuan (1982, p, 143) a Geografia Humanística, “procura o entendimento do mundo humano através do estudo das relações das pessoas com a natureza, do seu comportamento geográfico, bem como dos seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e do lugar”.

Centra-se neste aspecto o nosso desafio nesta pesquisa, estudar as relações, o comportamento, os sentimentos e as representações dos colaboradores e dos novos atores do Caldas, com o rio e conseqüentemente com seu ambiente e lugar.

1.1 As Águas: elementos da dimensão material

A água, apesar de ser um elemento natural no decorrer de seu uso pela sociedade capitalista industrial, como a nossa, passou a ser considerada como recurso hídrico, como bem econômico. Somado a isto foi caracterizada pela prática de duplicidades (natural e cultural), sobrepostas entre si. Quem melhor nos explica essa duplicidade dos elementos naturais é o autor seguinte.

(...) o ambiente em que vivemos é duplo, a um só tempo natural e cultural, sem que talvez se possa afirmar em qual desses domínios as nossas raízes são mais profundas. Nessa medida, a água deve, igualmente, ser objeto de dupla consideração: uma orientada pelo que se chama de “razão prática”, por meio da qual adaptamo-nos ao meio físico para dar respostas as nossa necessidades materiais; outra, pautada pela “razão simbólica”, que dá vida as representações que elaboramos, á procura de sentido, sobre o próprio meio físico, a vida social, o cosmo e, sobretudo a respeito de nós mesmos, coletiva e individualmente. (QUEIROZ, 2006 p. 722).

Na natureza a água possui o seguinte circuito: ao sair da terra, torna-se um filete d’água, rego, riacho, rio, açude, lago e finalmente oceano. O sol a aquece, seu vapor sobe na atmosfera onde ela se carrega de ozônio, volta sob a forma de chuva, granizo, neve, e, assim, o ciclo recomeça. No entanto, determinadas práticas sociais têm modificado esse ciclo e prejudicado a caminhada natural da água no mundo.

A definição, significação da água pelo ser humano ocorre de acordo com cada imaginação, representação, significação dada por cada cultura. Rebouças (2006, p. 16) nos coloca como exemplo o posicionamento e a visão de empreendedores e de diferentes usuários. Para estas duas categorias a água é tida como: “(...) um recurso

de grande utilidade que pode servir como meio de transporte e diluição de efluentes, produção de alimentos, geração de energia, abastecimento de populações e industrial”.

A água é distribuída nos reservatórios da terra, seja por regiões climáticas, ou formações; lagos, córregos, rios, represas, lagoas, calotas polares, águas subterrâneas, oceanos e outras disposições, bem como pelo fluxo hídrico superficial e subterrâneo e pelas infiltrações diferenciadas nos solos.

Desde os primórdios das civilizações antigas, a posse da água representou um instrumento político de poder. “Na Mesopotâmia, os registros de poços escavados e da construção de cidades fortificadas datam de 8 mil a.C., indicando que desde cedo havia necessidade de proteção contra o ataque dos povos vizinhos” (REBOUÇAS, 2006, p. 16).

Na antiguidade clássica, Tales de Mileto e Empédocles, destacaram a água como um dos quatro elementos da natureza e que se transformava em terra depois de fervida. Em 1783, Lavoisier descobriu que a água era uma mistura de hidrogênio e de oxigênio, mas foi guilhotinado durante a Revolução Francesa.

Em escala mundial, o que inibe a expansão da agricultura e o povoamento de vastas regiões é a insuficiência de água. Já em âmbito local, os recursos hídricos determinam a localização de certas indústrias, como a de geração de energia. O desenvolvimento da agricultura e da sociedade organizada sempre esteve vinculado ao seu controle, especialmente para a irrigação. “As civilizações do antigo Egito e da China, assim como da Índia e da Mesopotâmia, chamavam-se “hidráulicas” (DREW, 1994, p.87).

A água é usada por inúmeros processos em que se ancoram nossa civilização. Bruni (1993) nos indica que, na dimensão material, constitui um ingrediente básico nos cuidados higiênicos, nas atividades domésticas corriqueiras, no lazer, nas práticas agropecuárias e industriais e para a geração de energia elétrica. E a água nessa dimensão prática e natural, Queiroz (2006, p. 719) lhe acrescenta as funções biológicas.

De uma perspectiva biológica, salta aos olhos a importância da água – esse solvente universal – para a realização da fotossíntese, transporte e absorção de nutrientes, circulação sanguínea, eliminação de excretas, respiração, digestão, lubrificação de articulações, regulação térmica, reprodução etc.

Constitui-se, também, em um pilar de extremo paradoxo no mundo entre países pobres e ricos, entre riqueza e miséria. Atualmente são os países pobres das regiões mais secas do mundo especialmente os africanos que sofrem com a escassez d'água.

A estimativa é que as populações de maior poder aquisitivo também venham a sofrer com essa problemática. O relatório da Agência Nacional de Águas - ANA (2007, p.09) descreve que no último relatório de Desenvolvimento Humano (PNUD) divulgado no ano de 2006, uma das metas enfatizadas é:

(...) erradicar a pobreza extrema e a fome, que em cada cinco pessoas nos países em desenvolvimento não tem acesso à água de boa qualidade, as famílias mais carentes pagam até dez vezes mais pela água do que as famílias ricas e a crescente transferência de água da agricultura para a indústria ameaçam aumentar a pobreza rural. Estima-se, segundo esta avaliação, que até o ano de 2050 o número de pessoas que vivem em países submetidos à grande pressão sobre os recursos hídricos passará dos cerca de 700 milhões atuais para mais de três bilhões. Mais de 1,4 bilhão de pessoas vivem atualmente em bacias hidrográficas onde a utilização de água excede os níveis mínimos de reposição, conduzindo assim a dissecação dos rios e ao esgotamento das águas subterrâneas.

A política capitalista, assim como fez com diversos outros recursos, tornou a água um comércio e uma mercadoria. Definindo-a como mercadoria rara, a água passa a ser valorizada. A água entra no escopo da segurança ambiental internacional, será razão de conflitos armados em um futuro próximo, indica ser *commodity* de disputa política e pelo seu uso propagam-se tensões entre países em diversas partes do mundo. Ribeiro (2003, p. 74) nos traz exemplos destas tensões:

O conflito mais destacado na região mobiliza Israel e Palestina. O primeiro país determina o consumo do segundo, reafirmando um dos pontos de discórdia entre as partes beligerantes. Um dos itens presentes na pauta de negociação é o acesso à água em quantidade e qualidade satisfatória pela população palestina, tema de difícil solução dado ao quadro de escassez na região. O controle de Israel sobre o rio Jordão exclui grande parte da população palestina, que fica apenas com 1/5 dos recursos hídricos da região. Como resultados, os palestinos têm água disponível apenas um ou dois dias da semana em suas cidades (RIBEIRO, 2003, p. 74).

O Brasil tem posição privilegiada no mundo, tanto em qualidade, quanto em quantidade, a distribuição apresenta disparidades, bem como o uso destinado às águas. Os recursos hídricos brasileiros, no cenário e no contexto das relações internacionais, apresentam destaque principalmente pelas questões fronteiriças e

transfronteiriças, divididas e apresentadas sob o enfoque de dois pontos, segundo a Agência Nacional de Águas (ANA).

O primeiro ponto de destaque remete a relevância geopolítica dos recursos hídricos na América do Sul, uma vez que definem a maior parte das fronteiras brasileiras. O segundo ponto refere-se à localização estratégica do Brasil em termos de recursos hídricos regionais: encontra-se a jusante da bacia Amazônica, onde cerca de oitenta afluentes drenam suas águas para terras brasileiras; e a montante da bacia do Prata, que congrega os países mais desenvolvidos. (ANA, 2007, p. 30).

Na região do Centro-Oeste brasileiro, que compreende os recursos hídricos do Cerrado, por possuir condições geográficas propícias, como grandes extensões de relevo plano, nos últimos anos acompanhamos um salto da modernização no campo.

Essa modernização impulsionou a expansão de novas fronteiras agrícolas, em especial de culturas extensivas dotadas de elevado grau de mecanização (grãos, em geral, em especial soja e milho). Na obra de Ribeiro (2003) encontramos indícios que já existem sérios conflitos entre grandes fazendeiros do sudoeste goiano, em razão da posse e/ou aproveitamento da água para a agricultura.

Ressaltamos que as culturas mecanizadas se apóiam na larga utilização das reservas hídricas regionais, com vistas à elevação de produtividade e da eficiência agrícola, aplicando práticas de irrigação também em pastagens destinadas às atividades pecuárias complementares.

As condições intempéricas, juntamente com o modelo de gestão, aliado ao uso rural da água, e ao uso em alguns aglomerados urbanos tem levado a escassez e conflitos em determinados pólos urbanos. Como podemos confirmar na citação seguinte.

Por causa das estiagens sazonais, essa sobre-exploração dos recursos hídricos tem resultado em conflitos de uso com o abastecimento público de água ocorrendo tanto em importantes pólos urbanos, como no próprio Distrito Federal e nas cidades de Goiânia, Anápolis e Palmas, como em cidades de menor porte. Ao mesmo tempo, por ocasião das chuvas intensas surgem problemas de assoreamento e contaminação por agroquímicos, agravados pela retirada sistemática da vegetação ciliar (ANA, 2007, p. 61).

Com a aprovação da Lei das Águas²⁰ o Brasil passou a contar com um arcabouço, entre os mais modernos existentes no mundo, em que são definidos os instrumentos de gestão indispensáveis para a regulação do setor sendo planos de bacias, enquadramento dos corpos d'água, cadastro de outorga, cobrança pelo uso, compensação à União, aos Estados e Municípios.

No entanto, apesar deste arcabouço, o relatório Geo Brasil, apresentado pela ANA (2007, p.51), mostra sete fatores em níveis do cenário regional, nacional, internacional que afetam a gestão dos recursos hídricos, sendo estes os listados a seguir:

- O ritmo de crescimento econômico internacional;
- A dinâmica econômica nacional (modelo e ritmo);
- O comportamento das principais atividades econômicas do país, (forma, ritmo, padrão tecnológico, e áreas de expansão de fronteiras agrícolas, da irrigação da pecuária, da indústria, da aquicultura e do transporte);
- A matriz energética, em especial a referente à construção de novas Usinas Hidrelétricas (quantidade, localização, e padrões ambientais e tecnológicos);
- A política de saneamento ambiental (ritmo e forma de atendimento ao passivo ambiental às demandas sociais, contidas e novas);
- A institucionalização da gestão integrada de recursos hídricos (a efetividade da implantação do sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, a elaboração e a implementação de planos de bacias, a integração com as demais políticas públicas e a consistência da participação social no processo);
- As invenções em proteção e conservação de recursos hídricos (volume de investimentos, localização e prioridades).

Como o processo de formação das cidades, o tratamento dado às águas e aos rios passou por mudanças. A forma de organização estrutural modificou a paisagem juntamente com a utilidade e significado dado às águas. Em muitas

²⁰ (Lei 9433/97). A promulgação desta lei em 08 de janeiro de 1997 constitui um marco para o setor de recursos hídricos do Brasil. Além de instituir a Política Nacional de Recursos Hídricos, ela criou o Sistema Nacional de Gerenciamento dos Recursos Hídricos e a partir de seus fundamentos, diretrizes e instrumentos, a gestão de recursos hídricos vem avançando de forma bastante rápida em todo o país. Em 2000, foi publicada a Lei nº 9.984, que criou a Agência Nacional de Águas - ANA, entidade federal responsável pela implementação da Política Nacional de Recursos Hídricos e, desde então, muito se tem feito em gestão de águas no Brasil, conferindo a este meio um caráter dinâmico (FREITAS, 2003).

situações as ações sobre estas não são planejadas e acarretam consequências negativas para a vida das pessoas.

(...). As pontes nos colocam bem acima delas, as barragens doparam seu movimento e direcionaram sua energia, as canalizações, as aprisionam, mas os assoreamentos as têm consumido e a poluição as profanou (...). A impetuosidade das águas pode ser camuflada, mas se revela na época de enchentes catastróficas que, além da destruição, provocam doenças. Porque, além de indomáveis elas arrastam consigo o lixo das grandes cidades impermeabilizadas pelo asfalto. (SÃO PAULO, 1999, p. 16).

As populações com menor poder aquisitivo são expelidas para as grandes periferias urbanas, às margens de ribeirões, riachos e córregos sem a menor condição de saneamento básico. Também as classes de maior poder econômico constroem em encostas, e sujeitam-se a tragédias como a ocorrida em Angra dos Reis – RJ no dia 01 de janeiro de 2010, onde uma encosta de morro deslizou e aterrou uma pousada deixando várias pessoas soterradas.

Em outras situações, fixam-se nas áreas de encostas, as correntezas provocam o deslizamento do solo e das casas. Em muitas cidades, edificadas às margens dos rios, nos períodos chuvosos e de enchentes, as águas invadem casas, destroem e arrastam os poucos utensílios domésticos que a família pagou em “longas e suaves prestações”. No caso de São Paulo, capital, os grandes rios como Pinheiros e Tietê, também, invadem áreas nobres, por causa do mau uso do espaço urbano em áreas antigas de alagamento e que foram especuladas imobiliariamente.

Acompanhamos o envenenamento dos rios, tautócronamente transformados em receptáculos dos dejetos e só aparentemente domesticados. O número de doenças é propagado com as enchentes. O que estaria descarrilhando e contribuindo para o risco que as águas e os rios representam para algumas populações? Ou por outro lado qual a ameaça que a falta destes dois elementos, principalmente as regiões brasileiras mais secas ou nas mais devastadas provocam?

As mudanças não são apenas locais, a “culpa” não se restringe às famílias residentes as margens dos rios. Quando ocorre um deslizamento de área de encosta provocado pela enchente com perda de moradia à margem do corpo hídrico, quem é responsabilizado? A família que foi residir nesta área por falta de opção, expelida por um sistema capitalista o qual não possibilitou uma habitação em terreno de área mais propícia? Morar nas cidades é questão de “status”. Ou o corpo

hídrico, que teve a maior enchente dos últimos anos? Diante do exposto comprova-se a necessidade de se pensar em políticas sociais para as fontes hídricas.

Ultimamente, tem aumentando a preocupação das agências responsáveis pela manutenção das águas, rios, lagoas, lagos e águas subterrâneas. No entanto, muito ainda há de ser feito, principalmente com ações preventivas; seja com a conservação das nascentes, cabeceiras de águas, ou outras formas dispostas deste recurso para manutenção de seu uso sem maiores complicações e conflitos, considerando também a relação dos sujeitos com estes lugares.

1.2 Água: Imaginação, Simbolismos e Representações

O ser humano tem necessidade de dotar o mundo de sentido e significado, fazendo uso da imaginação para produzi-lo e representá-lo no mundo natural, sobrenatural e humano. Bachelard (1997) descreve a água como um constante estimulante da imaginação humana, tendo sido objeto de sustentações mitológicas e de importantes simbolismos fundamentados ao longo de toda história da humanidade.

A primeira ação da água é evidente. A água, como se dizia nos antigos livros de química, “tempera os outros elementos”. Destruindo a *secura* – a obra do fogo – ela é vencedora do fogo; tira do fogo uma paciente desforra; aplaca o fogo; em nós, ela abranda a febre. Mais que o martelo, ela aniquila as terras, amolece as substâncias (BACHELARD, 1997, p. 109).

Estamos em comunicação direta com a natureza, seja através da existência corpórea, sentidos e paixões. Essa condição nos permite atribuir significado ao mundo presente e a imaginação constrói narrativas aglutinadoras entre passado e futuro em forma de síntese. Tal síntese envolve segundo COSGROVE (2000, p. 48) “a confirmação simbólica do passado (...) e a abertura simbólica do futuro”.

O simbolismo acrescenta um novo valor a um objeto ou a uma ação, sem por isso prejudicar seus valores próprios e imediatos. O pensamento simbólico faz “explodir” a realidade imediata, mas sem diminuí-la ou desvalorizá-la; na perspectiva de que o universo não é fechado e nenhum objeto é isolado em sua própria existencialidade, tudo permanece junto, por meio de um sistema preciso de correspondências e assimilações (ELIADE, 1991).

Água como elemento vital, água purificadora, água como recurso natural renovável, são alguns dos significados referidos em diferentes mitologias, religiões, povos e culturas, em todas as épocas atribuídas a água. As águas imobilizam a soma universal das virtualidades; elas são *fons* e *origo*²¹ e reservatório de todas as possibilidades de existência; elas *precedem* toda forma e *sustentam* toda criação”. (ELIADE, 1991, p.151 grifo do autor).

Devido à amplitude de simbologias dadas a água, a autora supracitada anteriormente aponta a idéia de “simbolismo aquático”. Esta se caracteriza como um elemento representante do nascimento à morte. A água é também símbolo de pureza, purificação, regeneração e fertilidade em muitas culturas e encontra acolhimento no imaginário de todos os povos.

No Brasil, temos os exemplos dos indígenas, em algumas tribos,²² estes concebem à água o mito de sua própria criação e o local onde moram os espíritos e monstros, dos descendentes de escravos africanos²³, dos caboclos amazônicos²⁴. Assim como dos seringueiros da Amazônia, os quais no entendimento de SANTOS, (2007) possuem como símbolo de representação identitária as cachoeiras.

Sendo a água um riquíssimo elemento de simbologias e representações no imaginário social, temos outros elementos usados como demonstrativos a essa afirmativa. O banho, além da ação higiênica, remove ritualmente a sujeira. Certas imersões na água possuem sentido religioso, como o batismo. Outros exemplos recaem sobre o uso de expressões simbólicas, como: “beber deste conhecimento”, “poço da sabedoria”, “lavar a alma”, “foi a gota d água”, “no fundo do poço”, “água na fervura”, “colocar água benta”, “foi tudo por água abaixo”, “já passou muita água debaixo dessa ponte”, “quem chega primeiro bebe água limpa”, “lavar as mãos”, “água que gato não bebe”, “inofensivo como água de pote”, “gato escaldado tem medo de água quente”, “chorar rio de lágrimas” “juntar uma represa e beber um copo de água”, “fazer tempestade em copo de água”, “vender igual água” “lavar a água” e muitas outras do discurso popular, anedótico e marcado pela sabedoria doutrinária dos mais velhos sobre os mais novos.

²¹ Fonte e origem.

²² Os karaja do rio Araguaia é um exemplo dessas tribos.

²³ Principalmente nas práticas religiosas, pois muitas de suas divindades do Candomblé são associadas às águas dos rios como Oxum, Oxalá, Oxolufã, e Xangô.

²⁴ Com suas lendas como a da Cobra Grande, do Boto e de demais seres que os caboclos denominam de Bichos Gigantescos.

As quedas d'águas, fenômenos naturalmente físicos são transformados em atrações turísticas, o balançar das ondas nas praias são transformadas em imagens que servem de “pano de fundo” para linguagens de criação artística, almas atormentadas ou inquietações existenciais de toda a ordem (QUEIROZ, 2006). Na MPB, são centenas de músicas que têm por pano de fundo a água e suas variantes e na pintura, o grande artista Pancetti fez da água o seu tema inspirador. Na literatura, diversos autores buscam na água a inspiração, sendo antológica a cena final do romance *O Guarani* de José de Alencar, em que após uma grande enchente, os protagonistas numa palmeira, somem no horizonte. Na literatura brasileira feita em Goiás, Gabriel Nascente possui o livro *Águas do Meia Ponte* em que se configura uma poética da água.

É vista, também, como elementos de superstições, crenças, lendas, algumas relacionadas às fúrias das águas, como a mãe d'água que levanta grandes ondas, fazem bolhas e matam os homens, alimentando os mitos das águas no Brasil.

No caso do mito das águas, no Brasil, ela se opunha ou assassinava os navegadores ou pescadores, contrariamente à figura européia correspondente, a sereia, sempre loura, de olhos azuis. Metade peixe, metade mulher, que canta para atrair seus enamorados até a profundidade das águas, afogando-os (SÃO PAULO, 1999, p.63)

Estas representações possuem dimensões simbólicas e as variadas culturas atribuem à água, diferentes formas de vê-la. De acordo com Minayo (1994), a representação social, é um termo filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento.

Com as representações é possível compreender como os sujeitos apreendem e interpretam os acontecimentos do cotidiano, as características do meio e absorvem as informações circulantes nas relações sociais.

As representações sociais possibilitam-nos “compreender como o indivíduo ou a coletividade interpreta a realidade de uma sociedade, expressando o conhecimento de cada pessoa ou grupo sobre um determinado tema”. (ROCHA; AMORAS, 2006, p. 149).

Para Reigota (1998, p. 69) as representações estão relacionadas com as experiências vivenciais e “não perpassam simplesmente a coletividade, não estão presentes de forma “solta”, mas sempre se constituem em expressões socioculturais específicas, elementos de estilos peculiares de pensamento”.

Por sua vez, Kozel (2002) defende que as representações espaciais advêm de um vivido que se internaliza nos indivíduos, em seu mundo. Segundo a autora estas influenciam o modo de agir e a linguagem, tanto no aspecto racional quanto imaginário dos indivíduos.

É na representação que observamos o quanto a realidade de um grupo social é expressa a partir da linguagem falada e visual. Esta é formada por signos, significados simbólicos e imagens fragmentadas e pelo modo como esse grupo compreende e transforma sua realidade.

Almeida (2003, p. 71) defende que “é através do conhecimento das representações das pessoas que é possível captar toda a riqueza de valores que dão sentido aos lugares de vida de homens e mulheres”. A autora acrescenta ainda “pelas representações também é possível entender a maneira pela qual as pessoas modelam as paisagens e nelas afirmam suas convicções e suas esperanças”.

Seguindo esta abordagem representativa, Candido (1979) ao descrever a antiga relação do caipira com o ambiente, principalmente com o elemento água, nos mostra como este era um elemento representativo deste grupo social.

A roça, as águas, os matos e campos encerravam-se numa continuidade geográfica, delimitando esse complexo de atividades solitárias – de tal forma que as atividades do grupo e o que elas se inseriam formavam por sua vez uma continuidade geossocial, um interajuste ecológico, onde cultura e natureza apareciam, a bem dizer, como dois pólos de uma só realidade (CANDIDO, 1979, p. 173).

Outro exemplo representativo das relações das águas e práticas culturais nos é oferecido por Maia (2009) ao realizar análise de como as águas e seus ciclos influenciavam a preparação e realização das festas carnavalescas, como na celebração de Cinza e Páscoa de 1888 até 1989, na atual Cidade de Goiás. De acordo com esta referência, o calendário destas referidas comemorações era de fevereiro a abril, igual período de precipitações torrenciais. As fortes precipitações de fevereiro “atrapalhavam” as comemorações carnavalescas; em alguns anos às águas também ocorreram influenciando e determinando o adiamento ou adiantamento das Festas Santas. Por outro lado, fomentavam o Cerrado para a produção de alimentos visando as referidas Festas Santas quarenta dias após o carnaval, como nos expõe o próprio autor.

(...) há menção explícita à influência da chuva no desmanche e inclusive na não ocorrência das brincadeiras carnavalescas, cuja paisagem era marcada pela *despregadura* nas ruas, e não pela confirmação de um *axis mundi* materializado em certa edificação. (...) Mesmo assim, durante a quaresma, a tendência climática de Goiás é de redução progressiva das chuvas. O cerrado continua verdejante e os agricultores preparam e/ou iniciam a colheita. O gado gordo, o milho, o arroz e o pequi conservado, entre outros produtos, são fartamente consumidos nas festividades (MAIA, 2009, p. 186 -188).

Também Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro (1900-1986) em seu livro *Reminiscências - Goyaz de antanho*, aborda com muita propriedade o ciclo das águas na Cidade de Goiás no princípio do século XX, o mesmo aparecendo nas obras de Cora Coralina, Emília Perillo Argenta e Eduardo Henrique de Souza Filho.

As representações simbólicas constituem o imaginário coletivo. O imaginário obedece a processos regrados e a organismos vivos. A água povoa o imaginário humano ela representa todos os significados possíveis e o mundo imaginário das águas é cheio de representações e as representações dos aspectos imaginativos são inseparáveis dos aspectos significativos.

Por sua vez, a imaginação é a capacidade de formar imagens fornecidas pela percepção das representações provindas do social, ela é, sobretudo, a faculdade de nos libertar das imagens primeiras, de mudar as imagens. Outra característica desta se refere ao fato da mesma alterar a escala da imagem, oscilar entre dois pontos opostos e anteceder a representação obedecendo a interesses primordiais do sujeito.

As imagens são simbólicas e possuem um semantismo próprio, com carga de afetividade, são refúgios da realidade exterior. Outra característica ressaltada é que não há pensamento sem imagem: “Também o fato de que não há pensamento sem imagem nos convida a entender as imagens que estão em construção em nós e em nossas obras” (...) (PITTA, 2005, p.103).

Bachelard (1997) argumenta que as águas são produtoras de imagens representativas e simbólicas; estão estritamente relacionadas às imagens substanciais da água, alimentadas pela imaginação material. O autor argumenta também sob a capacidade da água de produzir imagens: “existe sob as imagens superficiais da água, uma série de imagens mais profundas, cada vez mais tenazes” (p. 06).

As imagens são datadas pelo trajeto antropológico de cada sujeito que é influenciado por fatores do biologismo, psiquismo e sócio-culturais. Podem ser designadas, também, como uma faceta da representação social referendada por signos concebidos como construções sociais.

No exercício de refletirmos sobre as vertentes da água, deparamo-nos com a sobressalência da primeira. No que tange aos trabalhos científicos, a tendência são os estudos das águas como recursos e bens econômicos. Poucos estudos enfocam a visão social e cultural das águas e dos rios.

As águas possuem histórias, sujeitos e vivências. A cada ciclo social definimos as mesmas características peculiares de nossas ações e significações. As águas do Caldas também contêm uma série de significados e simbolismos para aqueles que as vivenciam. Tais simbolismos são expressões de uma época fadada ao ostracismo devido à influência sempre presente da modernidade naquele meio.

As importâncias matéricas dadas às águas são mais visíveis objetivamente, no entanto para compreendermos a dimensão social das águas de um local é necessário mergulhar nas vidas dos sujeitos que as significam e é que propomos para o próximo meandro.

1.3 Os rios como elementos materiais e simbólicos

Os rios são vistos a partir de dualizações na composição dos ambientes, seus usos e concepções são diferenciados de acordo com as necessidades e formas de apropriações. São vistos como elementos materiais, componentes simbólicos, representativos e imaginativos. Desta forma, refletiremos brevemente a respeito de algumas características e utilizações dos rios. Primeiramente compartilhamos da ideia de Costa (2006, p.06) que nos coloca a seguinte definição:

(...) os rios, córregos, e riachos são os caminhos das águas doces que buscam um nível mais baixo de repouso. E desta forma vão desenhando seu percurso em linha ao sabor da topografia, conectando montanhas e planícies, florestas e mares, conectando em fim diferentes fisionomias da paisagem.

Os rios tiveram e mantêm importante papel de ligação entre a natureza e o ser humano; às vezes como fronteiras, outras como união entre sistemas naturais e sistemas humanizados, por meio de sua utilização dos mitos, dos valores, das referências filosóficas e metáforas associadas à água, seus fluxos e ciclos. Na

literatura brasileira há uma imagem que expressa tal afirmação na poesia de Mário de Andrade dedicada ao ciclo do rio Tietê, de uma beleza lírica comovente.

Saraiva (1999) realizando uma interpretação das relações entre as sociedades e rios ao longo da história, identificou os modelos/paradigmas que constituíram referências nesta relação e influenciaram as atuações sobre os sistemas naturais.

As fases de relações das sociedades com os rios foram as seguintes: a de sacralização dos rios e da água, que segundo Saraiva (1999) “é comum tanto nas civilizações orientais quanto ocidentais. A eles estão associados ritos de purificação como do batismo, de perdão, de castigo, de vida e de morte (...)”.

Um exemplo de sacralização dos rios é o rio Ganges, um dos maiores da Ásia, situado ao norte da Índia. Como ali é um país onde a religião se apresenta com um fator preponderante, o Ganges tem um valor espiritual para as pessoas que seguem o hinduísmo. Vários desses seguidores tomam banho nas águas do rio, acreditando que ele tem a capacidade de purificar todos os pecados.

A sacralização do Ganges ocorre principalmente porque a maioria da população acredita que suas águas têm origem dos céus, por vontade do Deus Brahma, que para sua religião é o responsável pela criação do universo. Esta sacralização gera práticas e rituais. “Um ritual muito comum, é a visita de milhares de devotos, que ao amanhecer tomam banho nas águas poluídas do rio, tomam a água e lançam as cinzas de familiares mortos”²⁵.

A segunda fase característica foi à da harmonia. Em algumas culturas²⁶, os rios tiveram a função de estruturar o território, por meio dos ciclos de cheia, irrigação e drenagem, possibilitando o desenvolvimento das práticas agrícolas. O exemplo mais conhecido dentre todos os rios, é o do Nilo, ao qual os antigos egípcios devem o desenvolvimento de sua civilização.

Como a terceira e quarta fases, de controle e domínio dos rios, Saraiva (1999) argumenta: “o fascínio de domínio da água e dos rios é de todos os tempos e revela-se desde as civilizações hidráulicas mais antigas, desde a Suméria, no fértil vale da Mesopotâmia banhado pelos rios Tigre e Eufrates, até as grandes obras de barragens da actualidade” (p. 64-65).

²⁵ Informações disponíveis no site: <http://www.infoescola.com/geografia/rio-ganges/>. Acesso em 15/10/2009.

²⁶ Exemplo da egípcia.

Pela dinâmica da sociedade capitalista emergiu a necessidade de se estudar a estrutura dos canais fluviais para implantação das obras de regularização, visando maior funcionalidade hidráulica. No entanto, esta fase designou efeitos que “levaram à artificialidade dos sistemas fluviais, com a modificação do seu regime e dinâmica, alterando e destruindo as comunidades biológicas componentes dos seus ecossistemas”. O trecho a seguir resume o retrato desta fase:

(...) o uso dos rios como sistema de recolha de resíduos, sobretudo a partir da Revolução Industrial, levou à progressiva alteração da qualidade das águas que serviam de recepção dos produtos resultantes da elaboração industrial e das águas residuais dos aglomerados, principalmente nas zonas de grande densidade urbana. Atingiram-se, nalguns casos, elevadíssimos níveis de poluição, agravada também pela concentração de adubos e pesticidas usados na agricultura, arrastados pelas águas pluviais para a rede de drenagem (SARAIVA, 1999, p. 77).

Nas civilizações antigas, os rios organizaram os espaços, unificaram e dividiram os territórios, sustentaram muitas sociedades que utilizavam a irrigação para desenvolver sua agricultura²⁷. A partir da década de 1970, devido à consequências degradantes da implantação de grandes projetos de agroindustriais tivemos a fomentação dos movimentos ecológicos, que pressionaram para mudanças relativas à postura, de apropriação e uso os recursos hídricos, caracterizando a última fase descrita pela autora.

A obrigatoriedade da elaboração de Estudos de Impactos Ambientais (EIA) a partir de 1981 para os empreendimentos hidráulicos é um exemplo como nos confirma a citação seguinte:

Assiste-se actualmente ao desenvolvimento de atitudes e programas que visam considerar, na gestão dos sistemas fluviais, o seu potencial ecológico e a diversidade, bem como a riqueza cênica e paisagística que lhes está associada. O uso de metodologias tradicionais e de tecnologias mais leves, ambientalmente ajustadas às especificidades físicas e culturais da região, tem vindo a ser aconselhado, alternativamente a soluções “duras” e artificializantes em planos e projectos de intervenção fluvial (SARAIVA, 1999, p. 79)

No Brasil, os rios possuem importância histórica, principalmente pelos seus diferentes usos. No processo de colonização, foram tidos como pontos de referência, na falta de mapas ou de sistemas formais de representações de espaço

²⁷ Essas sociedades também são denominadas de “civilizações ou sociedades hidráulicas”.

encobertos por matas “os rios, com suas nascentes e acidentes geográficos, funcionavam, portanto, para o descendente de europeus também como pontos de referências” (SÃO PAULO, 1999, p.15).

A história dos rios também é constituída de conflitos e interesses, como temos dentre tantos outros o rio Pilcomayo, limite territorial entre os países Paraguai, Argentina e Uruguai. Este rio foi usado por expedições para reconhecimento do território, bem como com expedições de explorações auríferas e geopolíticas.

Seu uso também se deu como delimitador de limites e conflitos territoriais, entre os países, bem como entre os militares e as populações locais. Quando se divide os territórios políticos tendo os rios como fronteiras muitas vezes se tem os conflitos, como foi o exemplo deste rio, exposto pelo autor no trecho citado a seguir:

(...) En este sentido, los cursos de los ríos suelen ser cargados de naturalidad e inmovilidad en tanto delimitadores de in situ de límites de soberanía territorial. Ahora bien, esta naturalización de la frontera entra claramente en crisis cuando el río utilizado como divisória internacional posee um curso divagante e impredecible (GORDILLO, 2002, p. 29).

Várias fronteiras do território brasileiro são definidas por limites de rios, tanto os limites nacionais como os estaduais. O Estado de Goiás não foge à regra, e na divisão de seus limites temos dois exemplos dos usos e funções dos rios: “(...) o Rio Araguaia é o limite juridicamente reconhecido entre Goiás e Mato Grosso, e o Rio Aporé é o limite natural que separa o nosso estado do Mato Grosso do Sul” (NETO, 2006, p.17). Outro marco aquático divisório é o Rio Paranaíba que separa o Estado de Goiás do Estado de Minas Gerais.

Na história brasileira, os rios também possuíram distintas funções, uma delas foi a de conduzir os desbravadores do país rumo ao sertão. Por falta de estradas em terra firme, foram responsáveis pela condução das pessoas para a formação dos aglomerados, primeiramente caracterizados como arraiais e posteriormente em vilas e cidades.

Outra função foi de algumas localizações da região Amazônica e do Pantanal serem os “caminhos” condutores a todos aos seus almejados destinos. Dessas regiões onde a água tem um papel preponderante, as narrativas de Augusto de Leverger, primeiro cartógrafo de Mato Grosso, identificam os caminhos hídricos dos desbravadores pioneiros daquela região ainda no século XVIII.

Por sua vez, no Estado de Goiás esta situação histórica não se diferenciou das outras regiões expostas. Aqui, além dos rios terem subsidiado a base de exploração aurífera, após sua primeira formação populacional, constituída por índios, com a criação da Capitania de Goiás, Neto (2006) argumenta que foram eles os rios os principais meios para povoamento do novo território goiano.

O rio Pardo, ao Sul, também limite do povoamento Kayapó, foi por muito tempo a principal porta de entrada rumo aos sertões de Goiás e do Mato Grosso, mais de Goiás que de Mato Grosso. Por ele se atingia o Rio Coxim, e, pelo Taquari, a partir da foz desses dois rios, chegava-se às cabeceiras do Araguaia. Daqui ao interior mais profundo do território goiano, bastava seguir o caminho das águas dos rios Caiapó, Claro, Vermelho e Peixe (NETO, 2006, p. 16).

A terceira definição dada aos rios foi as de vias de comunicação, tidos hora como canais suplementares (das estradas) de acesso, outra como único caminho, integração e ligação entre as cidades e regiões. Eram denominados como “o caminho do Monarca” ou “os caminhos que andavam”.

Em Goiás, a parte norte do estado, segundo Borges (2000) não tinha sistemas de transportes ferroviários e rodoviários, ali os rios eram caminhos duradouros e necessários a um local completamente esquecido do restante do Brasil como se pode observar nas narrativas de Ana Braga, Amália Hermano Teixeira, Francisco Ayres e Maximiano da Mata Teixeira, pioneiros da literatura do hoje Estado do Tocantins.

Essa decadência de infra-estrutura é conseqüência da prioridade dada ao centro goiano e a região sul do Estado, deixando o norte totalmente dependente dos canais fluviais, não se chegando a se desenvolver como atividade econômica, segundo afirma Borges (2000, p. 65).

Porém, a navegação fluvial em Goiás permaneceu penosa e rudimentar. Nem chegou a se desenvolver como atividade econômica e estratégica para a ocupação da região, permanecendo apenas como uma forma de transporte e de sobrevivência para as populações ribeirinhas do norte goiano.

O autor citado menciona, ainda, fatores que contribuíram para a manutenção deste quadro. Primeiro, o rio Tocantins não possuía uma geografia favorável à navegação, devido suas condições físicas como obstáculos naturais, cachoeiras e rebojos, conforme também asseverou a pesquisadora Dalísia Dolles sobre o processo histórico da navegação em Goiás.

Segundo, a navegação no rio Araguaia também não representou importância para a economia. Com a criação da Companhia da Navegação Fluvial em 1932, nos primeiros anos, foi possível notar resultados econômicos, no entanto, não perduram devido ao custo de manutenção e os baixos lucros.

Acrescentando a tal fato, Borges (2000) nos cita dois outros fatores fundamentais para o pouco interesse na implantação dos rios em território goiano como vias fluviais. Um estaria relacionado ao fato da população ribeirinha apenas produzir para sua subsistência, sem excedentes econômicos para transporte, não atraindo capital privado para o mercado. Sendo o segundo um fator geográfico:

(...) os dois grandes rios que poderiam ser aproveitados como eficientes vias de transporte para Goiás correm para o norte do país, portanto, geograficamente, estão de costas para os centros metropolitanos da economia capitalista localizados no Sudeste, onde estavam os principais parceiros comerciais da economia goiana. (BORGES, 2000, p. 67).

Os rios goianos também tiveram importância como caminhos por onde navegaram diferentes meios de transporte. Neto (2006) ao relatar a história envolvendo o Rio Araguaia a respeito da proposta da “navegação a vapor”, algo proposto, porém, não colocada em prática afirma: “Lembramos, enfim, que as embarcações menores – canoas, igarités, balsa etc. – nunca haviam deixado de circular não só no Araguaia, como também no Tocantins, Paraná, Vermelho, Maranhão, Paranaíba, Bois e outros rios goianos” (p. 27).

Com a globalização e criação dos blocos econômicos como exemplo do MERCOSUL, que envolve países da América do Sul, os rios de maior porte são transformados e utilizados em hidrovias para circulação comercial. Esta “funcionalização” dos corpos hídricos os altera em suas formas, com as construções de usinas, eclusas e canais.

Desta forma, temos como exemplo as construções de canais no rio Pilcomayo. Seguindo acordos e investimentos estatais, interessados principalmente na constituição do MERCOSUL, reconfiguraram a forma deste rio, gerando conflitos entre as populações e a diplomacia entre Argentina e Paraguai. Gordillo (2002, p. 115) nos coloca que o rio Picomayo foi transformado no espaço do MERCOSUL.

(...) Más aún, esta interpretación desnuda algunas de las transformaciones que hoy envuelven a la region, por las cuales el río Pilcomayo está dejando de ser simplemente un río, “río nomás”, para

convertise en una ruta transnacional que alimentaria los intereses de sectores empresariales. Este imaginario es además significativo porque condensa la transformación más extrema a la que podría someter-se al río: su disolución como espacio no-mercantilizado (“río nomás”) y su materialización como vía de comunicación (“una ruta”) para actores ajenos a la región.

A citação retrata a realidade de apropriação e usos por segmentos sociais que não são originários da região. Este uso desmedido e exploratório gera conflitos territoriais, econômicos e principalmente identitários.

Na história do Brasil, tivemos profissões subsidiadas nos rios, podendo ser as de transportes: os barqueiros, os canoeiros, os chalaneiros (que inspiraram a conhecida música “Chalana” de Mário Zan), as de subsistência como os pescadores e as que utilizavam o rio com práticas cotidianas, dentre estas, destacamos “as lavadeiras de beira de rio”, principalmente nas grandes cidades. No trecho escrito a seguir, percebemos como era essa atividade de lavadeira e como esta se configurava no espaço da cidade de São Paulo.

(...) era comum se ver uma extensa romaria formada logo ao amanhecer na antiga Estrada da Penha, atual Rangel Pestana, e pelas ladeiras da General Carneiro e do Carmo, onde numerosos grupos de mulheres apressadas se dirigiam para a Várzea do Carmo. Algumas traziam na cabeça pesados tachos de cobres repletos de roupas; outras traziam trouxas embaixo dos braços ou ainda penduradas nas mãos; todas carregando roupas sujas que iam lavar nos vários afluentes do Tamanduateí (SÃO PAULO, 1999, p. 47).

Atualmente, o uso da água se concentra para abastecimento das necessidades das populações urbanas e rurais, para geração de energia e irrigação na agricultura. As práticas de lazer e esportes nos rios se atenuam cada vez mais.

Propaga-se uma economia desse recurso e o que era antes denominado de lazer passou a ser turismo de finais de semanas e feriados. Governos, empresas e iniciativas privadas agregaram aos rios, lagos e lagoas valores monetários, tornando-os mais um produto de consumo.

Os rios e os outros corpos hídricos passaram a compor também o cenário de procura para a sociedade “urbanóide” em um movimento de volta para natureza. Todavia, esse acesso aos rios varia de acordo com a condição econômica e poder aquisitivo das pessoas. Podem-se passar altas temporadas nos grandes rios, como o Araguaia, São Francisco, Cuiabá, Amazonas entre outros, ou apreciar os

balneários municipais, os “piscinoes”. E, em Goiânia, os famosos parques municipais feitos em torno de nascentes de córregos e rios.

Realidade contraposta ao início da formação das cidades, quando os rios constituíram a dita “cultura do rio”, seja como espaço do lazer ou espaço de realização de práticas esportivas, como encontramos na citação a seguir.

Já em 1891, os funcionários da Companhia de Gaz, também quase todos ingleses, resolveram formar alguns quadros de futebol que se exercitavam na várzea do Carmo, dando origem a uma prática comum no Brasil: a do futebol de várzea, ainda hoje presente na memória de muitos que dele participaram e cujo nome se perpetuou para definir as “peladas”, ou futebol de campo amador (SÃO PAULO, 1999, p. 55).

Com o advento da industrialização no Brasil, houve a necessidade de geração de energia elétrica para suprir a demanda das máquinas e das indústrias. Entre as fontes de geração de energia, destacam-se as hidráulicas sendo os rios, meios que foram, são e serão por tempos utilizados, em intensidades diferentes. Usos variados dependendo das características físicas dos mesmos. Usinas de grande, médio ou pequeno porte estão localizadas em todas as regiões brasileiras.

De uma região a outra do país, com ressalvas às especificidades de cada uma, os rios, ou a proximidade desses em ligações com as baías e lagoas, referenciaram e fomentaram os aglomerados populacionais de grandes cidades brasileiras.

Estes rios que serviram e ainda servem de “suporte” para as cidades, em geral são rios de grande extensão e volume de água, utilizados na sua maior parte para atividades de navegação, transporte de pessoas e mercadoria. Além de possuírem a função de serem receptores de esgotos e outros efluentes, geração de energia e abastecimento de água para os núcleos populacionais locais e cidades vizinhas.

Queiroz (2006) nos acrescenta que além das contribuições dos rios para o desbravamento dos sertões com a ampliação das nossas fronteiras, os rios brasileiros revestiram-se de relevante função simbólica, sobretudo quanto à configuração de uma integração nacional. Os rios foram tidos também como parte da simbologia da sociedade brasileira, que deu a estas fontes denominações como:

“Um grande rio, um pequeno rio, rios com relações expressiva de fé²⁸, e rios com denotações carinhosas “o velho Chico”²⁹.

Os rios constituem no imaginário de suas populações usuárias como símbolos, e podem ser usados em situações de conflitos de disputas territoriais, como símbolo apropriado de etnicidade cultural para determinados grupos. Desta forma, como exemplo podemos recorrer à Gordillo (2002, p. 59) para nos exemplificar novamente como o rio Pilcomayo foi utilizado pela comunidade de Formosa, localizada em território argentino.

En este sentido, en Formosa se crearon fuertes imaginarios que unían a criollos pobres, aborígenes, productores ganaderos y al gobierno provincial en una suerte de “comunidad imaginada formoseña” en su oposición al Gobierno nacional y al gobierno paraguayo, en tanto entidades ajenas a la región. Apesar de ello, los aborígenes no dejaron de sentir que el tema los afectaba con particular fuerza en tanto indígenas y pobres, por estar ellos en una situación social más vulnerable y ver en el río um símbolo de etnicidad.

Os rios também são constituídos de matriz mítica do simbolismo sagrado e profano. Representam importância histórica para as áreas nas quais se situam por se tratarem de um elemento simbólico e representativo para as populações que os margeiam.

A cultura do nordeste brasileiro, especialmente as relacionadas às grandes plantações da cana de açúcar, também teve seu início as margens de um rio. A seguir fazemos uso da citação do autor, com uma narração de situações corriqueiras na várzea do rio Capibaribe:

(...) na várzea do Capibaribe, onde também floresceu a primeira aristocracia brasileira de senhores de engenhos, que necessitou da várzea de um rio e de suas águas doces e fartas “para desenvolver-se dentro da sedentariade e da endogamia”. Os costumes dessa gente foram bastante influenciados pela presença do rio: algumas festas - Natal, Ano Bom, dia de Reis, eram celebrados junto a ele. “O rio recebia então o corpo pálido da sinhá dengosa, moças quase tuberculosas de tanto viverem dentro das camarinhas”. No rio elas se libertavam do escuro e do abafado dos seus quartos de doente:

²⁸ O exemplo mais claro se refere ao rio Parnaíba no Estado de São Paulo, uma vez que de suas águas se retirou no século XVIII por pescadores a imagem de Nossa Senhora Aparecida.

²⁹ Denominação dada ao Rio São Francisco que nasce no estado Minas Gerais, passa por Bahia, Pernambuco e Alagoas onde deságua no Oceano Atlântico. Este rio também é cognominado de Nilo Brasileiro, rio dos Currais, e rio da Unidade Nacional. Em suas margens tem-se um forte desenvolvimento da agropecuária, além de comportar usinas de pequeno, médio e grande porte, sendo as principais: Três Marias, Sobradinho, Paulo Afonso, e Luís Gonzaga.

ficavam verdadeiras meninas gritando e nadando nuas. O rio recebia o corpo dessas moças finas e não apenas o dos moleques da bagaceira limpando-se do suor e do sujo do trabalho; ou o dos negros dando banho nos cavalos' (QUEIROZ, 2006, p. 731).

Outras referências atribuídas aos rios são as de testemunhos e agentes transformadores das paisagens, assim como, fomentadores da interação/relação sociedade e natureza, pessoas e lugares. Os grupos sociais idealizam e confeccionam suas paisagens e lugares, e os rios são concebidos como elementos representantes e significativos na constituição desses lugares, das paisagens e dos espaços.

Em Goiás, historicamente, os rios eram utilizados como formadores de topônimos de cidades, que concretizavam o ideário poético, em muitos casos hoje desaparecidos. É o caso de “São Sebastião do Ribeirão” que hoje é Guapó; “São João Batista do Meia Ponte” que é hoje Brazabrantes; “Cachoeira da fumaça” que é hoje Cachoeira de Goiás; “Água fria” que é hoje Caçu; “Torres do Rio Bonito” que é hoje Caiapônia; “Rio do Peixe” que é hoje Caturaí; “Riachão” que é hoje Guarani de Goiás; “Entre-rios” que é hoje Ipameri; “Rio das pedras” que é hoje Itaberaí; “Santa Rita do Paranaíba” que é hoje Itumbiara; “Água limpa” que é hoje Jandaia; “Olhos d’água” que é hoje Americano do Brasil; “São Sebastião do Atolador” que é hoje Mairipotaba; “Garimpo do Rio Verdão” que é hoje Maurilândia; “São José do Tocantins” que é hoje Niquelândia; “São José do Turvo” que é hoje Paraúna; “Meia Ponte” que é hoje Pirenópolis; “Água emendada” que é hoje Portelândia; “Abadia do Paranaíba” que é hoje Quirinópolis; “Barranca” que é hoje Rialma, “Poções” que é hoje Turvânia, “Vargem grande” que é hoje Varjão; assim como os nomes que continuam como Rio Verde, Rio Claro, Cachoeira de Goiás, Hidrolândia, Lagoa Santa, Matrinchã, Santa Rita do Araguaia, além de outros, evidenciando a saga dos rios no imaginário dos primeiros habitantes da terra goiana.

Nesta relação de apropriação e exploração, o ser humano transforma os elementos naturais por um processo de construção social ao longo da história, dando as paisagens diferentes e repletas camadas significativas. A partir de tal pressuposto, os rios aparecem como elementos fundamentadores das paisagens culturais, variando de acordo com a forma que determinados grupos culturais se apropriaram das suas margens, assim como de sua própria lâmina d’água.

A paisagem é uma realidade concretizada por meio de uma *práxis* desenvolvida e engendrada pelo tempo, como nos escrevem os autores seguintes.

(...) a paisagem permaneceria como uma espécie de memória onde se registra e totalizaria a história das atitudes do homem em relação à terra, o rosto que a superfície terrestre oferece à observação, composto por um mosaico de traços de sistemas há muito abandonados, em meio a testemunhos do estado atual da ocupação do solo (OSEKI & ESTEVAM, 2006, p. 79)

Os autores supracitados ainda definem a chamada “racionalidade mesológica, uma racionalidade relativa à apropriação humana do meio natural, das paisagens, duplamente determinada, pois, a paisagem é um meio entre sociedade, espaço e natureza, mas guarda um sentido simbólico” (p. 79). As paisagens com seus sentidos simbólicos, oriundos da relação sociedade e natureza referenciam espacialmente os significados das vidas dos sujeitos.

Em razão das transformações operadas na paisagem pela industrialização, mineração, urbanização e da submissão dos recursos hídricos aos novos e diferentes usos, o ser humano afasta-se cada vez mais da água enquanto elemento possuidor de movimentos e ritmos naturais, tirando da mesma sua historicidade, parte e vínculo com o social à medida que se perdem suas memórias.

Morre a memória a respeito do rio, das bicas da água pura, da fauna e flora associadas a esse meio. As ruas são construídas sobre os riachos e córregos canalizados, as avenidas se estendem ao largo dos rios maiores. As bicas naturais se escondem atrás de canos que levam suas águas as caixas de distribuição. Os chafarizes são fechados, e a água chega às casas da cidade (SÃO PAULO, 1999, p. 18).

O rio como componente do ambiente, elemento da paisagem cultural, possui representações e significações que variam com as mudanças impostas nestas relações. Ao se alterarem as relações, alteram-se os simbolismos afetivos, místicos e sociais para com os rios e vão se perdendo suas memórias, bem como “gradativamente seu sentido religioso, ou simbólico, num mundo cada vez mais paganizado pelo consumismo e pelo progresso a todo custo” (SÃO PAULO, 1999, p. 60).

Essas mudanças ocorrem pela incorporação de novos modos de produção e organização dos espaços, influenciando diretamente na subjetividade dos sujeitos. Acreditamos que as mudanças das paisagens marginais do rio Caldas tenham sido apreendidas pelos idosos com representações diferenciadas, armazenadas na memória, alimentando o imaginário social que será exposto e compartilhado no

meandro seguinte por meio das narrativas daqueles que viveram ao longo dos anos uma proximidade espacial e histórica com o rio.

Esses colaboradores vêem o rio Caldas como componente de sua historicidade, pois perceberam e contém na memória as modificações simbólicas e matérias relacionadas ao mesmo e ao ambiente local. No segundo meandro, compreenderemos como a memória revela as facetas do rio enquanto lugar, por meio das representações expressas nas narrativas dos colaboradores.

... Meandro II...

Memórias do rio: a voz da experiência do lugar

*Na curva do rio, na residência da saudade,
Encontrei na memória,
Pessoas prenhas de saberes e
Transbordantes de experiências...*



As narrativas são compostas por representações relativas às águas e aos rios, de acordo com as funções e significações atribuídas a estes. A relação entre a memória dos colaboradores, as águas e o rio Caldas é resultante de um processo abrangedor de representações, configurações, alterações e significações.

Compreender qual a importância da memória, ressaltar alguns teóricos que a discute, bem como suas contribuições é nosso propósito no percurso de aprendizagem sobre o sinuoso rio da memória. Mergulhamos nas águas deste instrumento de compreensão da realidade, formado de diferentes elementos e analisado por diferentes vias conceituais, concepções, teorias, classificações, conceitos e definições.

Neste mergulho, objetivando conhecer teoricamente a “memória”, ancoramo-nos nas contribuições de pensadores que nos auxiliam neste processo contínuo, envolvente e desafiador de aprendizagem.

2.1 Aprendizagens de mergulho no sinuoso rio da memória

Na atualidade, a construção de memórias é um exercício de leitura do passado feito de dentro, ela é fruto de partilhas, encontros e atos individuais e coletivos que lhe propiciam sobrevivência e sentido. As memórias são construídas em torno das narrativas do passado. “(...) compreendendo que a construção da memória é um processo onde a fabulação, a imaginação e a historicidade se mesclam” (ZANINI, 2005, p. 117).

A memória é pensada e teorizada por autores como Bachelard (1997) propositor de uma discussão de memória relacionada com a imaginação. Por sua vez, Meinhy (2005, p.63) nos apresenta o conceito de memória como “lembranças organizadas segundo uma lógica subjetiva que seleciona e articula elementos que nem sempre correspondem aos fatos concretos, objetivos e materiais”.

Na definição de Bello (2004), assim como outras ações do ser humano, a memória é concebida como vivências, que podem ser, ao mesmo tempo, fenômenos culturais, ressaltando que estas estruturas possuem conteúdos diferenciados, como nos apresenta a referida autora.

Temos consciência das vivências. Temos concebidas como vivências: a reflexão, a lembrança, a memória, a imaginação e a fantasia. Estes são exemplos de atos e vivências presentes nos sujeitos humanos, portanto, são estruturas próprias de todos os

homens. No entanto o conteúdo de cada ser é diferenciado do outro. (BELLO, 2004, p. 50).

Diferentes grupos sociais guardam na memória seu passado, ancorados em memórias individuais com lembranças individuais e coletivas, como também em memórias coletivas. Na memória, temos representações das lembranças, das imagens, das paisagens, dos espaços vividos e dos lugares. Balandier (1999) defende a teoria de que a memória do sujeito está relacionada com o lugar e com o tempo vivido.

Construir uma teoria da memória relacionada com o sujeito individual, não é somente teorizar considerando a percepção, a lembrança e a imagem, a representação útil a ação, é também produzir uma teoria do lugar – o corpo – onde se situam os mecanismos que permitem que a memória opere, e uma teoria das temporalidades do tempo vivido (BALANDIER, 1999, p. 47).

Ao continuarmos nosso mergulho sobre as concepções de memória, também encontramos Halbwachs (2006), distinguindo a memória individual da memória coletiva. Para este autor, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, e este ponto de vista muda segundo as relações mantidas com outros ambientes. Dos fragmentos da memória individual são construídos os alicerces da memória coletiva.

Acrescenta, também, que a memória individual/pessoal (autobiográfica) é limitada no espaço e no tempo, pois, “não é menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com as dos outros” (p. 72).

Segundo Bosi (1987) existe dois tipos de memórias. Um relacionado à denominada memória “hábito”, parte de nosso contexto cultural e da percepção, presente e incorporada às práticas do dia-a-dia, e outro, relacionado mais a imagem lembrança de caráter não mecânico, mais evocativo. O segundo tipo de memória estaria ligado mais ao inconsciente; tem data certa, se refere a uma situação definida, individualizada.

Meinhy (2005) menciona três tipos de memórias: as individuais, as sociais e as coletivas. Segundo o autor, as memórias individuais primeiramente se diferenciam das memórias grupais. A memória individual serve apenas para propiciar sentido às situações sociais. Ressalta ainda, a memória social como sempre relativa

a um grupo muito amplo, reunido em torno de fatores afins, e por sua vez, a memória cultural é mais restrita.

A memória coletiva apresenta consistência e duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes de um grupo social. “As memórias que representam individualidades são embasadas por lembranças grupais culturalmente formadas em uma base comum por pontos de contato em comum” (HALBWACHS, 2006, p. 39).

As memórias se apóiam nas histórias vividas e experienciadas. As lembranças individuais sustentam as lembranças coletivas, e desta forma, nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, mesmo se tratando de eventos envolvendo somente a nós e a objetos singulares e particulares. Segundo HALBWACHS (2006) a lembrança é como a fronteira e o limite: ela está na interseção de muitas correntes do “pensamento coletivo”. E por isso, sentimos tanta dificuldade para lembrar acontecimentos relacionados a nós mesmos.

A reconstrução da memória é balizada nas recordações e nas localizações das lembranças. Estas devem ser referenciadas nos contextos sociais dos grupos de colaboradores. As lembranças resultam de processos de envolvimento com pessoas, acontecimentos, lugares, ações, circunstanciais e fases da vida de cada pessoa.

A memória coletiva está ligada aos lugares e deles recebe seu suporte e seus meios de conservação. Outro elemento constituinte da memória coletiva são as representações de uma sociedade constituídas em determinada época, como temos na citação do autor da referencia.

(...) as representações observadas em determinada época e em determinado lugar - contanto que apresentem um caráter recorrente e repetitivo, que digam respeito significativo e que tenham aceitação a um grupo significativo e que tenham aceitação nesse e fora dele – constituem a manifestação mais clara de uma “memória coletiva”. (ROUSSO, 2006, p. 95).

As representações possuem dimensões simbólicas. Com as representações é possível compreender as maneiras como os sujeitos apreendem e interpretam os acontecimentos do cotidiano, as características do meio e absorvem as informações circulantes nas relações sociais.

As narrativas, mesmo sendo individuais, possuem suas bases enraizadas no contexto cultural de determinado grupo. Diante de tal exposto, as representações

que cada indivíduo possui, refletem as do grupo ao qual ele pertence. Mesmo a memória sendo individual, ela é representativa entre aqueles que a lembra, ela se materializa nos discursos individuais e recebe influências das individualidades.

Para Rousso (1992, p. 94) “a memória representa a presença do passado”. Um passado não é somente do indivíduo, porém, resultado de sua inserção em seus diversos contextos participativos (familiar, de grupo) e até mesmo reflete os eventos que foram representativos de uma época e que marcaram seu tempo.

A memória é, neste sentido, coletiva por definição (RODRIGUES, 1999). Pode ser um elemento para a compreensão do espaço geográfico, nutrida pelo imaginário social e ou político. Felipe (2001) ao demonstrar a (re) invenção do lugar pelos Rosados revela como a memória pode ser usada e manipulada por determinado grupo com diferentes finalidades.

Para os Rosados a memória é um instrumento político que usam para alavancar sentimentos de rebeldia, de resistência e de amor à liberdade, mas também para impor conformidades e criar uma ideia de que eles são os predestinados pelas forças do passado a gerir essa sociedade e viabilizar os sonhos dos ancestrais que passaram em Mossoró como um centro Cosmopolitano. (FELIPE, 2001. p. 35).

Dentre os distintos usos, a memória é utilizada como técnica e ou metodologia; seja com o intuito de revelar ou aprofundar relações temporais identitárias de grupos específicos como: grupos religiosos, agricultores, pescadores, sambistas, lavadeiras, médicos, índios, negros, brancos, migrantes, imigrantes, idosos, ou servir para a construção de uma memória nacional, local, entre outros.

A memória é capaz de revelar as dinâmicas das relações que formaram determinado espaço. É, também, o registro de um processo dinâmico de influência direta na maneira como o ser humano percebe, representa e se relaciona com a sociedade, a natureza, os demais seres humanos e consigo mesmo.

Marin (2003) argumenta e reforça a inseparabilidade da organização e do movimento do espaço habitado com a memória. Considera esta conexão entre processos profundamente inter-relacionados, desenhados tanto nos discursos proferidos pelos sujeitos quanto nas ações empreendidas na configuração do ambiente, bem como nas dinâmicas de sua formação.

As memórias podem ser materializadas em escritas, sons e principalmente em narrativas. Tais narrativas são usuais devido à sua importância quando a memória de um grupo começa a ser dissipada pelo tempo, com a separação ou

diluição de seus componentes, quem nos chama à atenção para este fato é Halbwachs (2006, p. 101).

Quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, o próprio evento que nele esteve envolvido ou que dele teve conseqüências, que a ele assistiu ou dele recebeu uma descrição ao vivo de atores e espectadores de primeira mão – quando ela se dispersa por alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades que não se interessam mais por esses fatos que lhes são decididamente exteriores, então o único meio de preservar essas lembranças é fixá-los por escrito em uma narrativa, pois os escritos permanecem, enquanto as palavras e o pensamento morrem.

Com as informações contidas na memória é possível o conhecimento e o significado das ações empreendidas pelos sujeitos de um determinado lugar e como as mudanças ocorrem naquele ambiente, já que os acontecimentos experienciados e contados pelos narradores articulam passado e presente, espaço e tempo. A memória do lugar transforma, assim, os lugares em “lugares de memória”. (SEEMANN, 2002/2003).

As contribuições de Balandier (1999, p. 62) para nosso mergulho vêm caracterizar, definir e indicar os lugares da memória. O autor defende que estes são: “(...) os que permitem – pela diferença cujos elementos nos são legados pelo passado, e que nos é própria, na medida em que a diferença exótica nos é, por definição, estranha (...)”.

Para este autor, estes lugares podem ser constituições progressistas de não-lugares em lugares qualificados e lugares banais revalorizados, desde que sejam carregados de significação e repertoriados.

Os lugares passam a ser concebidos como espaços representados de um ambiente sociocultural que envolve, também, uma construção repleta de expressões simbólicas. Dentre estas, podemos encontrar a memória geográfica, como nos elucida Rodrigues (1999, p. 45). “Os elementos desse parâmetro são os de distância, de tempo e os meios de transportes utilizados. (...) As lembranças referem-se a caminhos, estradas, morros, e outros aspectos físicos do lugar em que viviam”.

A memória se refere aos lugares no espaço, aos sujeitos que estabelecem relações específicas com ele. Essas são objetos da memória porque fazem sentido

para aqueles que a realizam e lhes propiciam noções de pertencimentos, seja ao local ou ao grupo social no qual o indivíduo está situado.

A partir das variadas visões e concepções dos rios das águas e dos encaminhamentos teóricos a respeito de memória procuraremos compreender como o ambiente do rio Caldas tornou um lugar intensamente humano, ou seja, como este rio passou a ser considerado como um lugar para os idosos e como as narrativas memórias enfocam este fator?

2.2 Memórias do rio Caldas: lugares de pertencimentos

As definições de espaços como lugares variam com as experiências pessoais desenvolvidas e atribuídas a eles. Os lugares só existem em termos culturais, e como tal, podem aparecer e desaparecer, mudar de tamanho e caráter e mesmo deslocarem-se de acordo como as pessoas os constroem.

Tuan (1982) argumenta sobre como os lugares são imaginados, existindo na mente, bem como nos terrenos.

Os lugares humanos variam grandemente em tamanho. Uma poltrona perto da lareira é um lugar, mas também o é um estado-nação. Pequenos lugares podem ser conhecidos através da experiência direta, incluindo o sentido íntimo de cheirar e tocar. Uma grande região, tal como a do Estado-nação, está além da experiência direta da maioria das pessoas, mas pode ser transformada em lugar – uma localização de lealdade apaixonada - através do meio simbólico (...) (TUAN, 1982, p. 149)

Os lugares são receptáculos de símbolos onde as pessoas possuem a capacidade de criar significados e colocar o imaginário em ação. Balandier (1999, p. 62) assevera à criação dos lugares pelos homens e designa os lugares como “(...) resultados da socialização contínua, da acumulação que se faz ao longo do tempo e do uso que dele se faz no presente”. São os objetos de um conhecimento imediato, sensual, emocional e imaginário de uma relação afetiva, com duração por enraizamento.

Os ambientes transformados em lugares, devido à experiência dos sujeitos, trazem ao mesmo tempo a marca individual e coletiva por meio de significações recíprocas. Com isso, este lugar torna-se presente nas memórias e narrativas. O autor a seguir, faz uma descrição desta relação entre grupo, espaço e lugar.

(...) o local recebeu a marca do grupo, e vice-versa. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais, o lugar por ele ocupado é apenas a reunião de todos os termos. Cada detalhe desse lugar tem um sentido que é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais estável (HALBWACHS, 2006, p. 160).

Os idosos guardam nas memórias as formações, diferenciações, funcionalizações e os significados dos lugares. Os significados sociais e culturais dos lugares são criados e as representações das experiências são norteadoras para a concepção do sentido de lugar e importantes para a imaginação geográfica das pessoas.

As narrativas revelam e formam as memórias, as memórias por sua vez trazem representações de experiências. Rodrigues (1999) aponta que as memórias geográficas seriam formadas pelas lembranças e recordações do espaço físico. Propomos em nossa pesquisa, o desafio de olhar todas as memórias como geográficas, pressupondo que as mesmas são referentes propriamente a um espaço/lugar ou são oriundas de suas relações, experiências ou vivências.

As memórias revelam e constroem os lugares. Nos itens seguintes compreenderemos como alguns fatores contribuem para um espaço/ambiente ser concebido como lugar, constituinte de memórias e representado nas narrativas. Dentre os principais fatores destacaremos; a natureza das experiências temporais com o rio; e os significados e importâncias simbólicas dados ao rio. Fatores que nos ajudam também a caracteriza memória cultural ambiental do Caldas.

2.2.1 A Natureza das experiências no rio Caldas

As lembranças presentes nas memórias quando narradas pelos anciões de determinado grupo, nos indicam as faces do processo e da história ainda não divulgados. A natureza das experiências temporais, ou seja, o que e como os idosos conhecem, interagem e experienciam o rio são especificados em suas narrativas. Estas são únicas e nos revelam detalhes e quais representações as compõem.

Temos diferentes formas de experiências, podendo ser diretas e íntimas, ou indiretas e conceituais. Essas experiências são mediadas por símbolos abrangentes de diferentes maneiras das pessoas conhecerem sua realidade. “Estas maneiras

variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar, tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização”. (TUAN, 1983, p. 09).

As experiências e o conhecimento do rio, enquanto lugar são representados nas narrativas pelo relato das mudanças mais visíveis e perceptíveis, as evidenciadas e vivenciadas nos aspectos físicos. Holzer (2006) nos chama atenção para outro elemento importante na caracterização das experiências; o tempo. O referido autor atribui ligação do tempo com as experiências dos sujeitos ou de seus grupos.

Na experiência do lugar existe a sensação comum de familiaridade, enquanto que na experiência da paisagem somos pessoas que estão de fora da cena. Nesse sentido o papel do tempo ligado à experiência continuada, é fundamental para a caracterização do lugar. Essa experiência do lugar se dá tanto no indivíduo quanto no grupo, ligando-se ao uso cotidiano de um determinado espaço, que por isso se torna lugar (HOLZER, 2006. p. 119).

Tuan por sua vez, (1980) designa o lugar “como o lar, o *locus* de reminiscência e o meio de ganhar a vida, (...)” é o veículo de acontecimento emocionalmente forte ou é percebido como um símbolo. Nesta instância, o ser humano pode estabelecer relações profundas com seu grupo social e suas raízes identitárias. Defende ainda TUAN (1982, p.162) que “o lugar é um conceito e um sentimento compartilhado tanto quanto uma localização e um meio ambiente físico”.

Podemos perceber que as narrativas dos colaboradores possuem especialmente experiências íntimas e diretas. Estas experiências são relatadas primeiramente nas características físicas do lugar, o que denominaremos como componentes da memória geográfica ambiental do rio. Esta memória aparece principalmente pela descrição das formas, tamanho, vazão e cor da água, percurso do rio, margens, utilização, flora, fauna e das atividades proporcionados por este elemento aos colaboradores.

As narrativas se deram em ritmos e tempos variados, com representações, preocupações e visões diferentes. O trecho a seguir da narrativa da colaboradora Maria Teixeira nos remete resumidamente a sua preocupação com as condições do rio e com seu ambiente.

olha o rio... infelizmente mudô completamente é hoje nois tamô vendo até uma água limpa tem que agradecê muito a Deus... mais o que eu tenho pra falá pra você é que com muita tristeza que aquilo a água diminuiu... mais de 59 e 60% isso a gente tem certeza... ou

mais... num sei avaliá né... e ... mesmo com as reservas que ainda tem... a gente que já percebeu que não podia... mais hoje o Caldas num é aquele Caldas que eu conheci a gente vê com muita dor e tem que fazé um trabalho muito bem feito ainda... com plantio com várias coisas pra retorná e não deixá acontecê o cantaminá... porque a minha preocupação é contaminá... porque ele é um dos poucos rio aqui que não tá contaminado... agora tem que acudi porque tem lavora de tomate e é perigoso... motor a óleo e em tudo isso a gente vê os perigo que tá acontecendo... areia... que tão explorando... num para de tirá então os barrancos vai quebrando e vai descendo e vai diminuindo a água... (Sr^a. Maria Teixeira, 2008).

Neste trecho da narrativa, podemos destacar pontos, também referenciados em outras narrativas. De início, ela nos relata seu conhecimento a respeito da diminuição das águas e chega mencionar a porcentagem desta diminuição. Em seguida, destaca a necessidade de se pensar, organizar e executar planos e projetos visando à conscientização para evitar a contaminação das águas do rio.

Podemos perceber a preocupação da narradora em relação ao risco de contaminação do rio, principalmente na expressão “agora tem que acudi” de forma que, analisando esta expressão, ela representa a urgência do tempo no advérbio “agora” e no “tem que acudi” a urgência da ação, de não deixar as possíveis formas de contaminações atingirem o rio.

Dentre os fatores que conduzem a fixação dos grupos humanos em áreas próximas aos corpos hídricos, se destaca a possibilidade de uso destas águas como subsídio para as atividades humanas. Nossos colaboradores também ressaltam às águas do Caldas atribuindo a elas importâncias de usos, descrevendo e narrando à forma como esta era utilizada e com quais finalidades.

As maneiras de utilização permitem que os idosos possuam maior contato e conhecimento destas águas; essa proximidade permite aos mesmos narrarem o processo de irrigação e represamento e as conseqüências destas práticas para a configuração física do rio. A seguir apresentamos dois fragmentos de narrativas que nos contam a utilização das águas do Caldas.

Primeiramente, D. Maria Teixeira, nos fala de uma maneira de utilização e consumo da água:

(...) água que nois bebia naquela época não tinha filtro era pote... minha mãe fazia queimava na olaria... era coada num pano... quantas potadas de água que a gente carregava né era dessa forma porque num tinha nada né... (Sr^a Maria Teixeira, 2008).

E dona Maria Dutra, em poucas linhas, argumenta todo o processo a que o Caldas foi submetido:

(...) a água dele era azul... nois usavá a água pra tudo... usava né... porque num tinha... ao memô aqui... por perto não tinha moradô não... ninguém tinha nojo da água não... essa água do Calda aqui memô... ela foi uma água limpinha né e... o corgo era che::io de água... um CORorgão::..... agora um puxa daqui outro puxa de acolá né... já tá passando uma biquinha ai...³⁰ (S.^a Maria, D, 2008)

Ainda sobre os aspectos físicos, o colaborador Lázaro chega a relacionar a diminuição do volume d'água a um fenômeno natural. No entanto, atribui o assoreamento e o desbarrancamento como uma consequência da falta de mata ciliar, retirada pela ação humana para a introdução da agricultura e, posteriormente, para a pastagem.

Outro relato é sobre a vazão e velocidade da água do rio, fatores atrelados às mudanças naturais “tempo” e a retirada da mata ciliar, que contribuem para desencadear esses processos. Como podemos notar no trecho da narrativa a seguir.

ah:: eh::... hoje ele não tá fundo mais não... hoje ele tá muito raso – ah:: o pessoal...falá que é por causa da extração de areia que existe muita draga no rio de tirá areia Nã::o... não é isso não... é o fenômeno do tempo... nois não entendemos o fenômeno do tempo... no passado tinha árvore demais na beira do rio... muita mata... (...) hoje não existe mais uma gameleira no rio intacta... igual nois tem aqui na mata de reserva que meu pai deixou Gameleira enorme grossa mesmo com mais de duzentos anos com certeza... não hoje derrubaró tudo o HO::mem... EU não sou ninguém pra sugerir nada pra ninguém... uns falá que precisá destruí pra vive né...mais o Homem derrubá planta demais e não plantá outra... num é verdade... aqui mesmo eu vou te mostrá na banda de lá que não plantaram nada o rio já quebrou mais de trinta metros de chão pra lá... ai o rio vai... vai virando só aquela correnteza brava o rio era por cima do chão --- (...) (Sr. Lázaro, 2008).

Na memória dos relatos feitos pelos idosos ficaram registrados detalhadamente o início do processo de retirada da mata ciliar e suas consequências, bem como do uso de dragas para a retirada de areia. As utilizações de dragas no rio são proibidas e mesmo com as constantes denúncias dos moradores residente próximos ao rio, esse é um processo que a cada ano vem se acentuando.

³⁰ As normas de transcrição das narrativas seguem as normas do projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo. Vol. III – Entrevistas. São Paulo: USP, 1988.

O uso desta técnica de retirada de areia provoca o desbarrancamento das margens do rio e a derrubada dos resquícios da mata ciliar que ainda existe no Caldas. Este processo é relatado na narrativa do colaborador a seguir.

(...) nos tempos de que existia antigamente ninguém se proibia... derrubaro a bera de corgo... derubaro muito destruíram a bera do corgo... aquilo ativa a raiz... corgo desbarranca ele e estraga né e problema de algumas dragas por ai... porque as dragas puxa... puxa principalmente na seca... nois até já... já entramô ai com o meio ambiente pra eis acabá com essa draga... aqui no fundo de casa era um lugar praino o gado bebia em todo lugar hoje tem lugar que pode por com a mão pra riba que num alcança lá – porque na seca principalmente na seca... onde a água passa eis vão puxando areia com a draga lá e onde a água passa eis vão puxando areia vira aquela correria quando cai... cai aquele eito do barranco desloca por baixo quando vem a chuva grande derrubá... aquilo alí negocio de 2 a 3 metros ou mais já foi devastado... destruído... pau que eu conhecia ai quando eu entrei pra i era dentro d água hoje tá longe nem a raiz dele num vê tá longe do barranco... o rio já passô por ele e derrubô o barranco do outro lado... onde tem mais gameleira um pau... mais resistente ai tá persistindo no mais... mais tem que acabá é com essa draga que é improibido... se acabá eu prantô pau na bera do rio... se num cabâ eu num prantô não... prantá pra essa draga derrubá...? (Sr. Rosendo, 2009)

Nosso colaborador denuncia a presença das dragas e os que elas estão provocando na estrutura do rio. A derrubada da vegetação fica explícita neste relato. Outro fator a ser destacado é a indignação do colaborador com a permanência das dragas, chegando até a se negar a realizar o plantio se estes equipamentos não forem retirados do rio.

Além das experiências visíveis dos colaboradores em relação às mudanças físicas do rio e de sue entorno, nas narrativas encontramos fragmentos e trechos em que ocorre uma ligação do elemento rio com os demais elementos do ambiente, especialmente a flora e fauna e estes ficam registrados nas memórias dos narradores por determinadas experiências específicas. Na narrativa seguinte, a colaboradora nos conta sobre a vegetação que cercava o Caldas e sobre algumas doenças proliferadas às suas margens em determinada época.

(...) inclusive a bera do Caldas era tão cercada... tão mata... mata virgem mesmo tão forte que foi na época que deu a malária naquele tempo falava maleita... é tudo que você pensa que nos passamô nos passamô... deu a febre Tifi ... você tá entendendo... deu tudo por picada de barbeiro naquela época tinha barbeiro demais... ai depois que apareceu num sei te falá a data o ano... mais eis falavá os malaieros pra detetizá chamava BHC essa inseticida que eles usavá

nas casas pra vê se combatia o barbeiro... tinha o barbeiro tinha o percevejo tudo isso tinha nessa época porque... porque lá era mato né... (Sr.^a Maria Teixeira, 2008).

O ambiente físico do rio era local da fauna regional com a presença de várias espécies, já extintas atualmente, ou em processo de extinção. O narrador seguinte relata que as ações e práticas dos banhistas visitantes do rio, são de desrespeito e não visam à manutenção desta fauna. Outro aspecto encontrado na narrativa são as nomenclaturas dos animais que ainda compõe este ambiente.

(...) tinha muito ave aquática... hoje nois tem uma ave aquática aqui... mais é pindurada de tanto eu vigia ela... o pato selvagem acabô -- ele é bobo demais -- agora tem um pássaro aqui que o pessoal fala de Braúna nois falá de Tapicurú outros falá de galinha d'água, ela faz assim cucucucucucu... ((seu Lázaro imita o som do pássaro)) (...) aqui tem os Guariba que veio de uma Guaribinha fêmea... que tem ali... e um Guariba macho hoje tem trinta e dois Guariba tem quatro Guariba de filhotinho -- e eis joga pedra eis atirá neles porque eles tem a carne muito boa ... então eles querem matá o Guariba mais não pode matá eis.. não tem mAIS na região.

Ainda podemos encontrar algumas espécies de animais às margens e no rio e este fator anima o colaborado Lázaro na esperança de ter novamente o rio Caldas como refúgio e base de reprodução da fauna.

(...) então nois tem que... fazé o rio produzi peixe novamente... os passarinho aquático voltá... hoje... naquele... naquele corguinho que tem ali oh... na nossa chácara ali tem um rego d'água que meu pai fez... dentro lá:: no rego d'água hoje de manhã eu vi uma garça grandona vi dois jaburu... vi... uns...uns quatro marrecos... então tem que fazé os animais voltá... – é por causa de uma coisa – os animais aquáticos comê os insetos d'água... comê tudo aquilo ali é alimentação deles num é verdade... então se homem tentá matá eis pra comê a carne deles... NÃO carne nois compra no açougue tem muita carne demais ((risos))... (Sr. Lázaro, 2008).

O rio Caldas banha a área rural dos municípios que compõem sua bacia. Ao longo da história e de suas margens, a prática da agricultura é um processo histórico que caracteriza experiências de uso cotidiano de suas águas. As atividades realizadas no rio relacionadas à prática da agricultura podem ser caracterizadas como uma experiência de uso cotidiano do rio enquanto lugar.

(...) nois tinha roça lá na berada... desse ri::... quando meu véio morreu eu tirei dois alqueire pra mim ainda na bera do ri::... ai depois que foi preciso de eu vendé... ih... meu pai morava na divisa da::: fazenda dele era o ri:: né... pra lá era num sei de quem... do João

Rulfino pra lá e decá era dele. ((gesticula com as mãos frágeis as direções das divisas)) (...) no certo nois ia lá pra bera desse ri::... cuzinhá... pra coié mantimento sabé... meu pai faziá nós i lá conzinhá lá sabe... panhá algodão... arrancá feijão... tudo na bera do ri::... (S^a. Maria D., 2008).

Neste fragmento de narrativa a seguir, podemos compreender que a água do Caldas era utilizada para práticas auxiliares à agricultura, especialmente em locais próximos à construção de ranchos e abrigos de possíveis intempéries climáticas, refeições e descansos. No mesmo trecho da narrativa, é relatada a prática de fechamento do rio com feixes para a pescaria, e a narradora ainda acrescenta o fator “contato e proximidade” com o rio.

(...) é porque nossas roças era na bera do rio... então o que acontecia.. a bera do rio era onde a gente mais movimentava né... quando passado uns anos que cabô... inclusive tinha uns ranchos de palha lá que era aonde eles merendava... eles ficavá e era aguada do gado... aonde a gente panhavá água prós trabalhado que tavá tocando a roça e tudo tinha perto lá... nessa época tinha bastante peixe... fazia feixe que é uma cama que fecha o rio pra pegá né porque naquele tempo não era proibido né e tinha muito né e não pegava assim pra negócio pra vendê era só mesmo pro gasto... então toda a vida nois teve todo o contato com Caldas... todo o contato porque era bem pertinho no máximo dois quilômetros... (Sr^a Maria Teixeira, 2008).

As narrativas são repletas de falas, casos reais e imaginativos e nesta mistura dos elementos que compõem e caracterizam o ambiente surgem histórias do rio envolvendo seus animais. No relato a seguir, Sr. Lázaro nos conta de uma pescaria, e os principais elementos narrados no enredo são compostos pela fauna “sucuri, a flora “gameleira” e o rio.

(...) inclusive uns dos caras que mergulhó no pé da Gameleira dentro da sulapa tinha um sucuri muito grande... então... ai ele pegô e voltô e ia em Goiânia pra pegá uns estilete maior pra pegá o sucuri... ai falei pro cara amigo dele... não... fala pra ele por caridade não vai mexe com isso não... deixa o animal ... o animal ve::io ele tá fazendo uma visita no rio ... ele não é daqui do rio não ... aqui num tem lugar dele vive não ... não tem grandes lagoas nem represas ... nem nada ... é só uma visita... é pra vê como que o homem é agressivo... ((risos))... (Sr. Lázaro, 2008).

Outra representação do rio que compõem as memórias dos colaboradores são os valores agregados com as extrações de areias e as valorizações das terras por onde correm as águas do Caldas. A maioria dos colaboradores relata o processo de uso das dragas e a retirada de areia.

Selecionamos o trecho da narrativa do colaborador Lazaro, em que o mesmo narra às evidências e modificações ocorridas principalmente em relação ao leito do rio. E, segundo o entendimento do narrador este é um processo em constante evolução, pois, o leito do rio está cada vez mais assoreado.

NO::ssa... uh::... como o rio afundô o rio não tinha barranco... esse rio em 1950... ele começou a ser... demolido ele... que ele foi demolido o rio... ele começou a ser demolido em 1970... que começou a drenagem de areia... o grande movimento... a grande evolução... o pessoal passaram a tirá areia dele pra comércio... e eles tem razão de tirá areia porque precisá construir eu num sei como é que faz né... tem que ter uma maneira... a maneira eu num sei... só sei que ai o rio afundô o rio foi afundando e vai afundando no chão e vai afundando... o rio transformô numa caixa num caixote... você chega na beira dele... a água tá lá naquele fun::ndo... ficô... ele era por cimi::nha do chão... com aquela coisa mais gostosa aquela água mansa ((seu Lázaro faz o gesto com a mão indicando por cima)) (Sr. Lázaro, 2008).

Outro valor mencionado nas narrativas e contado pelo Senhor Rosendo, ao relacionar e agregar monetariamente a presença do rio Caldas em suas terras, com o acréscimo de valor das mesmas. Em sua narrativa quando falávamos sobre a importância do rio, ele nos faz o seguinte relato:

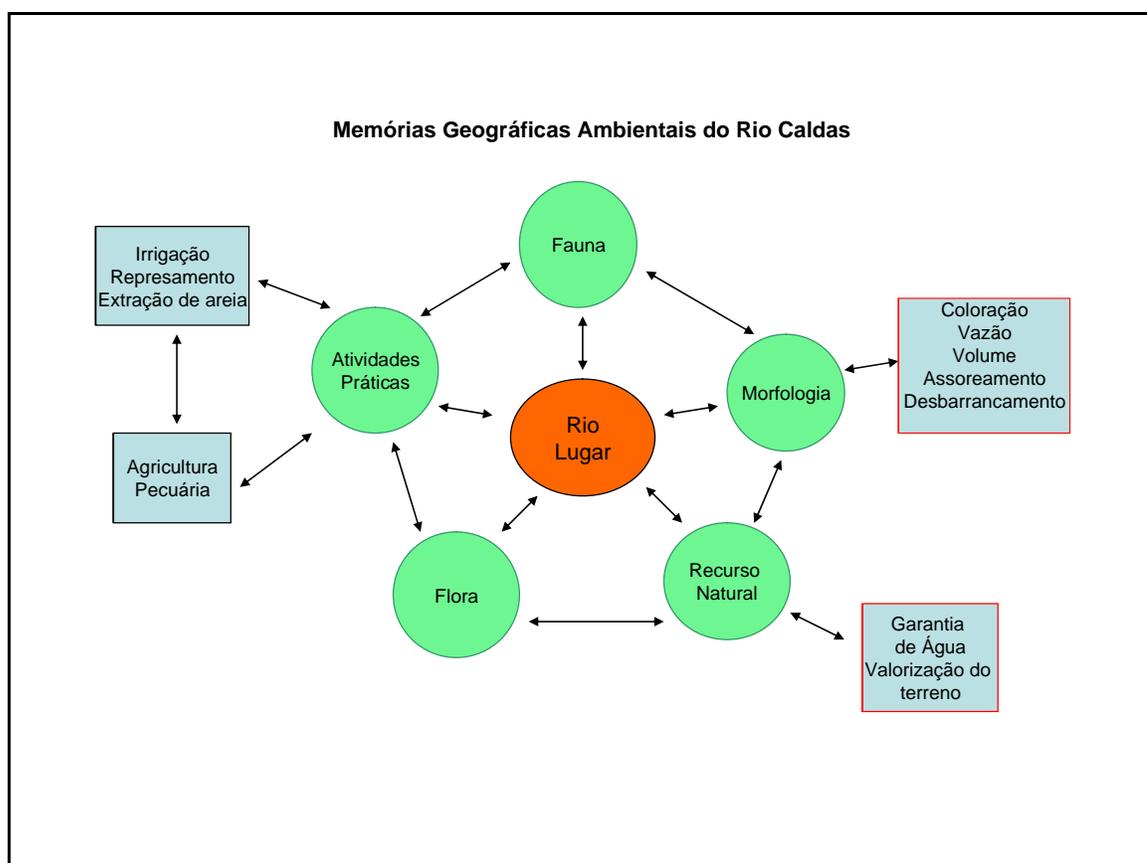
(...) uai pra mim a mió coisa... porque hoje... as terras em bera de rio... uma chacrinha vale dinheiro pro cê compra 3 a 4 alqueires fora.. eu tenho essa daqui que é um alqueire e (...) a tempos que eu já enjeitei 100 mil reais nela... é essa valorização é por que o rio passa aqui... porque hoje virou um comercio eis tá igual – oia quando existiu esse negócio de praia... esse povo que vai pra praia é:: e hoje quem tem dinheiro vai nas praias grandes e quem num tem vai pras bera dos rii:: pequeno e faiz a memá coisa – pois esse povo que mexe com turismo em qualquer corguinho eis tá fazendo turismo né... deu pra tomá banho eis ta fazendó... deu pra toma banho eis ta dentro ((risos)) (Sr. Rosendo, 2009)

Na fala do narrador, podemos destacar itens importantes além da agregação de valor às terras, como o fato do colaborador relacionar o uso do rio para fins comerciais e turísticos. Como se o rio estivesse sido apropriado e usado cada vez mais como fonte de mercadoria.

Neste primeiro exercício de escuta e compreensão, identificamos elementos e aspectos formadores das Memórias Geográficas Ambientais. Apesar de pensarmos o “ambiente”, como o conjunto dos elementos tanto naturais quanto culturais, nomearemos estas memórias de ambientais, porque são relativas aos aspectos das

narrativas em que os colaboradores mencionam o rio e os elementos definidos por estes, como “parte da natureza” ou do “meio ambiente”.

No quadro 02 elencamos os aspectos narrados e suas conexões formadoras da Memória Geográfica Ambiental. Temos como elemento central do esquema demonstrativo o rio, pois, todas as narrativas foram iniciadas, a parti do mesmo.



Quadro 02: Memórias Geográficas Ambientais do Rio Caldas
Org.: Alexandre, F. 2009

Nestas memórias ficam preponderantes os aspectos visíveis do ambiente e as funções práticas a que o rio foi e continua a ser utilizado. Os aspectos morfológicos são ressaltados pelos colaboradores não somente como uma ação natural, como também, influenciado pelas práticas comunitárias. A lembrança da presença da flora e da fauna no ecossistema do rio é narrada devido ao contato, proximidade e interação destes colaboradores com o ambiente.

As atividades práticas são os principais fatores responsáveis pelas alterações no ambiente do rio. As narrativas contam desde o processo de derrubada do

Cerrado, passando pela agricultura, pecuária até os processos mais recentes de irrigação, represamento e extração de areia.

Trazem, também, aspectos de momentos diferentes das vidas dos colaboradores, assim como em situações diferenciadas. As representações que os colaboradores possuem da fauna e da flora estão interligadas ao rio, sendo estes elementos componentes caracterizadores do rio.

O rio, visto como recurso natural garantia de reserva de água e valorização das terras são componentes mais recentes cronologicamente da memória dos idosos. Caracterizando, portanto, esta memória ambiental. As lembranças destas atividades práticas são relacionadas ao modo de vida destes sujeitos. Ao narrar, os colaboradores intercalam e revelam as relações dos elementos formadores da Memória Geográfica Ambiental entre si e destes com o rio, como acompanhamos nos fragmentos de narrativas observados neste item.

No item seguinte, somos convidados a pensar o rio Caldas como um “lugar”. Este exercício exige de nós, que o vejamos pelos significados atribuídos a ele pelos colaboradores.

2.2.2 Rio Caldas: lugar de múltiplos significados

O conceito de lugar implica que o vejamos não somente como um conjunto de aspectos visuais na paisagem, porém, como um produto humano em constante construção, ao qual são agregadas novas funcionalidades pelos sujeitos. As localidades, hora tidas como lugares para determinadas pessoas e grupos sociais não são estáticas no tempo, a elas são atribuídas novas significações, usos e simbologias.

O lugar se expressa, também, enquanto produto do coletivo sobre a geograficidade do indivíduo, mas principalmente, na forma de símbolos, permitindo às pessoas se comunicarem e se orientarem. Além das modificações físicas percebidas no rio, alguns colaboradores visualizam os novos usos e apropriações dadas a este, bem como seus novos usuários.

A localização do rio, próxima à cidade de Goiânia, possibilita e impulsiona estruturas físicas diferenciadas. O processo de ocupação populacional e/ou da nova estrutura com os loteamentos de chácaras, como os ranchos para os finais de semana, também são narrados pelo colaborador a seguir:

“(...) sobre o rio não mudou quase nada, agora mudou, hoje que já tem lugar onde o povo tá acampando e passá o final de semana né... deixa eu vê... tem um, dois, três pesque-pague... e antigamente quando eu mudei pra cá não tinha nada era só o rio mesmo... hoje não... já tem um lugar... (...) hoje tem muitas casas que num tinha aumento as residências né... e o povo num é mais porque de primeiro era... quase num tinha quase ninguém que ia na beira do rio... hoje não... hoje os próprios moradores mesmo eles zelá do rio... os moradores mais novos zelá mais da beira do rio e num deixá tá depredando muito (Sr. Sebastião, 2008).

Na fala do Senhor Sebastião, temos segundo seus apontamentos melhorias de acesso ao rio. Para ele, o rio não foi transformado, o que foi modificado foram as formas das pessoas se relacionarem com o mesmo. Ele percebeu como a procura pelo rio dinamizou o lugar.

As localidades dos lugares não são estáticas, constantemente são mediadas e negociadas, por meio de práticas espaciais, representações e discursos. O uso do rio pelos denominados “turistas de finais de semana” desperta opiniões distintas entre os colaboradores.

O colaborador, Sebastião 86 anos, professor aposentado, importante figura política local e morador de Caldazinha há 47 anos, atribui e vê o aumento de pessoas às margens do rio e às novas estruturas instaladas, como melhoras de acesso do rio para as pessoas.

(...) a população daqui vai muito na beira do ri::... no sábado e domingo vai muita gente pra lá... é nesses Pesque-Pague que eis fizeram lá na bera do ri:: mesmo de Goiânia é sábado e domingo... vai muita gente... melhorô bastante nesse sentido... antigamente num tinha nada né agora hoje melhorô por isso... onde o povo frequentá muito (Sr. Sebastião, 2008).

Senhor Rosendo, em sua narrativa, nos conta quando e como se iniciou a apropriação e uso do rio na região de pé de ponte pelos banhistas e dos conflitos que esta situação já gerou entre os sitiantes e os banhistas.

Isso tem mais ou menos... foi de 5 a 6 anos pra cá tá parecendo novela né... antigamente num tinha isso tudo mundo vivia na cidade... hoje eis fala é eu vou pra roça pra descansa minha cabeça mais chega ai enche o cifre... cume que descansa a cabeça... ((risos do colaborador)) a cada ano esse pé de ponte ai... num sábado e domingo numa época de calor... nossa senhora... é muié é homi é menino tudo tomando banho... é assando carne é cumendo bebendo cerveja... até os donos de lá já pelojo mais num da conta num tem jeito... num da conta de consegui tirá... o homem fecho lá o pé da

ponte.. mais ai eu disse o mio que o se faiz e deixa logo o pé de ponte livre porque num a arame que fica eis corta tudo e entra pra dentro então ele feiz.. (...) deixô a área livre pra eis... mais eis ainda passá pra dentro do pasto e é uma área dura de se improibi porque ela pertence a estrada né... e essa estrada ai é uma BR... então o pé de ponte é infalível a gente num pode improibi...

Segundo o colaborador, Sr. Lázaro de 67 anos, o uso pelos banhistas vem provocando situações de desconforto, pois, o leito do rio corre em sua terra onde os “turistas” desenvolvem práticas que, segundo ele, são inadequadas:

(...) eis vem e acampá... já cortarão a cercado do vizinho... aquela coisa ...outra coisa que eu envolvo com eles demais tá bem aqui o acampamento... eis passa pra dentro da minha área que tá a reserva ... e faz necessidade... defecá dentro do quintal... mais nois cria galinha... a galinha caipira é solta e ela come aquilo alí... EIS num tem... respeito... num é que eu tó falandu demais... (...) mais eis podia... eis tinha que fazé uma casinha aqui ... (...) vem gente de classe vem gente de qualidade num sei por que a hora que eis chega aqui ... eis achá que aqui... é o sítio da mãe Joana... pode tomar contá pode destruir pode fazer tudo... mais num é desse jeito NÃO ... chega uma hora que eles vai ter que fazer uma casinha é desse jeito ((risos))... tem que pensá... alguma coisa... que eis devia de fazé... de verdade... é não IARrga entulho também... eu num gosto que eis largá entulho na beira do rio... no meu caso eu queria que eis faze-se o seguinte...que eis usá o rio mais num jogá entulho por nada... num jogá entulho no ri::o... deixá o rio ficá limpi::nho... gostoso...

Algumas atitudes e práticas dos banhistas em relação ao rio são relatadas pelos colaboradores a seguir. Primeiramente, seu Rosendo relata sobre o lixo que é deixado no rio:

(...) -- e eis num deixá de num joga as coisas na água... e hoje isso é improibido a gente vendô tem que tirar né – o plástico hoje tem – porque antigamente num existia lixo né... mais também num tinha essa plasticaiada – você comprava era papel e papel você queimava em casa num é – hoje é plástico – existe muita pessoa tem que vim pra bera do ri:: ela tem possibilidade de trazer um saco - mais isso ai num deixa de prejudicar os jovens bebe num tá nem ai com isso. (Sr. Rosendo, 2009)

E, posteriormente, o mesmo colaborador relata sobre o barulho provocado pelos banhistas e sobre a falta de fiscalização pelos órgãos competentes às margens do rio:

(...) vem praquele pé de ponte ali oh ((indica o local de banho das pessoas))... isso daí num dá pra fala não... porque ali tinha que te uma fiscalização... porque você vê aquele pé de ponte ali... sábado e

domingo principalmente no tempo de calor... Ave Maria... é um baruião... de lá o barrui vem daqui na cabeça da gente aqui...

Os banhistas têm o rio como uma “localização de recreio temporária”, pontual. Não possuem vivências longas neste espaço, como também lhes faltam outras características que tornaria o rio como lugar para estes. Faltam aos visitantes o quesito “tempo”, o qual é fundamental para conhecer e sentir o lugar, com nos elucida Tuan:

Mas “sentir” um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar (TUAN, 1983, p. 203).

Como os lugares apesar de serem subjetivos não são estáticos, alguns colaboradores já percebem o processo dinâmico e os conflitos de usos formados, relativos ao rio e sua dinâmica ambiental. O lugar é transformado, modificado pelos interesses que os modos de vida vigentes determinam, ainda mais com o aspecto da rapidez da atualidade e da superficialidade que os novos usuários do rio têm em relação a todo o seu contexto.

As novas bases estruturais, locais de comércios, chácaras e áreas apropriadas para banho refletem que o lugar é construído, experienciado e dinamizado por diferentes sujeitos. Desta forma, as novas formas de usos por pessoas exteriores ao grupo de colaboradores provocam esta dinâmica no espaço.

Para os colaboradores, o rio possui tanto significado e importância materiais, simbólicas quanto sentimentais, atribuindo ao mesmo o sentido de lugar. A definição de que o ‘lugar’ é algo particular, considera a construção subjetiva de cada indivíduo a partir de seus interesses, representações e necessidades.

O lugar, enquanto conceito espacial implica, principalmente, em uma designação de significado eminentemente referenciada pelo indivíduo, o qual irá por nomeação dos mesmos, constituir o espaço ao qual será atribuído a ideia de lugar. Ideia esta reforçada pelo autor a seguir:

(...) Ele é construído a partir de uma relação intersubjetiva, extremamente variável de indivíduo para indivíduo, quando vão sendo atribuídas ao suporte nomes e características simbólicas, constituindo-se enfim no mundo que une indissolavelmente o sujeito às coisas (...) (HOLZER, 2006, p.114).

As relações subjetivas também são históricas. Felipe (2001, p.40) destaca “que o lugar é uma construção histórica, formado por sucessivas camadas de significações, um espaço íntimo de pertencimento marcado pela memória e pela vivência que chegam as práticas cotidianas e se enraízam”.

Nesta pesquisa, percebemos esta historicidade na relação dos colaboradores com o rio Caldas, pois, apesar do rio ser um elemento natural, lhe é atribuído uma construção histórica, formada por sucessivas camadas de significações, e é tido como um espaço íntimo de pertencimento, palco para as práticas cotidianas e relações identitárias marcadas na memória pelas experiências.

Nas narrativas, as práticas cotidianas remetem às lembranças em que encontramos o rio como lugar para atividades de lazer, como: banho, reunião com os familiares ou vizinhos e pescarias. Como nos conta o narrador da vez: “(...) eu tinha ali uns amigo na beira do rio, na casa deles lá tinha uma canoinha pra ir dentro do rio passeando... isso eu recorde direitinho... das pescarias dos amigos...” (Sr. Sebastião, 05/11/2008).

A importância atribuída por alguns colaboradores ao rio está relacionada às suas histórias de vida. Quando indagados se o rio foi ou é importante a eles, tivemos respostas como estas:

MU: muito importante... hoje nois tem esses animais aqui da chácara ... todo mundo bebe água no rio a vontade... o rio pra tomá banho a água dele é uma água saudável ... é uma pena... uma água muito boa... pra começá meu pai... (...) meu pai morreu com oitenta e seis anos meu pai nunca sofreu uma doença... uma insuficiência renal... nada... viveu aquele homem com toda saúde... se o rio fosse um rio que tivesse água duentia meu pai teria morrido com mais muitos poucos anos de vida... num é verdade... eu também (...) é desse jeito... o rio é tudo aqui... pra mim e pros vizinhos... aqui nois tem uma turma de visinhos do rio que todo mundo os animais deles bebe água no rio... é desse jeito... (Sr. Lázaro, 2008).

Ou por relações que implicam e possuem importância e significado, fazendo do rio ambiente experienciado remetente às pessoas e situações registradas nas memórias.

(...)... porque eu fui criada... a roça do meu pai era lá... naquele tempo todo mundo tinha roça né e lá saiu pra ele essa bera de ri:: né?... () um lugar li::mpo assim pertinho do ri:: era ali que meu avó morava ((gesticula com a mão))... então era... ele tinha muita terra né... na bera alí do Cane::do na bera do Carda... que nem eu falei a divisa dele era o Carda ai... foi muito bom pra mim... nos ia pra lá...

meu pai enchia o carro de trem... nois ia... fazia... um rancho lá... coié mantimento... quebrá mió... rancá feijão... panhá algodão... (Sr^a. Maria D. 2008).

O Rio está entrelaçado às histórias de vidas dos colaboradores e para alguns desses o mesmo já fazia parte de suas gerações anteriores. Essa ideia de conhecê-lo há muito tempo, forma e reflete uma sensação de conhecimento e pertencimento para com o mesmo, é como se cada ator tivesse um rio Caldas particularizado; a Sr.^a Maria expõe em sua narrativa o contato de sua família com o rio, a começar pelo seu avô até a sua geração.

Meu avô tinha fazenda grande... ai dividiu e meu pai foi o que mais foi pra bera do Caldas... foi quando meu pai casô com minha mãe e mudô pra lá... nessa época tudo era mato... feiz picada e ainda tem uma tapera onde criô nois... então a gente conheceu o Caldas era na bera do mato... era aquela coisa mais linda do mundo – nessa época eu já tinha/ que eu lembro uns doze anos treze que eu lembro disso ainda... naquilo o homem pra tratá da família tinha que ter roça plantava arroz feijão né... derrubava a mata queimava né...e sempre meu pai reservô a bera do Caldas... de árvore e foi ficando de fora a fora era mato... isso ai acabô com o passar do tempo né... (Sr^a Maria Teixeira, 2008)

Quando os colaboradores foram indagados sobre quais eram as mais fortes lembranças em relação ao rio, as enchentes foram as mais destacadas, pois, são lembranças que o grupo possui em comum. Halbwachs (2006, p.51) argumenta sobre isto: “no primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações (...)”.

Sr. Lázaro lembra das enchentes devido ao aumento do volume da água e de suas prática de nadar no meio dela:

(...) a lembrança que eu tenho maior do rio mesmo... é as grandes enchentes que o rio davá... por causa que ele era muito raso... então pouca água enchia o rio -- eu gostava de mais de nadar no meio da enchente LÁ:... no mEizão da enchente ((risos do colaborador))... agora hoje o rio não da mais enchente grande... por que o rio virô ... só pra enchê... a caixa dele que formô dentro do chão... gasta UM um::ndo de água só pra enchê aquela caixa num é verdade... ((risos))... afunilô né... é desse jeito...é uma lembrança muito grande das enchentes... (Sr. Lázaro, 2008).

Por sua vez, a Sr.^a Maria Teixeira tem na lembrança as grandes enchentes, principalmente pela beleza que estas ocasionavam nas pastagens e pelo aumento do tamanho do rio.

(...) eu alembro bem das enchentes que dava... ele enchia era a coisa mais linda a gente chegava no alto do pasto lá e avistava ele... lá do outro lado... de cá sabe... virava aquele rio GrA::ndão porque ele derramava nos pastos... até agente naquela época o rio Meia Ponte era limpo ainda e a gente falava assim que o Caldas era maior que o Meia Ponte ((risos)) (Sr.^a Maria Teixeira, 2008).

Seguidamente às enchentes, temos os relatos das pescarias no rio, as quais possuem significados remetentes aos familiares e a momentos importantes na experiência de vida destes colaboradores. Suas narrativas mesclam representações e lembranças de tempos remotos com a realidade atual, no exemplo a seguir o colaborador nos conta sobre as pescarias e, em seguida, narra sobre as condições físicas do rio.

(...) era puro poço que tinha no rio pra gente pescá o bagre que dava a noite... era bom demais ((risos))... (...) o que eu falei pra você é que no passado o rio era alí oh ((indica com a mão))... eu pesquei demais ai nesse lugar... minha filha também minha esposa pescô aqui oh... e se vê que eu casei... em sessenta e seis... então quando a Maria Helena ((aponta para sua esposa))... quando ela chegô ela não era acostumada com o rio maior ela ficava quase doida pra mode vê o tanto de peixe.... aqui tinha um grande poço aqui oh!... nois pescamos demais... aqui á água... como eu tô te dizendo num tinha barranco... olha o jeito que era... agora hoje é desse jeito tá tudo degradado... aqui tem quebrado bem jovem³¹ do rio... olha que mundo veio de barranco que desceu lá oh!... tá tudo desbarrancado o rio... (Sr. Lázaro, 2008).

As narrativas também trazem relatos em que o rio possuía quantidade abundante de peixes. A diminuição destes ocorreu por fatores como: tempo, forma de pescaria, ou contaminação da água com os agrotóxicos das lavouras e hortas próximas ao leito do rio.

(...) quando eu entrei aqui esse rii:: dava peixe... era muito peixe... se pegava umas iscas ia pra bera do ri:: podia mandá arrumá o tempero que o peixe vinhá mesmo... eu num sei se é pelo tempo ou se o povo que usa muita rede... horta na bera de rio matá também – hoje eis proibiu a ter né... num pode ter na bera do ri:: porque os remédio corre as águas do rio e mata tudo os peixe – tem um peixe ai mais

³¹ Quebrado recente do barranco, geralmente provocado pelo atrito da água nas vertentes dos rios e lagos.

ele já sabem faze rede já... já sabe faze anzol ((risos do colaborador)) (Sr. Rosendo, 2009).

O rio desperta, nos colaboradores, lembranças desafiadoras do tempo cronológico, situações e relatos, nas quais o rio é elemento da composição narrativa dos casos e contos das águas da região. As narrativas possuem forte influência imaginativa, poética, lírica. Propostos a ouvir, estamos atentos e valorizamos todos os aspectos mencionados.

No curto período (cronológico) compreendido pela memória, temos o relato de dois colaboradores em situações diferentes. Primeiramente observemos o relato do Sr. Sismino³², 90 anos de idade, uma vasta experiência e um bom contador de caso.

(...) oiá teve uma epá³³ que teve um senhor aqui... até o seis passô o vai passá na casa do fiu³⁴ dele... (...) ... ele já viu esse corgo... aqui no tempo pra traz... que ele viajando aí pra casa... ele fez assim ((indica com as mãos os movimentos)) lá no corgo ele tampô á água dele quase tudo... tranco á água fez assim pra baixô e aumentô pra riba ai... e ele dexô até enquanto a mão dele tavá vedando á água ele dexô... e a água foi crescendo pra riba... contava muito pra mim... mais esse ai num é do meu tempo... mais ai que eu passavá a cavalo pra lá pra cá (...) e tinha o Zé Bobo que criava gado lá... ele passavá com o cavalo e num davá pro cavalo bebe água... ele jogô umas pedra porque fazia assim com a mão ele assustava né ele num queria... jogo umas pedra lá... ancorô á água... e o cavalo bebeu... á água... nesse tempo eu nem sei... se existia eu ((risos)) (Sr. Sismino, 2009).

Se fôssemos e pudéssemos elencar alguns critérios para escolher os melhores contadores de história sobre o rio Caldas, sem dúvidas poderíamos escolher também o Senhor Lázaro Ponte, goiano bom de caso que nos narrará a seguir o desaparecimento de um cavalo no rio Caldas.

(...) eh moça³⁵... o moço tinha ido buscá o remédio na Caldazinha e o rio encheu demais... e ele entro dentro da enchente montado a cavalo... e ai o cavalo sumiu... com arreio com tudo... o moço nadô até quanto ele guentô... depois quando ele não guentô mais ele subiu numa árvore e ficô o dia todo... eu num tava aqui não eu tava pra Goiânia... ele ficô o dia todo num tinha ninguém pra dar socorro... foi até que o rio abaixô mais e ai ele nadô de lá sabe... ((risos))... esse

³² Este idoso não está na apresentação dos colaboradores, pois, sua narrativa é fruto de uma conversa informal e não de entrevistas semi-estruturadas como os demais colaboradores. No entanto, a narração deste simpático senhor muito contribui para compreendermos os “Casos do Caldas” e não poderíamos deixar de incluí-la em nossa pesquisa.

³³ Época.

³⁴ Filho.

³⁵ Referente à pesquisadora.

cara foi dureza... ele chama Lázaro... diz que todo Lázaro falta um parafuso na vida mesmo ((risos))...

Outro significado encontrado nas narrativas são os relativos aos sentimentos. Sentimentos revelados pela memória. Segundo Marin (2003, p. 48) “A memória liga a interação do ser humano com o ambiente, na medida em que a contemplação de determinados lugares e paisagens induzem às relações nostálgicas e despertam valores afetivos”. Nesta região do Caldas, notável foi a atuação do autêntico contador de causos caipiras, o belavistense Geraldinho Nogueira, verdadeiro ícone do “cafuçu brejeiro”, espirituoso e trocista, do legado sertanejo e goiano.

Os lugares são conhecidos após uma experiência prolongada e de acordo com (SARMETO, 2004, p. 34) isso proporciona a construção de “campos de afeto” designação ocorrida: “(...) quando indivíduos e comunidades desenvolvem ligações fortes com as localizações físicas por meio de experiência, da memória e das intenções; eles reproduzem sentimentos”.

Outra definição para representar os sentimentos humanos para com os lugares é referenciada em Tuan (1980) sob a nomenclatura de “topofilia”. Conceito representado por um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o ambiente material.

Estes sentimentos diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. Por sua vez, Marin (2003) contribui para nossa compreensão sobre topofilia.

(...) Esse conceito não se limita à percepção material e do espaço, mas estende-se aos valores imaginados, que acabam por se tornar dominantes. A relação que se estabelece não se abriga apenas no consciente humano, mas se consolida no inconsciente, com as mesmas formas apreendidas do mundo percebido (MARIN, 2003, p.58).

Sob a égide dessa abordagem, encontramos nas narrativas expressões que denotam afetividade com o rio, permeadas de expressões relacionais caracterizadas por experiências do conviver com o rio. O que define o sentimento dos seres humanos com os lugares são suas experiências com o mesmo. Os sentimentos resultam de uma longa experiência que envolve uma história de vida relacionando acontecimentos, fatos, conflitos, encontros e desencontros, pausas e movimentos.

As expressões afetivas e demonstrações aparecerem nas falas ao longo das narrativas e foram evidenciadas, tanto em palavras, expressões faciais, murmúrios, olhares, silêncios, pausas. Como exemplo, listamos a seguir fragmentos de narrativas com demonstrações afetivas para com o rio. Sr. Lázaro justifica seu “gostar” do rio pelo seu contínuo contato diário como o mesmo:

(...) “NÃO:::... no rio::? eu... eu vivi no rio eu *gosto* do rio um sem tanto do mundo:::sem contá que é uma briga danada por causa do rio o rio... eu vou no rio todo dia né... todo dia de manhã cedo eu vou no rio... eu olho o rio gosto demais de entrar dentro do rio... ((seu Lázaro sorri e se emociona))... (Sr. Lázaro, 2008).

Em sua narrativa Sr.^a Maria Aparecida usa palavras como “amor” para com o rio, e relaciona-o com seu passado, com as diversas situações e momentos de sua vida.

(...) o rio ficô marcado na minha vida na minha lembrança é muito importante pelo *amor* que a gente tem né... por tudo que a gente passô... tanto tem uma marca que pra mim me comove quase num guentô olha pra lá mais... pelo que a gente foi... passado nascido criado ... mais eu louvo muito a Deus pela minha família de muita fé e muita união e pelo rio... (Maria Aparecida, 2008).

Selecionamos, a seguir, outro trecho da narrativa do Sr. Lázaro; neste o colaborador menciona diferentes palavras para expressar sua relação para com o rio:

(...) olha vocês vê eu ficá nesse *apego* desse jeito esse um:::ndo desse *ciúme* que eu tenho da minha coisa aqui... mais faça parte comigo... (...) e eu sei que vai ajudá o *nosso* rio... porque é de muita água o *nosso* rio... o que acontece mais... é que o pessoal tá desacatando com o rio... eles num acha que o rio merece *carinho*... o rio merece *carinho*... então... (Sr. Lázaro, 2008).

Na narrativa a seguir, a relação com o rio é expressa no sentido do bem-estar que o rio pode proporcionar.

Eu acho bom demais... pra mim se eu pudesse ficar aqui o dia inteirinho nesta bera de rio no tempo de calor era uma felicidade... só que a gente num tem tempo né... isso aqui oh... uma árvore igual esta mangueira... isto pode tá o calor que for... se chegou aqui oh... o ar é tão gostoso... – meus filhos todo o domingo vem lá do Canedo aí... minha maior riqueza do mundo é essa água aí... ((indica e aponta o lamina d água)) (Sr. Roseno, 2009).

Os sentimentos também são expressos em sensações. A seguir, temos um exemplo da forma como a memória do rio aparece nas narrativas, bem como nos gestos e silêncios:

Pesquisadora: E sobre esse barulho da água?

Colaborador: vixi... esse barulho sé capaz de pára... esse barulho fica ruim demais ((risos seguido pelo silêncio do colaborador que pára fixando os olhos na lâmina da água))³⁶.

De acordo com Marin (2003, p.48) “a memória é um dos componentes da topofilia, uma vez que essa se constrói da experiência histórica de interação”. Somando a ideia de Tuan (1980, p. 111) “a topofilia se forma na intimidade física da dependência material e do fato da terra ser um repositório de lembranças e manter a esperança”.

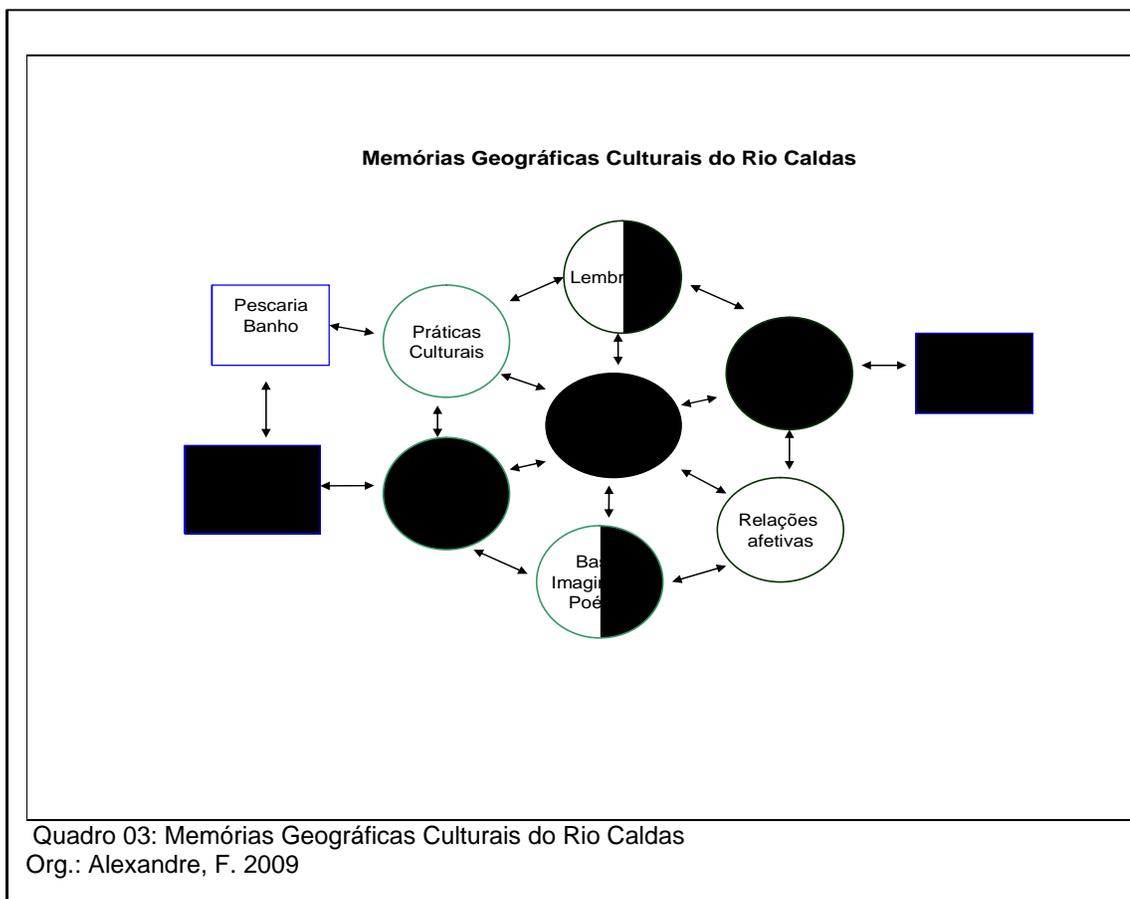
Podemos dizer que a topofilia dos colaboradores em relação ao rio Caldas se forma nesta intimidade física, da dependência material, afetiva e simbólica e do fato do rio também ser um repositório de lembranças e memórias.

Nas representações das relações nostálgicas, os colaboradores apresentam interatividade com o rio. Partilhamos do sentido de interatividade exposto por Marin (2003, p.161) em que a autora defende à condição de interatividade como: “a situação em que os moradores fazem referência à satisfação com o lugar associada a laços afetivos e a momentos de aconchego e interação lúdica cotidiana”.

O fato de o rio perpassar significativamente a vida dos sujeitos que o vivenciam, atribui-lhe um marco de elemento representativo e lugar para a comunidade local. A construção histórica e significativa encontrada nas narrativas nos revela o quão dinamizado foi o rio enquanto espaço de práticas e relações sociais.

Ao rio são designadas importâncias materiais, simbólicas e significativas, componentes caracterizadoras das Memórias Geográficas Culturais do rio Caldas. Estas são caracterizadas pelos aspectos das narrativas em que o rio é envolto das práticas e atividades culturais, bem como da subjetividade dos colaboradores. No quadro 03 apresentamos o esquema de formação desta memória.

³⁶ Trecho de narrativa realizada com o colaborador Rosendo de 72 anos no dia 03 de março de 2009.



As narrativas nos revelam memórias em que o rio é o ponto central, indicando-o com um elemento base, possibilitador para o desenvolvimento de modos de culturais no local. O rio é apresentado como centralidade que embasa e interliga os demais elementos compositores do espaço, principalmente relativos a gama de significados, relações sociais estabelecidas em torno do mesmo.

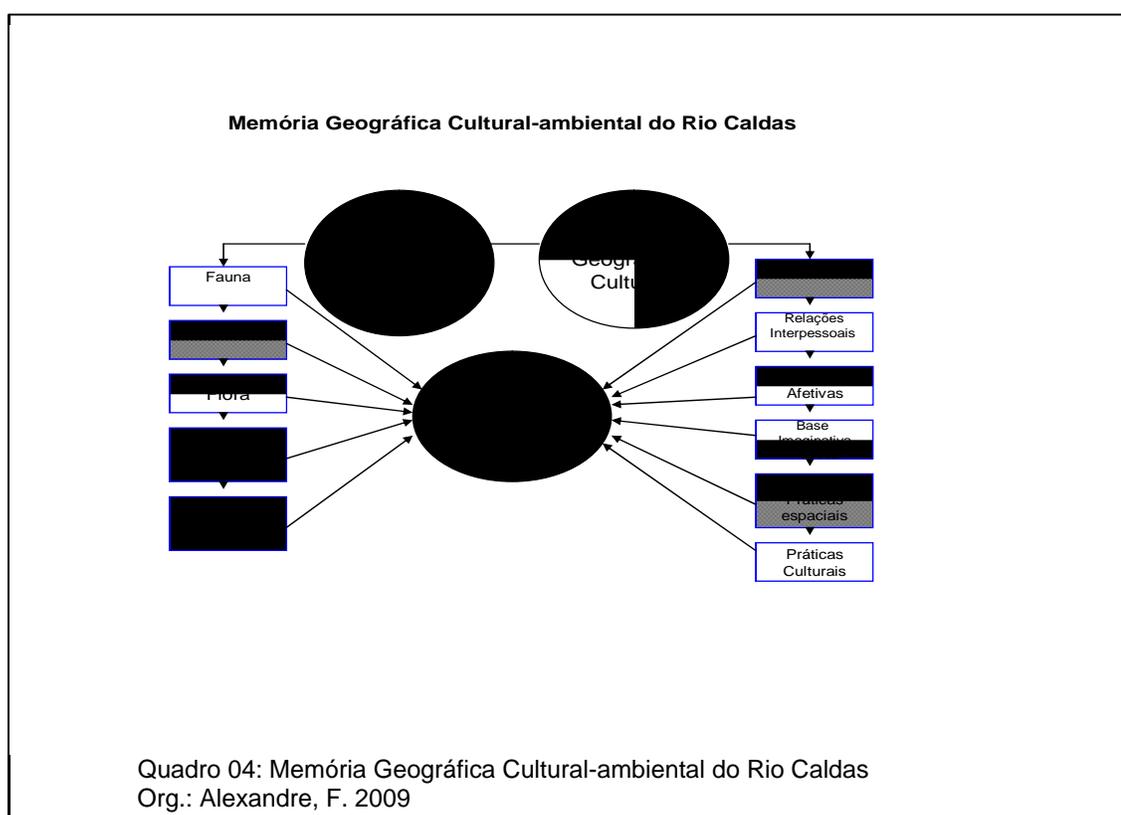
As experiências narradas caracterizam o rio como “lugar” em virtude das representações apresentadas nas narrativas. As principais representações trazem um rio utilizado como suporte e parte das relações e práticas culturais, das vivências, experiências e das relações topofilicas e ou campos de afetos.

Dois outros aspectos do rio são mencionados; um é relativo à construção histórica e munido de dinamicidade e diferentes conflitos de uso, influenciadores das atuais representações do rio quando comparadas com as representações mais antigas.

As representações de dinamicidade do rio são conseqüências de apropriações de usos, atores externos à comunidade local como os banhistas. Os

diferentes sujeitos e ações provocam conflitos e relações de poder. Estas relações são estabelecidas por interesses dos moradores residentes próximo ao rio, por instituições governamentais e empresas privadas. Como exemplo, temos o projeto do Lago³⁷ ou os loteamentos de Chácaras às margens do rio.

Após apresentarmos os elementos que compõem tanto a Memória Geográfica Ambiental quanto a Cultural, faremos o exercício de pensarmos ambas na formação da Memória Cultural-ambiental do rio Caldas. Observemos no quadro 04 a proposta de junção destas memórias.



A partir dos aspectos ressaltados nas narrativas indicamos que os antigos moradores representam o elemento rio como uma das bases articuladoras do ambiente, tido pelas características narradas como lugar para os mesmos.

³⁷ Lago planejado para o represamento do Rio Caldas terá seu reservatório abrangendo parte dos municípios de Bela Vista de Goiás, Caldazinha e Senador Canedo (DBO, 2004). Nas proximidades do km 22 na GO-020 Goiânia-Bela Vista de Goiás, será construída uma ponte ou aterro que deverá ser o limite físico de separação dos dois usos destinados ao reservatório, que são o abastecimento de água à montante da ponte (à esquerda), e ao turismo, à jusante (à direita). (MALHEIROS, 2009).

Apesar das narrativas trazerem relatos específicos em diferentes momentos, elas revelam ao final, pela integração dos elementos, situações, experiências e vivências caracterizadoras da memória do lugar ou da memória do rio. As memórias do Caldas são retratadas pelas vivências produzidas ou relacionadas ao lugar. Classificamos essas memórias nomeadas por nós como memória Cultural Ambiental, relacionando-a com as ideias de alguns teóricos como apresentaremos a seguir.

Balandier (1999) discute a idéia de que a memória produz a teoria do lugar. Compreendemos essa produção do lugar à medida que as memórias revelam os elementos formadores do lugar enquanto lugar vivido. Essas memórias são construídas e baseadas em recordações, localizações, elementos materiais e experiências imateriais. São as memórias existenciais.

Outro pressuposto corroborado se refere ao fato das memórias serem evocativas (BOSI, 1987). As memórias narradas revelam as representações tanto individuais quanto coletivas de determinados elementos, ocasiões e experiências.

A memória manifestou-se como simbólica do Caldas. Pois para os colaboradores o Caldas é fonte de lembranças e memórias; um ambiente que é parte da reprodução de suas vidas, inserido na intimidade do avançar de diversas gerações de uma mesma família. Constatamos que a memória dos colaboradores é representativa e revela as dinâmicas espaciais objetiva e subjetivamente materializadas em palavras pelas narrativas.

Evidenciamos que as memórias recebem influências individuais e apresentam elementos particulares provenientes do imaginário de cada colaborador. No entanto, percebemos entre as narrativas conexões e representatividades similares. De forma sintetizada, a memória Geográfica Cultural-Ambiental do Caldas nos mostrou como foi o processo de formação do rio enquanto lugar.



Meandro III
O rio: velhas histórias e novos atores



... Lembrando de um outro rio goiano por meio da memória escrita de uma simpática poeta ...

Rio Vermelho

Rio Vermelho das janelas da casa velha da Ponte...

Rio que se afunda debaixo das pontes.

Que se reparte nas pedras.

Que se alarga nos remansos.

Rio, vidraça do céu. Das nuvens e das estrelas.

Rio de águas velhas.

Roladas das enxurradas.

Rio do princípio do mundo.

Rio da contagem das eras.

Rio Vermelho - meu rio.

Rio que atravessei um dia (Altas horas. Mortas horas.)

há cem anos...

Em busca do meu destino.

Da janela da casa velha todo dia, de manhã, tomo a bênção do rio:

- "Rio Vermelho, meu avozinho, dá sua bença pra mim..."

Cora Coralina, Poemas dos becos de Goiás e Estórias Mais

O rio Caldas representa espaços e tempos vividos diferentemente pelos seus sujeitos. As velhas histórias do rio o revelam e o caracterizam como “lugares”, tanto pelas experiências e vivências em seu âmbito físico, como sua base para a formação de símbolos e significados.

A simbologia e significado do rio perpassam desde a memória dos idosos até as gerações mais jovens, vivenciadoras deste ambiente, mas com enfoque diferenciado sobre o mesmo. No meandro anterior, apresentamos a idéia do rio enquanto um elemento do ambiente, embaixador das relações culturais e da subjetividade dos colaboradores. E neste meandro, compreenderemos alguns dos aspectos que o contextualizam na atualidade.

Como podemos encontrar diferentes realidades no mesmo local, relacionadas ao mesmo elemento, porém, de formas interligadas ente si, passaremos a conhecer outros atores que também possuem interações simbólicas com o rio. Sujeitos, instituições e organizações que nos revelam suas pequenas iniciativas pela conservação do ambiente do rio, considerando o ambiente como uma realidade complexa, conflituosa, palco em que cada sujeito, por sua experiência e modo de vida lhe atribui significados.

O vivenciar o ambiente permite aos colaboradores e aos novos atores um entendimento das questões e dos problemas presentes em seu ambiente. Tristão (2004, p. 21) nos lembra que o entendimento destas questões se consolida na visão de ambiente “como um campo de conhecimento e significados socialmente construído, que é perpassado pela diversidade cultural e ideológica e pelos conflitos de interesses”.

3.1 Rio Caldas: realidades narradas e observadas

O espaço passa por modificações naturais ou provocadas pela ação ações antrópicas. A história e as modificações do Caldas nos são contadas pelos colaboradores. A realidade atual do rio, além de estar presente nas narrativas nos é apresentada por suas condições materiais, verificadas durante os trabalhos de campo.

Desde sua nascente principal, situada no município de Anápolis e as outras nascentes localizadas nos municípios de Leopoldo de Bulhões, Silvânia, Caldazinha

e Bela Vista, pelo lado Leste de sua Bacia, somadas às nascentes do lado Oeste situadas nos municípios Goianópolis, Bonfinópolis e Senador Canedo, até seu deságüe no rio Meia Ponte, o rio Caldas percorre diferentes realidades de uso, apropriações e significações. Apesar de termos optado inicialmente como foco de pesquisa o rio no entorno do município de Caldazinha, acabamos estendendo nossa pesquisa a medidas que atores, relações envolvendo o rio e realidades iam de expandindo para outras regiões.

Muitas das realidades apresentadas a seguir sobre as condições e contextos conflituosos em relação ao rio e seu ambiente, foram tanto narradas pelos idosos como observadas nos trabalhos de campo desta pesquisa, que nos auxiliam na compreensão do Caldas.

Dentre as características físicas ou usos materiais do Caldas, encontramos o cultivo de pastagens para o gado às margens do rio. Na imagem a seguir, podemos visualizar a paisagem predominante, tanto nas fazendas quanto em muitos pequenos proprietários da área rural do município de Bela Vista e Caldazinha, pastagem esta que chega até o barranco do rio, destruindo a mata ciliar.



Fig.03: Paisagem as margens do Caldas, no fundo de uma Fazenda no município de Caldazinha. Fonte: Trabalho de Campo, 17 de outubro de 2009.

Poucos trechos do Caldas possuem a mata ciliar como cobertura para proteção. As pastagens, juntamente com a retirada da vegetação ciliar, contribuem

para a exposição das raízes das árvores nas margens do rio, acentuando os processos de desbarrancamento e assoreamento do rio.

Esses dois fatores, juntamente com o uso das dragas para a retirada de areia, acentuam estes processos. A figura 04 nos mostra o leito do rio engavetado com uma margem sem mata ciliar e com o barranco soerguido. Segundo o proprietário da terra³⁸, “o uso de dragas no rio mais acima de sua propriedade deixa o rio mais violento e quebra o seu barranco”³⁹.



Fig.04: Atuais condições encontradas as margens do Caldas.
Fonte: Trabalho de Campo, 17 de outubro de 2009.

A imagem foi tirada no fundo de uma propriedade de 14 alqueires no município de Caldazinha. Nesta, podemos visualizar o rio afunilado, em sua margem direita não há mata ciliar, uma árvore com as raízes completamente expostas e o barranco apresenta indícios de trechos quebradiços.

Em outros trechos, encontramos migração do leito do rio a procura de solo menos resistente e desprotegido. Podemos visualizar esta situação na imagem seguinte:

³⁸ Entrevista Concedida pelo morador Jesus de 48 anos, residente no município de Caldazinha.

³⁹ Fala do proprietário da Terra.



Fig. 05: Local de aguada para o gado, e o início de um processo de assoreamento.
Fonte: Trabalho de Campo, dezembro de 2008.

O pisoteio do gado em áreas próximas ao rio, provoca a formação de ravinas no solo, que posteriormente conduzirão às águas das chuvas para o rio. As ravinas aumentam à medida que as pastagens não oferecem raízes resistentes para conter o leito do rio e nem a enxurrada vinda do terreno.

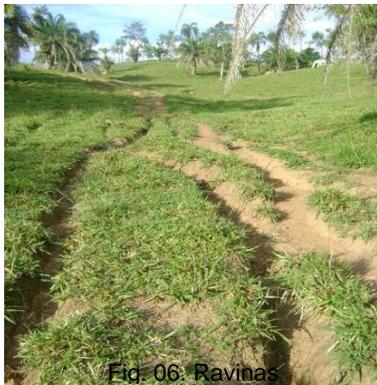


Fig. 06: Ravinas



Fig. 07. Exposição das raízes



Fig. 08. Raízes expostas no Barranco



Fig. 09. Raízes expostas no Barranco

Fonte: Trabalhos de campo, dezembro de 2008 e outubro de 2009.

Outras condições narradas são referentes ao processo de represamento dos pequenos córregos alimentadores do Caldas, bem como, de retirada de sua água para irrigação. O rio também movimentava o sistema econômico da região, seja na valorização das terras dos pequenos proprietários por onde correm suas águas ou para as imobiliárias organizadoras de loteamentos em suas margens, como já abordado anteriormente.

Os colaboradores nos narram tempos em que o rio era usado para pescarias, encontros com os amigos nos finais de semana. Também nos lembram das grandes enchentes. Hoje, as águas do Caldas diminuíram juntamente com as enchentes, com a flora, fauna e com as pescarias.

Pessoas não residentes nas áreas próximas ao Caldas estão (re)funcionalizando o rio como área de lazer nos finais de semana. Segundo a visão de alguns colaboradores com práticas diversificadas⁴⁰ como exemplos destas práticas, podemos observar as figuras 10, 11 e 12.



Figs. 10; 11; 12: Espaço e práticas Culturais no Rio Caldas.

Fonte: Arquivo do Fórum sobre Tradições Populares do Cerrado, junho de 2009.

⁴⁰ Visão e argüições apresentadas no meandro anterior.

As imagens mostram os locais utilizados às margens do rio para acender fogueira, onde se assa carne e, às vezes, durante a noite, para clarear os acampamentos. Na figura 12, temos uma das áreas preferidas pelos banhistas. Pelo que se vê é também um lazer desarticulado, feito de forma imprópria, haja vista que não há nenhuma exploração turística na área, sendo esta desprovida de infra-estruturas como hotéis, pousadas, parques. As únicas instalações encontradas são os Pesque-pague.

O Caldas é apropriado para uso de diferentes maneiras, por diferentes sujeitos, com práticas e usos também diferenciados; variando pelas necessidades, valores e vivências. O Caldas como espaço foi transformado em lugar para os colaboradores, o Caldas como ambiente articula, integra e embasa as relações, produções e usos.

As alterações físicas no rio Caldas são resultados das alterações sócio-ambientais provocadas pela ocupação do solo; primeiramente para agricultura e posteriormente para pastagens, processos que acarretam retirada da maior parte da flora e provocam conseqüentemente diminuição da fauna.

Outras alterações são resultantes da agregação de valores aos recursos do rio. Exemplos da extração de areia, instalação de infra-estrutura como a construção de pequenas represas e uso de irrigação proveniente dos alimentadores do rio e do próprio Caldas.

A utilização e usos destas águas são principalmente destinados a manter o gado e irrigar lavouras de hortaliças como tomates em suas margens ou próximas ao seu leito. Outra questão preocupante é a do envenenamento destas águas pelos agrotóxicos.

A realidade predominantemente encontrada às margens e leito da Caldas constitui-se de falta de mata ciliar⁴¹. Em alguns pontos, encontramos resquícios da vegetação de Cerrado. O cultivo de pastagens seguido de aguadas para o gado provoca o engavetamento com soerguimento e quebra do barranco.

Pressupomos que as atuais condições do Caldas são resultados das apropriações, alteração e significação atribuídas à natureza. Os sujeitos do Caldas possuem, apresentam e manifestam interações com a mesma em uma perspectiva

⁴¹ Em alguns pontos existem resquícios da mata ciliar, principalmente nas terras dos pequenos proprietários, no entanto a largura desta mata é de aproximadamente 1 metro a 1,5 metro. Visualmente são apenas franjas de vegetação.

de ambiente local. O rio e os outros elementos do ambiente são bases para atividades corriqueiras da vida destes sujeitos.

Apontamos que mesmo com a diversidade de usos, representações e significações os sujeitos do Caldas produzem o meio que os cercam. Esta produção se manifestou nesta pesquisa, tanto objetiva, pelas atribuições materiais ao rio, como subjetivamente, pela gama de significados e sentidos.

O espaço é palco e conflito das manifestações sociais dos diferentes sujeitos. Relacionamos e apresentamos até aqui os colaboradores e outros autores que configuram o Caldas atualmente. No item seguinte conheceremos alguns dos Novos Atores do Caldas juntamente com suas ações ou iniciativas.

3.2 Diferentes Iniciativas em prol da conservação do rio Caldas

No período de realização desta pesquisa, realizamos um levantamento de programas, ações, medidas ou planos voltados para o âmbito do rio e do ambiente no qual este é inserido. Ressaltamos a importância deste item, principalmente para conhecermos o rio com seus “sujeitos”, estes constituídos pelos colaboradores e os novos atores, isto nos facilita entender a complexidade de relações que o imbricam.

Encontramos diversas iniciativas e ações, envolvendo de formas amplas a “conservação do rio Caldas”. Dizemos de forma geral, pois, cada ação ou iniciativa possui suas razões próprias, motivações e especificidades culturais que as tornam ativas. Não objetivamos julgar se esta ou aquela ação é correta ou mais importante e completa que a outra, se determinada iniciativa segue a linha da Educação Ambiental (EA) “ecopedagogia”, EA Crítica, Conservadora, Preservacionista, ou Sustentável, pois, cada promotor destas iniciativas possuem e estão envolvidos em níveis de realidades diferentes.

Destacamos a necessidade e a importância das ações e iniciativas educacionais pensadas e realizadas globalmente, da importância das ações socialmente transformadoras de estado de consciência e atitude. No entanto, encontramos apenas ações e iniciativas locais.

Desta forma, lançamo-nos a conhecê-las e valorizá-las, por enfocarem questões e ações locais. Corroboramos com Carvalho V. (2006, p. 32) o qual defende que: “uma educação que desconheça ou menospreze a cultura local de uma comunidade, não pode ser chamada de ação educativa.

Carvalho I. (2006, p.113) destaca ainda a importância de ações que pensem e atuem nas realidades de acordo com as dimensões subjetivas e simbólicas. A citada autora nos remete a necessidade de pensarmos a produção da realidade e do conhecimento da seguinte maneira: “(...) como algo mediado pela dimensão simbólica (cultural) e situa a produção do conhecimento e, conseqüentemente, a educação dentro de processos compreensivos e interpretativos, produtores de subjetividades e modos de vida”.

Por sua vez, Tristão (2004, p. 47) defende a coerência das ações e iniciativas locais, todavia sem estas perderem o vínculo ou a inter-ligação com as ações globais:

Trabalhar com a contextualização dos valores sociais e culturais locais, criando, inovando e valorizando experiências é muito mais coerente do que pensar em um modelo de desenvolvimento a ser seguido, embora as mudanças necessárias para se resolver os problemas ambientais ultrapassem qualquer fronteira (TRISTÃO, 2004, p. 47).

Ao pensarmos em propostas de ações educativas, ressaltamos a importância de uma equipe multidisciplinar, que tenha como foco a realidade local. A autora a seguir, nos chama a atenção para a necessidade de dialogarmos e procurarmos os significados que as diferentes visões, opiniões e saberes apresentam sobre a mesma realidade, da seguinte forma:

(...) ouvir os conhecimentos dialógicos, ouvir os diferentes saberes, tanto científicos quanto os outros saberes sociais (locais, tradicionais, das gerações, artísticos, poéticos, etc.); diagnosticar as situações presentes, mas não perder a dimensão da historicidade, ou seja, dar volta à história e à memória que se inscreve no ambiente e o constitui, simultaneamente, como paisagem natural e cultural (CARVALHO, 2006, p. 130).

O ambiente que envolve o Caldas, formando o espiral ambiental é repleto de sujeitos históricos e também históricos atuais ao mesmo tempo, que vivem uma mistura do antigo com o novo e mesclam significados materiais com os simbólicos. O Caldas, a muitas pessoas passa despercebido, a muitas outras se faz perceber. No intuito de seguirmos e valorizarmos esses diferentes saberes, percepções, representações e diagnosticar as situações presentes que o envolve, passemos a conhecer alguns dos Novos Atores do Caldas.

3.2.1 Ações Governamentais: Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SMMA–Caldazinha) e Sistema de Ensino Formal (Municipal e Estadual)

Iniciamos nosso levantamento das iniciativas e ações pelas Prefeituras Municipais. Dentre as secretarias que poderiam trabalhar com ações, neste sentido encontramos as Secretarias de Meio Ambiente dos municípios banhados pelo rio, e optamos em trabalhar mais pontualmente junto à Secretaria de Meio Ambiente de Caldazinha (SMMA– Caldazinha).

Como muitas secretárias de municípios pequenos brasileiros, este é mais um órgão com baixo orçamento, com pouca ação política e representatividade. Encontramos por parte deste órgão, além de ações de fiscalizações,⁴² pequenas ações de replantio de mudas em algumas áreas marginais do rio.

Nestes exemplos (figuras 13 e 14) a secretaria juntamente com o proprietário fez o replantio de mudas nativas às margens do rio. Na figura 13, o proprietário nos mostra a extensão do replantio. Na figura 14, a frente da plantação de milho temos uma muda replantada.



Figs.13 e 14: Replanteio de mudas a margem do Caldas.
Fotos: Trabalho de campo, março de 2009.

Outra iniciativa realizada por parte desta secretaria foi em parceria junto ao Colégio Estadual Horácia Lobo, do respectivo município. Na referida escola, encontramos apenas um projeto realizado por iniciativa da Professora Vaneli

⁴² As ações de fiscalização foram realizadas e relatadas pela fiscal de Meio Ambiente do município Delza, e são relativas a denúncias de retirada de mata ciliar, uso de dragas no rio, ou o depósito de lixo em propriedades próximas ao rio.

Marques Vieira, juntamente com os estudantes. Segundo a professora, em entrevista concedida para à pesquisa⁴³, o projeto foi desenvolvido por um período de mais ou menos três anos com os estudantes do Ensino Médio.

A professora não possui registros escritos dos resultados do projeto. No entanto, nos explica que este consistiu em levar os jovens a realizar uma reflexão a respeito das condições de degradação do rio e da importância do mesmo para as suas vidas. Ainda, de acordo com o relato da professora, o projeto não possuía caráter interdisciplinar, era desenvolvido apenas vinculado à disciplina de Geografia por ela ministrada.

Os jovens realizavam com apoio da Secretaria de Meio Ambiente, visitas às fazendas e pequenas propriedades, visando observar as condições do rio. Posteriormente, ensaiaram a realização de um projeto maior com os proprietários rurais, objetivando a efetivação da Associação dos Moradores do rio Caldas, no entanto este perdurou na média de umas três reuniões⁴⁴ e logo foi desarticulado.

A desarticulação do projeto, segundo a professora e a secretária de Meio Ambiente em vigência na gestão de 2008, foi devido a divergências administrativas e políticas. As atas ou outros tipos de registros dessas reuniões não foram encontradas, nem na sede da secretaria e nem em domínio particular dos responsáveis.

Em visita a SMMA – Caldazinha em outubro de 2009, constatamos que este órgão está sem representante oficial durante o ano de 2009. A equipe da secretaria atualmente é composta por dois fiscais, um está de licença e o outro desenvolvendo suas atividades normalmente.

Segundo os informes da secretária para assuntos administrativos do órgão, Marcela Teixeira, a Administração Municipal que assumiu o município em 2009 não destinou nenhum responsável a esta função em virtude de questões financeiras. O Secretário Administrativo do município atuante em 2009, quando o indagamos a respeito da SMMA – Caldazinha, argumentou que este órgão está passando por uma fase de reestruturação e se espera melhoras para o próximo ano.

De acordo com as informações da secretária administrativa, a Secretaria passa por dificuldades, pois os agentes fiscais municipais não possuem apoio

⁴³ Entrevista concedida dia 17 de dezembro de 2008.

⁴⁴ Informações prestadas pela secretária de Meio Ambiente de Caldazinha em exercício em 2008, a qual não possuía a ata das mesmas para fornecer como registro e esta pesquisa.

especializado para a realização de vistorias técnicas. A desestruturação da secretaria comprometeu os trabalhos que vinham sendo realizados anteriormente pelo órgão.

Neste ano, as atividades foram concentradas em atender a população que procurou auxílio junto à secretaria para trabalhos de ordem rotineira, como a podas de árvores e, também, para a realização de denúncias. Mesmo com o atendimento comprometido por parte da secretaria municipal, a população continua a realizar suas denúncias de abuso e degradação no rio Caldas.

Em levantamento junto aos arquivos da SMMA – Caldazinha, constatamos que as denúncias são especialmente em relação ao uso de dragas e retirada da mata ciliar do rio. Pela deficiência no quadro de pessoas qualificadas para atender as denúncias da população, algumas destas estão sendo encaminhadas a SEMARH - GO (Secretária de Meio Ambiente e Recursos Hídricos de Goiás).

Em síntese, e a partir da realidade constatada *in loco*, podemos afirmar que o município de Caldazinha, neste ano de 2009, não esteve comprometido com as questões ambientais municipais, incluindo o “cuidar” do rio Caldas. Não estamos criticando pessoas, enquanto o desenvolvimento de suas funções, apenas apontando que este órgão deveria ser mais bem estruturado.

A estruturação implicará no quadro pessoal completo, com profissionais qualificados para determinadas funções, como vistorias técnicas e verificações das denúncias da população. A SMMA – Caldazinha neste ano de 2009 não foi priorizada como uma secretaria “importante” aos olhos da Administração Municipal a ponto de entrar no “corte e manutenção de gastos”⁴⁵.

Esperamos que este órgão seja rearticulado e reorganizado para o ano de 2010. Que o município de Caldazinha tenha uma SMMA representativa que é fundamental para que a população possa ter um órgão que analise, fiscalize, cobre e realize.

O trabalho da SMMA – Caldazinha torna-se primordial à “luta” dos membros da população caldazense pela conservação do rio Caldas. Este órgão deve atender e considerar esta população que se manifesta pelos seus direitos, de que o rio Caldas não seja totalmente degradado, e faz isto cada vez mais com denúncias e cobranças para o poder público municipal.

⁴⁵ Informação prestada pelos funcionários da Superintendência de Meio Ambiente de Caldazinha.

Quanto ao Sistema Educacional Formal, além do projeto retratado anteriormente em parceria com a SMMA – Caldazinha, na Escola Municipal, Centro Educacional Municipal Criança Esperança, encontramos a professora Aparecida, do segundo ano com um projeto titulado “Cerrado”, em fase de desenvolvimento no mês de outubro de 2009.

A referida professora estruturou o projeto com a parceria do Memorial do Cerrado, objetivando mostrar aos estudantes o desmatamento do Cerrado, bem como todo o ecossistema que o compõem. Os instrumentos de realização do projeto são baseados em atividades lúdicas, de conhecimentos das espécies da fauna e flora, além da escrita de poesias e trabalhos com músicas.

Segundo a professora, o projeto não pode ser muito aprofundado, pois são estudantes em fase de alfabetização. A questão da bacia e do rio Caldas ainda não foi trabalhada, etapa a ser cumprida para o próximo mês⁴⁶. O enfoque será especialmente sob as condições das nascentes que alimentam o rio.

É o primeiro ano de realização do projeto e a professora acredita ser possível dar continuidade no próximo ano, com outra turma. A escola municipal atende em média, trezentos estudantes com vinte professores.

Segundo as informações da professora Aparecida e da diretora Dercilene, os professores não costumam desenvolver projetos integrados, nem interdisciplinares. Quando é desenvolvido algum projeto que trabalha a realidade local, é de maneira individual e separada dos demais membros da escola.

Na Escola Estadual Horácia Lobo, encontramos iniciativas dos estudantes. Uma das iniciativas premiadas e reconhecidas em prol do rio Caldas, foi à divulgação do tema: “O represamento do rio Caldas”, tema da redação que levou estudante e moradora da área rural de Caldazinha a receber uma medalha de prata na Olimpíada Nacional de Língua Portuguesa, no ano de 2008.

A iniciativa levou muitos estudantes e moradores a refletirem e debaterem sobre o tema. A estudante em sua escrita mostrou os dois lados da história. Um centrado na geração do turismo e o outro dos moradores as margens do Caldas. “Defendi os moradores que moram a beira do rio, pois, deixar o local seria como deixar toda uma história de vida para trás. E essa é minha história” são as palavras da estudante encontradas em uma manchete de um jornal local.

⁴⁶ Informações colhidas em trabalho de campo dia 17 de outubro de 2009.

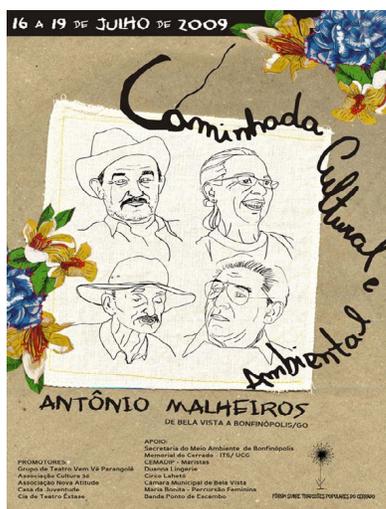
Após conhecer esses exemplos, no item seguinte apresentaremos ações do que estamos nomeando Organizações Sociais e Iniciativas Privadas no âmbito da Bacia hidrográfica do Rio Caldas.

3.2.2 Organizações Sociais e Iniciativas Privadas

Nesta categoria, destacamos a Caminhada Cultural e Ambiental Antônio Malheiros, e a Estação Ecológica Limeira, como exemplos de iniciativas e ações na luta pela conservação do rio Caldas e seu ambiente.

Vale ressaltar que utilizamos o termo conservação do ambiente pautadas em uma visão sócio-ambiental, e ao utilizá-lo, não estamos nos referindo apenas á visão naturalista, pois, reconhecemos e valorizamos também a dimensão social-cultural. Defendemos a conservação do rio com seus atores, sujeitos que o vivenciam, caracterizam, com modos de vida lhe dão significados.

3.2.2.1 Caminhada Cultural e Ambiental Antônio Malheiros – 2009



Realizada entre os dias 16 a 19 de julho de 2009, articulada e promovida pelo *Fórum sobre Tradições Populares do Cerrado*⁴⁷, organização composta por membros da Casa da Juventude Pe. Burnier, Associação Nova Atitude, Associação Cultura 36, Grupo de Teatro Vem Vê Parangolé e Cia de Teatro Êxtase.

A caminhada além do Fórum teve o apoio das seguintes instituições e órgãos: Secretaria do Meio Ambiente de Bonfinópolis, Memorial do Cerrado – ITS/UCG, CEMADIP – Marista, Circo Lahetô, Câmara Municipal de Bela Vista, Maria Bonita - Percussão Feminina e Banda Ponto do Escambo.

A atividade foi titulada “*Caminhada Cultural e Ambiental Antônio Malheiros*”, em homenagem ao Senhor Antônio Malheiros, cidadão residente no município de Bela Vista e que muito contribuiu com a luta ambientalista em prol do Cerrado por meio de seu trabalho no Parque Nacional das Emas, atuando como seu diretor por 30 anos.

⁴⁷ Em anexo consta a carta de princípios desta organização para melhores esclarecimentos.

A caminhada objetivou promover a partilha, a pesquisa, a produção artística, a defesa da vida e o reconhecimento das manifestações culturais no bioma Cerrado, localizado na bacia hidrográfica do rio Caldas. Foram 70 km, como o início de seu trajeto no município de Bela Vista de Goiás, passando por Vila da Mata Feia, Caldazinha, até a cidade de Bonfinópolis.

Nesta, deparamo-nos com realidades opostas, complexas, compostas e fascinantes, com diferentes paisagens e sujeitos que relatam na voz, na expressão da face, seja com sorrisos, lágrimas ou silêncios reveladores, a memória presente de experiências daqueles que contam, cantam, dançam, representam, fantasiam, rezam, conhecem, cuidam, dão sabores, cores, significados e zelam de seus “lugares”. As imagens nas figuras 15, 16, 17 e 18 mostram paisagens do cerrado, dos caminhantes e de um morador da área da bacia.



Figs.: 15,16, 17 e 18: Caminhada Cultural e Ambiental Antônio Malheiros.
Fonte: Trabalho de Campo, Caminhada Cultural e Ambiental, junho de 2009.

Na troca dos “de fora” caminhantes com os “de dentro”, a população da área, na transposição de barreiras culturais, morais, religiosas, tivemos o desafio de encontrar e reconhecer o outro, o outro não apenas como mais um, porém, como aquele que tem o sentido de sua vida o significado expresso, dito e marcado, visível ou subjetivamente nos elementos do ambiente que compõem esta região.

Os “de fora” trazem o diferente, além de ouvir, representam e retratam mundos imaginados, narrados, cantados e poetizados, por meio da arte de fazer com que suas histórias, poemas, contos e músicas ganhem vida e sorrisos para aqueles que as recebem.

As figuras 19, 20 e 21 trazem exemplos das atividades desenvolvidas. Os “de dentro” retomam o percurso da memória e a utilizam para se fazerem conhecerem por suas lutas, trajetórias, crenças, identidades experiências e vivências.



Figs: 19, 20, e 21. Apresentações teatrais durante a caminhada.

Fonte: Trabalho de Campo, Caminhada Cultural e Ambiental, junho de 2009.

Nesta troca constante entre passado e presente, estávamos em 46 caminhantes “os de fora”, que, além de seguir pelo curso da estrada empoeirada, caminhamos por vidas, por histórias e por realidades que além de pedras soltas pela estrada, um sol a nos aquecer e alguns arranhados e dores musculares pelo corpo, ganhamos mais, pois, agora temos a marca dos que ficaram, dos de “dentro”.

Durante a caminhada, encontramos muita poeira e a certeza da busca pelo outro, olhamos, vimos, ouvimos, cantamos, sorrimos, indagamos, respondemos, sugerimos. Em determinados momentos, manifestamos nossa inquietação em cada local que nos encontrávamos com autoridades políticas, ato representado com a entrega de uma carta para reflexão dos mesmos com denúncias e sugestões⁴⁸.

A fé é representada na história e apresentada em ações modificadas pelo tempo, como o antigo modo de rezar o terço e a nova capela de São Bento⁴⁹. O exemplo e a esperança surgem do visível, sejam pelo individual ou pelo coletivo, como bem nos foi mostrado pela Associação dos Pequenos Produtores da Vila Matinha. Sujeitos representam a esperança de que viver no campo pode representar qualidade de vida em harmonia com a natureza.

⁴⁸ A carta entregue as autoridades municipais consta em anexo.

⁴⁹ Localizada na área rural do município de Bela Vista.

Na caminhada de sonhos e sabores, os de dentro nutriram-nos não apenas de esperança em cada parada, como também daquilo que faz parte e representa sua realidade cultural; arroz com “gueiroba”, feijão com queijo, macarronada, alface e tomate, biscoito e pão de queijo, bolos, leite fervido no fogão a lenha, café fresco e em meio à arte, cores e cheiros, estes formam ganhando vida e sabores.

Muitos dos caminhantes não se intimidaram com as águas geladas do rio Caldas, para alguns foi momento de refrescar os corpos, descansar o físico quente do sol e aliviar as dores. Outros puseram a olhar e comentar: “como tem pouca água no rio, e como as raízes estão expostas”.

Neste movimento constante das águas que correm sempre para um destino certo, refletimos como os elementos naturais são significativos para aqueles que os vivenciam, podendo ser apenas um local para banhos passageiros ou marcos de narrativas e histórias de vidas.

É impossível não pensar no futuro do rio, será que o lago proposto e planejado pela Saneago será construído? Será que o Caldas abastecerá a cidade de Goiânia com suas águas? Ou definhará pelo represamento de suas nascentes, pelo pisotear do gado com a quebra de seus barrancos, facilitando o processo de assoreamento ocasionado pela enxurrada e pela falta de suas matas ciliares?

O rio está cada vez mais desnudo de vegetação para protegê-lo. Os novos usuários vão incorporando novos usos ao mesmo. O grupo de “banhistas” que se encontravam a sua margem, quando chegamos em caminhada, reflete isto. Dentre as muitas reflexões que podemos fazer, destacamos a seguinte: o rio Caldas de importância significativa para Caldazinha e região circundante vem passando por mudanças em seu ambiente físico e social, o mesmo apresentou em um passado próximo, práticas as quais vêm sendo deixadas de lado e novas incorporadas ao lugar.

Aqueles que pelo rio Caldas passaram, não apenas em suas margens, banhando-se ou não em suas águas, tanto literalmente quanto simbolicamente com todas as expressões culturais expressas em sua bacia hidrográfica, puderam entender que o rio subsidia o lugar e suas vidas. E que estas vidas e esses sujeitos fazem parte da história e do lugar em que o elemento rio e toda sua dinâmica sócio-cultural são bases fixadoras.

Aos caminhantes apenas a certeza de caminharem porque acreditam, e neste fazer se encontrarem com o outro em seu ambiente e valorizá-lo, seja por suas

práticas culturais, por suas experiências ou simplesmente por ser o outro com muito a nos ensinar em uma relação recíproca e de auto - reconhecimento.

Dentre as várias atividades do Fórum sobre Tradições Populares do Cerrado, a atividade da Caminhada Cultural foi significativamente a mais representativa. Os resultados avaliativos foram positivos e esta se tornará uma atividade constante nesta organização.

Entre seus pontos positivos destacados durante sua avaliação⁵⁰ encontramos: a possibilidade do encontro geracional entre jovens e velhos; o trabalho integrado entre as várias equipes de articulação; troca de experiências; aproximação com a população da área onde foi realizado o caminho; e a possibilidade da compreensão das relações que formam os diferentes espaços e sujeitos deste local.

A III caminhada cultural está sendo planejada para o ano de 2011. O Fórum sobre Tradições Populares do Cerrado, durante as reuniões pós Caminhada ocorridas de agosto a dezembro de 2009 optou por 2010 ser um ano de preparação para a caminhada de 2011. Esta preparação será propiciada com a promoção de seminários, encontros e articulações entre os caminhantes e “os sujeitos do caminho”.

3.2.2.2 Estação Ecológica Limeira

Na bacia Hidrográfica do Rio Caldas, encontramos, outra importante iniciativa: a Estação Ecológica Limeira, situada na GO – 020 Km 18 no município de Bela Vista de Goiás. Esta estação apresenta uma proposta de vivência ambiental que busca despertar a consciência relativa à utilização racional dos recursos naturais e do entendimento de seu papel no ambiente construído e do relacionamento das pessoas com este meio.

A Estação Ecológica Limeira é fruto da iniciativa do proprietário da área o Sr. José Gontijo Amaral, que devido a sua militância nos movimentos ambientalista, por estar sempre inserido nas questões ambientais e reconhecer os valores das culturas locais, adquiriu este espaço e constitui este projeto.

O espaço da área contém trilhas, o próprio rio Caldas, nascentes, matas ciliares, diversas espécies nativas catalogadas e estrutura de apoio para receber

⁵⁰ Avaliação realizada em avaliações posteriores entre organização do Fórum e caminhantes.

grupos de estudantes e pesquisadores. As atividades desenvolvidas pela Estação são especialmente a Eco bóia uma atividade esportiva mais com poder de sensibilização. “A proposta desta atividade é que o rio fosse uma desculpa pra dar uma ação mais pedagógica sobre a Mata Ciliar”⁵¹.

A outra atividade vem sendo desenvolvida nos últimos cinco anos e já atendeu 134 Escolas Estaduais dos municípios da bacia do rio Caldas como Bela Vista, Senador Canedo e Caldazinha e a municípios não pertencentes à bacia, sendo estes: Trindade, Santa Barbara e Cidade de Goiás.

O projeto⁵² é nomeado: “Vivenciando e preservando o Meio Ambiente” e seu público alvo tem sido os estudantes. A proposta, em parceria com as escolas da região, visa desenvolver novas abordagens metodológicas para que os estudantes entendam a importância de conservação da natureza e do uso eficiente dos recursos naturais. Nas figuras seguintes temos imagens da visita dos estudantes a Estação.



Figs. 22, 23, e 24: Visita de estudantes da Escola Estadual Horácia Lobo à Estação Ecológica Limeira

Fonte: Arquivo da Escola Estadual de Caldazinha, 2008.

⁵¹ Fala do proprietário e idealizador da Estação Limeira durante visita realizada dia 06 de outubro de 2009.

⁵² A Estação Ecológica Limeira possui um site para divulgação e outros assuntos: www.ecolimeira.com.br.

Segundo o proprietário da Estação, esta já enfrentou várias dificuldades, principalmente relativas à construção do Lago de Bela Vista e a formação dos loteamentos e chácaras, processos agravadores do desmatamento as margens do rio. Além destes fatores, a estação não possui apoios, parcerias ou convênios com nenhum tipo de instituição, no que se refere a recursos financeiros ou pessoais.

3.3 Estabelecendo pontes entre os diferentes sujeitos do Caldas

Optamos por abordar o rio como um sistema integrado a partir da visão de seus sujeitos, principalmente porque acreditamos que os seres vivos pertencem a um “lugar”, e neste produzem e reproduzem as relações sociais e simbólicas. É nos lugares que os seres produzem suas bases culturais e atribuem a determinados elementos as funções de representatividade, ou seja, a funções de serem os símbolos.

Para os diferentes atores conservar o rio, conservar esta natureza não esta relacionada apenas ao fato de manter a configuração física do rio e sim de manter as relações sociais existente neste ambiente. Trata-se de uma defesa de valores, defesa de histórias de vidas, de uma cultura e de um modo de vida.

Os conflitos, as alterações configuram este espaço e as vidas que o formam. A ameaça de construção de Lago reflete no imaginário dos diferentes sujeitos do Caldas, principalmente porque esta construção (se realizada) implicará em impactos não somente no rio Caldas como na população que possui envolvimento afetivo, material e de vida com o mesmo. Infelizmente, a natureza é um produto socialmente condicionado e principalmente político e é usada cada vez mais para interesses de poucos.

O Caldas é uma base ou suporte que integra as experiências e vivências de muitos de seus sujeitos. Adotamos a ideia do rio como base ou suporte para a vivencia de seus sujeitos baseando-nos nas narrativas dos colaboradores, nas práticas, ações e iniciativas dos novos atores.

A base de qualquer estrutura necessita possuir uma importância e significância para ser mantida, os exemplos encontrados tanto na Memória Geográfica Cultural-Ambiental como nos novos atores revelam quão importante é a presença do rio.

O Caldas como foco integrador se evidencia à medida que as memórias se interligam com as práticas dos novos atores. Conhecer as memórias do Caldas para se compreender a importância e motivação dos seus novos atores, alguns em sérias dificuldades, nos revelou que a significância não se dá apenas em longo período de contato, mas em experiências marcantes na vida de cada sujeito.

Pensado a dualidade do Caldas como base e base de integração, temos a seguir no quadro 05, um esboço esquemático em que apresentamos o rio como base integradora. O esquema é construído a partir do rio Caldas e seus sujeitos, os quais estão divididos entre colaboradores e os novos atores.

Os colaboradores apresentam as memórias, que mesmo separadas em memórias Ambientais, e memórias Culturais, são embasadas em características e elementos comuns, como: as representações, simbologias, imaginários, experiências e vivências.

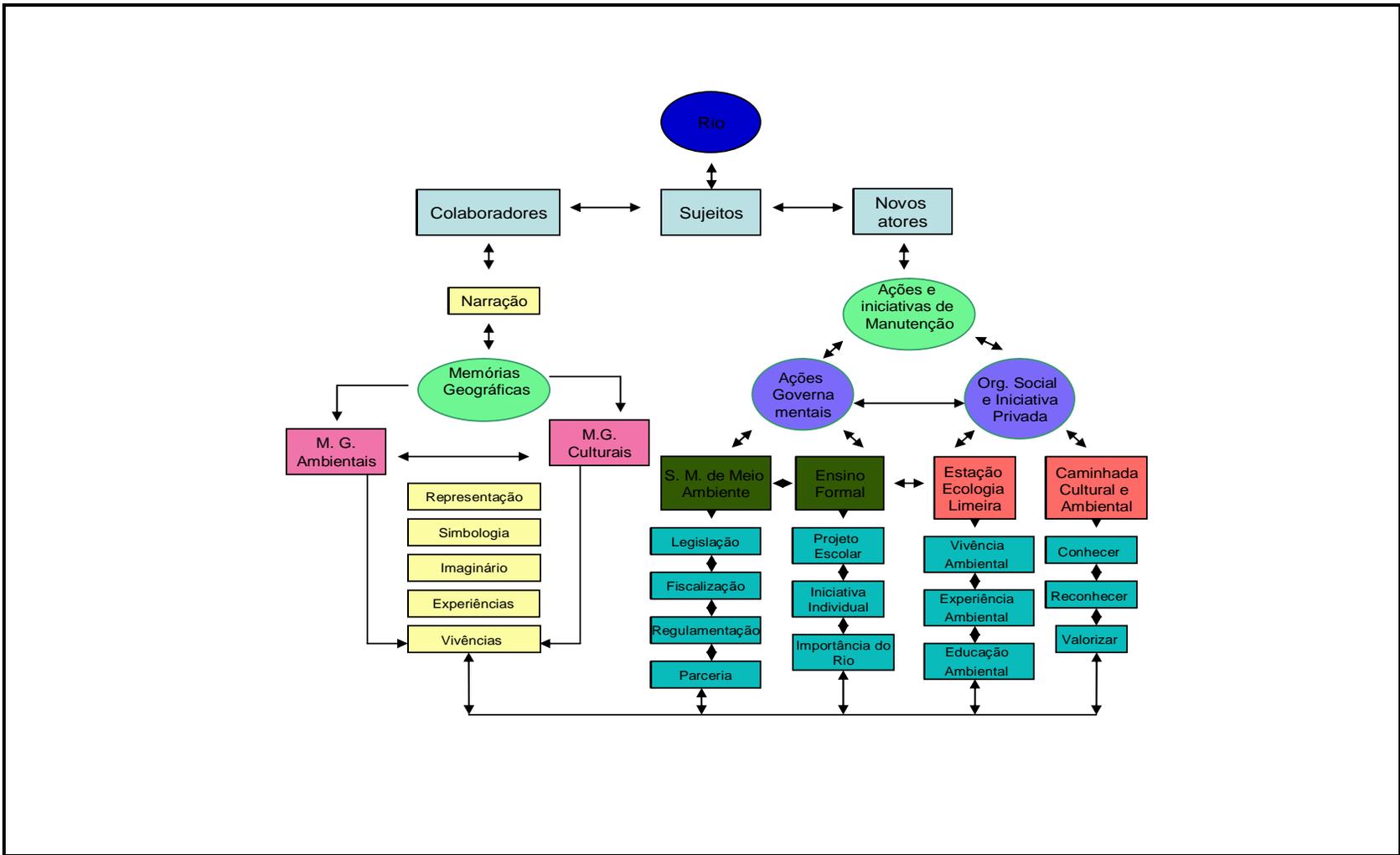
Entre os sujeitos do Caldas este rio é visto como testemunho das transformações ocorridas na paisagem. O rio como objeto de estudo devido a sua importância histórica para o município de Caldazinha e por tratar-se de um elemento simbólico – representativo aos idosos que o margeiam. O rio Caldas é tido como elemento ainda vivo na paisagem.

Os novos atores do Caldas são caracterizados pelas ações e iniciativas em prol da conservação do Caldas, dentre estes encontramos os que são dos órgãos governamentais e os de caráter de organização social e iniciativa privada. Realizamos subdivisões destes atores procurando elencar quais seriam os princípios ou objetivos centrais que os motivaram.

Encontramos várias motivações e justificativas para as ações. Estas iniciativas são embasadas na Memória Geográfica Cultural-ambiental do Rio Caldas, e ao mesmo tempo, estas memórias são construídas, representadas e influenciadas pelas práticas destes novos atores retratados e por tantos outros, não conhecidos por nós.

As realidades sociais não podem ser compreendidas como fragmentos de partes aglutinadas, elas precisam ser olhadas em uma continuidade de passado para presente, pensando-se no que queremos para o futuro. E por esta via de olhar, a realidade do Caldas nos mostra peculiaridades e especificidades de diferentes sujeitos, com suas diferenças de representações, experiências, vivências, significações, ações, lutas e esperanças.

E de lutas e esperanças são movidos os sonhos, e os sonhos para continuarem a serem sonhados precisam ser alimentados. A alimentação dos sonhos só é possível quando amamos o que sonhamos. Os sujeitos do Caldas, pelo menos os que conhecemos, (pois existem muitos outros com outras visões) ainda possuem a coragem de alimentar os sonhos, seja individual ou coletivamente.



Quadro 05: O rio como base integradora.
Org.: Alexandre, F. 2009.



“[...] não podemos nunca escapar à incerteza [...] Estamos condenados ao pensamento inseguro, a um pensamento crivado de buracos, um pensamento que não tem nenhum fundamento absoluto de certeza.” (MORIN, 2005, p 100-1)

... Cruzamento de Pontes ...

Ao chegarmos ao final de nossa ponte, de nossa travessia pelo rio Caldas, ao cruzarmos e entrelaçarmos as suas pontes, compreendemos a partir das representações encontradas nas narrativas dos colaboradores, indicações de respostas ou instigações para novas perguntas condutoras à novas reflexões sobre a complexidade e emaralhado de diferentes realidades no ambiente do rio Caldas.

As vezes nos colocamos acima das pontes apenas para contemplar as águas que correm sempre no mesmo rumo, outras nos debruçamos para rever águas do passado ou esperar as águas que virão. Para que conseguíssemos cruzar as pontes do Caldas, foi preciso um debruçar permanente, um mergulho que alcançasse maiores profundidades. Hoje, ao final, percebemos quantas nascentes foram descobertas em palavras, pontes soerguidas em silêncios, e talvez, o mais importante, experiências reveladas com a sinuosidade do rio Caldas

Nesta pesquisa, procuramos compreender o rio Caldas como um sistema embaixador e integrado. Entre os colaboradores e os novos atores do rio, evidenciamos uma intermediação simbólica. Dentre as varias lições apreendidas no desenvolvimento da pesquisa, destacamos pontes indicadoras de caminhos para nossas reflexões.

O idoso é detentor de um saber guardado na memória, uma memória por sua vez coletiva e seletiva das experiências, vivências e histórias do Caldas. Os colaboradores possuem bagagem de conhecimento sobre a fauna a flora, bem como todas as alterações ocorridas no rio. Estes se referem à importância do rio Caldas tanto em termos históricos, sociais, simbólicos quanto e em termos econômicos, ecológicos e culturais

A memória é um importante instrumento de análise ambiental, oferece condições para compreender os processos e as consequências oriundas da composição das relações horizontais e verticais no ambiente. Em nossa pesquisa, realizamos esta compreensão por meio das Memórias Geográficas Ambientais e das Memórias Geográficas Culturais.

As narrativas relatam um rio transformado pelo tempo agregado às necessidades de mudanças pela comunidade que o vivencia ou por demandas econômicas. A relação entre narrativas e memórias foi fundamental para que a história do Caldas fosse contada e suas memórias geográficas construídas.

As relações dos colaboradores foram construídas e estabelecidas com o ambiente pelo elo das águas no curso de um rio. O ambiente com sua natureza líquida, a água, que é elemento integrador e formador das representações sociais destes colaboradores. Temos nossas referências espaciais nos “lugares” aos quais damos significados, sejam eles materiais ou simbólicos.

Os colaboradores apresentam forte interação simbólica com o rio pela sua experiência e vivência e o tomam como lugar; para eles a memória é um instrumento de auto-reconhecimento e reconhecimento de sujeitos que viveram e experienciaram a formação histórica, cultural e ambiental do lugar.

Sendo o lugar um mundo organizado de símbolos, o rio é tido pelos colaboradores como *símbolo* de: i- Segurança, estabilidade, tranquilidade e reservatório de água e outras práticas-; ii – Local de manutenção do ambiente local “presença da natureza”, flora e fauna; iii- O retrato de uma memória Geográfica Cultural-ambiental, a qual passou por *mudanças* materiais e simbólicas; iv- De resistência histórica desde a formação e constituição dos aglomerados urbanos próximos ao rio; v- Sentido de pertencimento para com o ambiente local.

O “lugar” é algo particular e subjetivo para os colaboradores, os quais vêem o rio Caldas como componente de sua historicidade e parte de suas vidas. Estes percebem e contêm na memória as modificações simbólicas, afetivas e matérias relacionadas ao lugar de pertencimento, encontros, histórias, mudanças e sonhos.

Dentre as alterações no rio Caldas indicadas pelos idosos constatamos que as principais mudanças relacionadas ao rio são de ordens “físicas” do ambiente, como: largura, assoreamento, vazão, coloração e volume da água, fauna, flora e práticas agrícolas. As culturais foram: formas de uso e práticas culturais, relações topofílicas e de dinamicidade e conflito de usos.

Na aventura de nosso mergulho pelas águas do Caldas, destacamos pontos considerados relevantes, como o uso da história oral temática, instrumento de suma importância, por permitir um entendimento dos processos de transformações retratados pelos sujeitos que viveram a dinâmica das mudanças no rio.

Também ressaltamos a participação dos novos atores, sujeitos atuantes com ações em prol da conservação do rio, devido à importância que o mesmo representa para o ambiente local. Nos exemplos de ações e iniciativas desenvolvidas no rio Caldas, percebemos que a Educação Ambiental pode ser usada para reforçar a integração do ser humano com o ambiente. Na realidade do Caldas, as propostas

educativas, a nível formal, retratam experiências isoladas que correm por conta da iniciativa de cada ator.

É notória a necessidade de propostas, projetos e ações enfatizando as diversas realidades do Caldas, valorizando-as e respeitando-as. As ações voltadas para o surgimento de novos valores, tendo a participação como um princípio fundamental. Neste emaranhado de situações, conseguimos encontrar atores sociais objetivando e valorizando a inter-relação, vivência e significação do ambiente em suas vidas.

Seguimos este caminho identificando estes sujeitos, por não corroborarmos a idéia de articularmos uma proposta educativa para a conservação desta área sem considerar e valorizar as iniciativas e ações dos atores locais, ou dos que se envolveram e já atuam com suas ações com a comunidade das margens do rio, assim como das outras áreas de sua bacia hidrográfica.

As ações são pontuais, no entanto, são indícios que a população local e muitos seguimentos de outras localidades também visualizam a necessidade da promoção das mesmas. A finalidade de qualquer ação educativa deve ser a produção de novos conhecimentos que aumentem a consciência e a capacidade de iniciativa transformadora dos grupos com quem trabalhamos. Por isso, valorizamos o estudo da realidade vivida pela comunidade e de sua representação em relação ao seu ambiente e ao seu lugar.

Ao longo da pesquisa, compreendemos que o rio Caldas é o elemento natural e cultural que representa e ao mesmo tempo faz parte da história de vida de muitos moradores as suas margens, onde idosos narram a história do rio e jovens e adultos se organizam, se articulam pela conservação do mesmo.

Concluimos este trabalho na esperança de termos alcançado nossos objetivos inerentes ao conhecimento dos colaboradores e de suas memórias e das memórias do rio, das condições atuais, das dinâmicas dos usos e conflitos e da ação de seus novos atores.

Esperamos que os resultados contribuam no intuito de conhecer e compreender a historicidade do ambiente local e que posteriormente possam colaborar para proposição de ações de Educação Ambiental que valorizem e conservem este rio, juntamente com os demais elementos que compõem seu ambiente, principalmente seus sujeitos com seus modos de vidas.

Ao final de nosso mergulho pelo Caldas e seus sujeitos, apreendemos que, sempre um rio haverá de passar no destino de cada pessoa. E que para compreendermos suas riquezas é necessário mergulhar em suas memórias, conhecer seus sujeitos e simplesmente deixar as águas e a vida nos levarem.

... Indicadores de Caminhos ...

AESSE, U. Um mar para Goiânia. *Diário da Manhã*. Goiânia, 12 dez. 2000.

AQUINO, M.; CHUAY, C. Lago sai do papel. *Diário da Manhã*. Goiânia, 14 de maio. 2004.

ALMEIDA, M. G. Em busca do poético do sertão: um estudo de representações. In:_____.
ALMEIDA, M. G.; RATTS, A. J. P. Geografia: Leituras Culturais. Goiânia: Alternativa, 2003.

ALMEIDA, R. de C. A memória dos Idosos como Instrumento de avaliação dos impactos de Urbanização sobre os Recursos Hídricos. IN:_____. FELICIDADE, N.; MARTINS, R. C.; LEME, A. A. (Orgs.) *Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil: velhos e novos desafios para a Cidadania*. São Carlos: RIMA, 2004, p.39-53.

ALMEIDA, M. da P. Q.; OLIVEIRA, C. I. de. Educação Ambiental: importância da atuação efetiva da escola e do desenvolvimento de programas nesta área. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*. UFRG. vol 18, jan a jun, 2007, p. 12 – 24.

ANA (Agência Nacional de águas). *Geo Brasil*. Recursos Hídricos. Brasília, DF. Agência Nacional de Águas. 2007.

BACHELARD, G. *A água e os Sonhos*. 2. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997.

BALANDIER, G. *O Dédalo para finalizar o século XX*. (Trad.) Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BELLO, Â. A. *Fenomenologia e ciências humanas*. Bauru. SP: EDUSC, 2004.

BICUDO, M. A. V. *Fenomenologia: confrontos e avanços*. São Paulo: Cortez. 2000.

BORGES, B. G. *Goiás nos quadros da economia nacional: 1930 -1960*. Goiânia: Ed. da UFG. 2000.

BOSI, E. *Memória e Sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BRANDÃO, C. R. *Pesquisa Participante*. 3 ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.

BRASIL. Estatuto do Idoso. 1. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

BRANDÃO, C. R. *Repensando a pesquisa participante*. 2ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRUNI, J. C. Água e a Vida. In:_____. *Tempo Social Revista Eletrônica*: USP, São Paulo, 1993. p. 53-65.

BUZIN, E. K.; PARREIRA, I. M. Nova divisão de Sub-Bacias do Rio Meia Ponte. *Enciclopédia Biosfera*, N. 02, 2006. ISSN 1809-0583.

CALISTO, C. de S. *O ambiente como mundo vivido – uma abordagem do Espaço segundo a Geografia Humanística*. 2006. 118f. Dissertação (Mestrado, Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

CAMARO, A. A. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição Demográfica. Texto para discussão nº 858. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada*. ISSN 1415-4765. Rio de Janeiro, 2002.

- CANDIDO, A. *Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o Caipira Paulista e a Transformação dos seus meios de Vida*. Ed. 5. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- COIMBRA, J. de A. A. *O outro lado do Meio Ambiente: uma incursão humana na questão ambiental*. Campinas: Millenium, 2002.
- CARVALHO, I. C. de M. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. Col. Docência em Formação, problemas Transversais. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- CARVALHO, V. S. de. *Educação Ambiental e desenvolvimento comunitário*. Rio de Janeiro: Wak, 2006.
- CORRÊA, S. A.. *Percepção e apreensão do espaço: as transformações na relação ser humano ambiente*. 2008, 199f, Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.
- COSGROVE, D. *Mundos de significados: Geografia Cultural e imaginação*. In:_____.
CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. *Geografia Cultural: um século (2)*. Eduerj: Rio de Janeiro, 2000.
- COSTA, L. M. S. A. (Org.) *Rios e Paisagens urbanas em cidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley Ed. PROUBR 2006.
- DELGADO, J. *Os Velhos na Cidade: considerações sobre Cultura, Identidade e Geração*. *Libertas*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Juiz de Fora, v.1, n.2, p.152 - 172, jun / 2007.
- DREW, D. *Processos Interativos Homem-Meio Ambiente*. João Alves dos Santos. (Trad). Ed.3. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Martins Fontes: São Paulo. 1997.
- ELIADE , M. *Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico religioso*. (Trad.) Cristina Tamer, São Paulo: Martins Fontes. 1991.
- FELIPE, J. L. A (Re) invenção do lugar: os rosados e o “país de Mossoró” IN:_____. *Território*. Ano VI, nº 10 Rio de Janeiro: UFRJ, 2001, p. 33 – 49.
- FREITAS, M. A. V. de; (org.). *Estados das águas no Brasil 2001-2002*. Brasília: Agência Nacional de Águas, 2003
- FERREIRA, L. C. *Os fantasmas do vale*. Qualidade ambiental e cidadania. Campinas. Editora da Unicamp. 1993.
- GAUDIANO, E. G. Interdisciplinaridade e Educação Ambiental: explorando novos territórios epistêmicos. _____. IN: SATO, M. CARVALHO, I. *Educação ambiental: pesquisa e desafios*. Porto Alegre: Artemed, 2005, p.119-133.
- GHILARDI, A. S.; DUARTE, C. R. de S. *Ribeirão Preto: os valores naturais e culturais de suas paisagens urbanas*. In:____COSTA, L. M. S. A. (Org.) *Rios e Paisagens urbanas em cidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley Ed. PROUBR 2006.
- GIL, A. C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. Ed. 5. São Paulo: Atlas, 1999.

- GOIÁS. Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento do Estado de - SEPLAN. *Revista Economia e Desenvolvimento*. Ano VI nº 19 Abril/Junho de 2005. Disponível em <http://www.seplan.go.gov.br> Acesso em: 27 de agosto de 2005.
- GORDILLO, G. *El Río y La Fronteira*. Movilizaciones Aborígene, obras públicas y Mercosur en el Pilcomayo. Buenos Aires: Biblos, 2002.
- HALBAWACHS, M. *Memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOLZER, W. Sobre paisagens, lugares e não lugares. In:____ OLIVEIRA, L.; FERREIRA, Y. N.; GRATÃO. *Geografia, percepção e cognição do Meio Ambiente*. L.H.B. Londrina: Edições Humanidades, 2006, p. 109 – 127.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Perfil dos Idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil 2000*. Rio de Janeiro: 2002.
- JORNAL DIARIO DA MANHÃ. *A história*. Goiânia 17 de agosto de 2002.
- KLAUCK, S. A fronteira do Oeste do Paraná: narrativas de desbravamento, imaginários e representações. In:____. ARRUDA, G. (Org.) *Natureza, fronteiras e territórios*. Londrina: Eduel, 2005, p. 243 – 276.
- KOZEL, S. Mapas Mentais uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In:____KOZEL, S.; SILVA, J. da C.; FILHO, S. F. G. (org.s). *Da Percepção e Cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista*. São Paulo: terceira Margem. Curitiba: NEER, 2007.
- LEFF, E. *Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder*. (Trad.) Lúcia Mathilde Endlich Ort. Petrópolis: Vozes, 2001.
- LEFF, E. A Geopolítica da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável: Economização do Mundo, Racionalidade Ambiental e Reapropriação Social da Natureza. In:____. MARTINS, R. C.; VALENCIO, N. F. L. (Org.). *Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil: desafios teóricos e político-institucionais*. São Carlos: RiMA, 2003, p. 03-19.
- LOILA, S. A. *Por uma geografia do passado distante: marcas pretéritas na paisagem como memória espacial das sociedades autóctones*. 2007, 187f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2007.
- LUDKE M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária. 1986.
- MAIA, C. E.S. Cidade de Goiás: o Cheiro das Águas, as Águas de Cheiro e as Aleluias (1880-1899). In:____. *Revista Boletim Goiano de Geografia*. Goiânia, v. 29, nº 01, jan -jun, 2009, p. 179 – 194.
- MAFFESOLI, M. Entrevista. O imaginário é uma realidade. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, nº 15, agosto de 2001.
- MALHEIROS, K. de P. (etal). Análise Crítica: barragem do rio Caldas, Bela Vista de Goiás. In:____. *Estudos*, Goiânia, v. 33, n. 1/2, p. 9-31, jan./fev. 2006. Disponível em : http://biblioteca.ricesu.com.br/art_link.php?art_cod=5918 Acesso em 20 Fev. 2009.

MARIN, A. A. *Percepção Ambiental e Imaginário dos moradores do município de Jardim/MS*. 2003, 306f, Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003.

MARTINE, George. (org.). *População, Meio Ambiente e Desenvolvimento verdade e contradições*. Ed. 2. Campinas: UNICAMP, 1996.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, revista ampliada, 2005.

MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. *Historia oral como fazer como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MENDONÇA, F. *Geografia e meio ambiente*. Ed. 6. São Paulo: Contexto, 2002. (Caminhos da Geografia).

MINAYO, M. C. de Souza. *Pesquisa social. Teoria, método e criatividade*. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORAES, A. C. R. *Meio Ambiente e ciências humanas*. São Paulo, Annablume, 2005.

MOREIRA, D. A. *O método Fenomenológico na Pesquisa*. São Paulo: Pioneiras Thomson, 2002.

MOREIRA, R. *Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

MORIN, E. *Introdução ao Pensamento Complexo*. (Trad.) Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOSCOVICI, S. *A representação Social da Psicanálise*. (Trad.) Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

NETO, A. T. O território Goiano e o processo de povoamento e urbanização. In:_____. ALMEIDA, M. G. (Org.) *Abordagens Geografias de Goiás: o natural e o social na contemporaneidade*: Goiânia: IESA, 2006.

NOGUEIRA, A. *Perfil histórico de Caldazinha*. Goiânia: Kelps, 1996.

OLIVEIRA, I. S. de; SILVA, M. M. P. da. Educação ambiental em comunidade eclesial de base na cidade de Campina Grande: contribuição para o processo de mobilização social. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*: UFRG. vol 18, jan a jun, 2007, p 212 – 231.

OLIVEIRA, L. Percepção do meio ambiente e Geografia. *OLAM – Ciência & Tecnologia*, Rio Claro, SP, v.1, 2001 [CD-ROM].

OLIVEIRA, L. Ainda sobre Percepção, Cognição e Representação em Geografia. In:_____. MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.). *Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea*. Curitiba: UFPR, 2002, p.189-196.

OSEKI, J. H.; ESTEVAM, A. R. A fluvialidade em rios paulistas. IN:____ COSTA, Lucia M. S. A.(Org.) *Rios e Paisagens urbanas em cidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley Ed. PROUBR, 2006.

PITTA, D. P. R. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durans*. Rio de Janeiro. Atlântica Editora. 2005. – (Coleção Filosofia)

PORTO-GONÇALVES, C. W. *Os Descaminhos do Meio Ambiente*. São Paulo: Contexto, 1990.

_____. *O desafio ambiental*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *A globalização da Natureza e a Natureza da Globalização*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CALDAZINHA. *No Caminho para o progresso*. Informativo 15º aniversário, 2007.

QUEIROZ, R. da S. Caminhos que andam: aos rios e a cultura brasileira. In:____. REBOUÇAS, A. da C.; BRAGA, B.; TUNDISI, J. G. *Águas doces no Brasil* capital ecológico, uso e conservação. 3ª ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Escrituras, 2006, p. 719 – 737.

RAMOS, L. M. J. *Outros sentidos para o ecoturismo: percepção e educação ambiental no parque Estadual da Serra da Caldas Novas–Goiás*. 2006. 209f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Goiás, Goiânia,2006.

REBOUÇAS, A. da C.; BRAGA, B.; TUNDISI, J. G. *Águas doces no Brasil* capital ecológico, uso e conservação. 3ª ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Escrituras, 2006, p. 01 – 36.

RIBEIRO, W. C. Água doce: conflitos e Segurança Ambiental. IN:____. MARTINS, R. C.; VALENCIO, N. F. L. (Org.). *Uso e gestão dos recursos hídricos no Brasil: desafios teóricos e político-institucionais*. São Carlos: RiMA, 2003, p. 71-77.

REIGOTA, M. *Meio Ambiente e representação social*. Ed. 3. São Paulo: Cortez. 1998

ROCHA, G. O. R.; AMORAS, I. C. R. O ensino de Geografia e a construção de representações sociais sobre a Amazônia. In:____ *Amazônia. Revista Terra Livre*. AGB: Goiânia, ano 22, v. 1, n.26, p. 143-164. jan-jun 2006.

RODRIGUES, C. M. C. *Águas aos olhos de Santa Luzia*. Um estudo de memória sobre o deslocamento compulsório de sítios em Nazaré Paulista (SP). Campinas. Coleção Tempo & Memória 13. UNICAMP. 1999.

ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In:____. AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (org.) *Usos e abusos da história Oral*. Ed. 8. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Meio Ambiente. *A água no olhar da história*. São Paulo: Secretaria de Meio Ambiente, 1999.

SANTOS, A. G. Seringueiros da Amazônia: sonhadores da floresta. In:____. XI Encontro de Geógrafos da América Latina: geopolítica, globalização e mudanças ambientais. Universidade Nacional da Colômbia, Bogotá, ANAIS, 2007.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização* do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SARAIVA, M. da G. M. A. N. *O rio como paisagem: Gestão de corredores fluviais no quadro do ordenamento do território*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

SARMENTO, J. C. V. *Representação, imaginação e espaço virtual: Geografia de Paisagens Turísticas em West Cork e nos Açores*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

SATO M. Apaixonadamente Educadora Ambiental. In:____. *Educação: Teoria e Prática* Revista Eletrônica - vol. 9, nº 16, jan.-jun.-2001 e nº 17, jul-dez - 2001, p. 24-35.

SATO M; SANTOS J. E. d.. Tendências nas pesquisas em Educação Ambiental. Disponível em: <<http://cehcom.univali.br/rebea>>. Acesso em 19 nov 2002.

SCHLEE, M. B.; N, A. L. C.; TAMMINGA, K. Mapeamento ambiental e paisagístico de Bacias Hidrográficas Urbanas: estudo de caso do Rio Carioca. In____ COSTA, L. M. S. A.(Org.) *Rios e Paisagens urbanas em cidades brasileiras*. Rio de Janeiro: Viana & Mosley Ed. PROUBR 2006.

SEEMANN, J. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. In:____*Revista da Casa da Geografia de Sobral: Sobral, V. 4/5, P. 43-53, 2002/2003.*

SILVA, C. J. da; SILVA, J. A. F. *No ritmo das águas do Pantanal*. São Paulo: Núcleo de apoio à pesquisa sobre Populações Humanas e áreas Úmidas Brasileiras - NUPAUB/ USP, e Universidade Federal de Mato Grosso, 1995.

SILVA, W. Goiânia pode ter seu 'mar'. *Diário da Manhã*, Goiânia, 31 mar 2000.

SILVEIRA, A. L.L da. Ciclo hidrológico e bacia hidrográfica . In:____. TUCCI, C. E. M (org.) *Hidrologia Ciência Aplicada*. 2ª Ed. Porto Alegre: Ed. Universidade. UFRS, 2000.

SUERTEGARAY, D. M. A. *Cadernos Geográficos*. Notas sobre Epistemologia da Geografia. Cadernos de Geociências. Departamento de Geociências. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Nº 12, maio de 2005.

TRISTÃO, M. *A educação ambiental na formação de professores redes e saberes*. São Paulo: Annablume, 2004.

TRIVINOS, A. N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. (Trad.) Livia de Oliveira, São Paulo: DIFEL, 1979.

TUAN, Y-F. *Topofilia: um estudo da percepção atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi-Fu. Geografia humanística. In:____ CRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. Difel: São Paulo. 1982. p. 143 – 165.

ZANINI, M. C. C. Construindo memórias, tecendo trajetórias. In:____. Memória. Revista *Vivência*. UFRN-CCHLA, nº 28, 2005, p. 115-122. ISSN 0104-3064.

... Apêndices ...

Apêndice A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Mestranda: Fernanda Alexandre

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra de Fátima oliveira

Ficha do Colaborador da pesquisa

1. Dados Pessoais

Nome: _____

Origem: _____, _____ DN _____.

Endereço: _____

Contato: _____

Estado civil: _____ . Ocupação: _____

Moradia: _____ . Morou em outro lugar antes: _____

Já se mudou quantas vezes: _____

Filhos. () Não () sim. _____

Dados para a pesquisa.

1. Porque veio residir no município de Caldazinha?

2. Conte me como era o lugar que a senhora morava?

3. Me conte como era o Rio Caldas logo que o conheceu, nas primeiras vezes que o viu.

4 Como fazia para ir ao Rio?

5. Me fale de como era sua relação com o Rio Caldas? (Quando ia lá, fazer o quê, com quem?, com que freqüência?

6 Continua indo ao Rio? Se parou porque?

7O que a percebe de mudança no Rio?

8 Porque acha que ocorreu esta mudança?

9 Considera que o Rio Caldas foi importante para sua vida?

9 Qual a lembrança mais forte do Rio?

Apêndice B

Universidade Federal de Goiás
Instituto de Pesquisa Sócio Ambientais
Pós-Graduação em Geografia
Dissertação de Mestrado

Pesq.: Fernanda Alexandre

Tipo de entrevista: Semi-estruturada

Data do registro: 11/12/2008

Duração: 62 minutos

Tema da entrevista: Sobre o rio Caldas

Colaborador: Lázaro Dias Vieira (Lázaro Ponte); Homem, 67 anos, casado, lavrador, natural da região, pais naturais da região.

1Pesq. é... como que era o rio... esse lugar aqui, logo... as primeiras lembranças que o senhor tem do rio?

Colab. não... NOSSA:: eu alembro do rio desde quando eu tinha... uns quatro anos com certeza junto com meu pai... nois... fabrico cachaça, eu mais meu pai... nois pescava – tudo arrumadinho -- eu não perdi meu pai eu perdi um companheiro que e tinha a vida inteirinha cantando a sua moda de viola... cantamó por muito tempo na Brasil Central Canário e Sabiá era nois dois -- mais continuemó trabalhando aqui... mexendo com a terra plantando colhendo e vendendo feijão -- nois produzia feijão....de mais e fizemó a cachaça por uns quinze anos eu fui o fazendo da cachaça....

eu fabriquei cachaça por quinze anos e não sei que gosto tem a cachaça eu prometi não prová a cachaça que eu fabriquei ... e não sei que gosto tem a turma falava que era muito boa chamava Boa Palavra a::: cachaça nossa...(risos)...

ai:::... nesse tempo TO:::do mexeu demais com o carro de boi -- meu pai era muito bom carreiro e nois puxava cereais aqui pra Leopoldo de Bulhões... único acesso que tinha em 1950.... era um armazém muito grande da estrada de ferro que o trem vinha até Leopoldo de Bulhões só -- e lá tinha um senhor com o nome de Candido... e ELE é que comprava a cachaça / a cachaça não o feijão de tudo mundo da região plantava uns feijão -- meu pai mais outros carreiros que morreram já... pegava a safra pra conduzir até lá..

2 Pesq. como era a relação do senhor com o rio Caldas?

Colab. NÃO::...no rio::? eu...eu vivi no rio eu gosto do rio um sem tanto do mundo::... eu já andei no rio -- inclusive teve um acidente muito próximo... agora já em dois mil... /ah.. em noventa e nove... um moço tombo o caro dentro de uma ponte que tem próximo aqui perto então tombo dentro do rio... ai tinha duas crianças uma de dois anos e uma de um ano... ai a criança de um ano -- eu entrei dentro do carro e a criança tava entre o banco do passageiro e do motorista... um menino... de um ano e a menina tinha ido embora... a correnteza pegou ela passou pelo pára-brisa -- a polícia do corpo de bombeiro veio mais tava com preguiça de caça de procurá demais e procurá só pertinho...

eu com meu pai duente... na segunda isso foi no domingo... eu tinha que levar o pai pro médico tinha exame marcado num::: ai a noite que eu cheguei... eis me falaram que o corpo de bombeiro caçaro mais procuráro SO daqui pra cima muito perto.... e foram embora e::: eu danado de dó dos pais da criança... e quando foi na terça eu voltei com meu pai eis tornaram vim procura de novo num::: encontraram nu:::m vieram até aqui na quarta-feira eu tavó no curral ai a viatura veio eu parei eles... ai veio um senhor um coronel ai eu falei

'Coronel"... o senhor tem que mandar eles procurar mais... oéis tá procurando só pertim o senhor procura dessa ponte pra baixo deve tá da ponte pra baixo::... mais você fala com tanta segurança... você sabe porque?

ai eu disse / é porque eu nasci aqui... eu cunheço esse rio eu ando por dentro por fora já nadei no rio já mergulhei por toda banda... eu cunheco o rio...

ai ele falo assim... ENTÃO sendo assim... vai ser possível nos atender a conversa do seu Lázaro... Seu Lázaro é uma autoridade aqui por causa dos anos que ele vive aqui por causa do conhecimento...

ai estacionaram naquele ponte ali onde você viu tava duzentos metros pra baixo da ponte -- a criança uma criancinha -- até aquela fitinha que as mães junta o cabelo da criança e amarra uma fitinha faz aquele montinho num tinha saído nem o bico nem a correntinha num tinha saído do pescoçinho dela --...

ai eis passaram na ... delegacia da Caldazinha ... o delegado Fernando olho a criança ... e CHORO de pena dos pais fica quatro dias criança dentro do rio e não te perdido nada -- ela desceu dessa ponte aqui na outra ponte medido pelo rio é três a quatro km mais ele tava procurando pertinho ...ai lá na Caldazinha o coronel falo assim pro delegado...

aquele Senhor da cabeça branca... meu Deus ELE deu uma dica boa demais pra nois ... nois não ia consegui achar a criança até que a criança pegava e deformava e afundava --

então valeu a pena ... mais foi ruim por ter perdido a vidinha né...

3 Pesq. nessa área que o Senhor conhece o rio... qual a profundidade dele?

Colab. ah::eh::... hoje ele não tá fundo mais não hoje ele tá muito raso – ah:: o pessoal...fala que é por causa da extração de areia que existe muita draga no rio de tira areia Nã::o... não é isso não... é o fenômeno do tempo... nois não entendemos o fenômeno do tempo no passado tinha árvore demais na beira do rio... muita mata... – ali onde eu vou te mostra o Angico... e você vai vê... então tem uma mata...

hoje não existe mais uma gameleira no rio intacta... igual nois tem aqui na mata de reserva que meu pai deixou Gameleira enorme grossa mesmo com mais de duzentos anos com certeza... não hoje derrubaró tudo o HO::mem... EU não sou ninguém pra sugerir nada pra ninguém... uns fala que precisa destruí pra vive né...mais o Homem derruba planta demais e não planta outra... num é verdade?...

aqui mesmo eu vou te mostra na banda de lá que não plantaram nada o rio já quebrou mais de trinta metros de chão pra lá... ai o rio vai... vai virando só aquela correnteza brava o rio era por cima do chão -- meu pai pegava quando matava o frango pra fazé a mistura do almoço... ai pai pedia a mãe pro mode guarda a tripa do frango...

cada dia que pai pingava o anzol... com tripa de frango pai pegava um Durado pra nois come no nosso serviço na nossa moagem tinha peixe demais no rio... uma quantidade de peixe... -- quando eu casei em 1966 que eu vim praqui... -- o rio tinha um poço bem na porta... Maria Helena (esposa do Lázaro) ia lá no poço e podia contar mais de duzentos piau tinha você via no poço... hoje nois não tem um piau de jeito nenhum acabou... o pessoal... esse povo... esses turista ai ... é bom eles vim... tomá o banho deles... assa a carninha deles... mais por favor.... é o que eu falo pra eles...

olha vocês vê eu fica nesse apego desse jeito esse um:::ndo desse ciúme que eu tenho da minha coisa aqui... mais faça parte comigo...vocês vem... mais vocês nunca trouxeram um quilo de mio pra joga no rio pro peixe o peixe num tem alimento ocês que só pegá eiss de rede de tarrafa... passa a vê se faz parte da natureza ... compra uma levinha de peixe vamu por no rio... o peixe faz parte da natureza

compra uma levinha de peixe e vamos por no ri::o... sem conta que é uma briga danada por causa do rio o rio... eu vo no rio todo dia né?... todo dia de manhã cedo eu vou no rio... eu olho o rio gosto demais de entrar dentro do rio... ((seu Lázaro sorri e se emociona))...

hoje ele virou correnteza só... você vai vê onde nois vamu olha ali...

3 Pesq. (...) então o senhor percebeu a mudança que ocorreu no rio?

Colab. NO::ssa... uh::... como o rio afundo o rio não tinha barranco... esse rio em 1950... ele começou a ser... demolido ele... que ele foi demolido o rio... ele começou a ser demolido em 1970... que começou a drenagem de areia... o grande movimento... a grande evolução... o pessoal passaram a tirar areia dele pra comércio... e eles tem razão de tira areia porque precisa construir eu num sei como é que faz né? tem que ter uma maneira... a maneira eu num sei... só sei que ai o rio afundou o rio foi afundando e vai afundando no chão e vai afundando... o rio transformó numa caixa num caixote...

você chega na beira dele... a água ta lá naquele um::ndo... fico... ele era por cimi::nha do chão... com aquela coisa mais gostosa aquela água mansa ((seu Lázaro faz o gesto com a mão indicando por cima))... era... era puro poço que tinha no rio pra gente pescá o bagre que dava a noite... eis fala lobo ... era bom demais ((risos))...

tinha muito ave aquática... hoje nois tem uma ave aquática aqui... mais é pindurada de tanto eu vigia ela... o pato selvagem acabo -- ele é bobo demais -- agora tem um pássaro aqui que o pessoal fala de Braúna nois fala de Tapicurú outros fala de galinha d'água, ela faz assim kukukukuku... ((seu Lázaro imita o som do pássaro)) ela canta... então eu sei quando tem gente mexendo com eles... ai as veis eu to fazenú qualquer coisa e eles dão o sinar... ai eu sai -- mais eu sei que é muito perigoso falar com esse povo que vem ai tem muita gente rebelde – mais ... ai eu chego... -- aqui tem os Guariba que veio de uma Guaribinha fêmea... que tem ali... e um Guariba macho hoje tem trinta e dois Guariba tem quatro Guariba de filhotinho -- e eis joga pedra eis atira neles porque eles tem a carne muito boa ... então eles tão () hoje de matar o Guariba mais não pode mata eis.. não tem mAIS na região se eu te falar pro ocê... NÃO tem mais... de manhã cedo quando ele canta ... é mesma coisa de um GRA::nde engenho aquele um::ndo daquele baruião que ele apronta... ele pendura de cabeça pra baixo na árvore ahh... fica aquele mundo.. e eis fica com

vontade de matar e eu não aceito... e quando eis faz raiva em mim eu ligo na Semago... eu nem num saio de casa mais de tanto ciúme que eu tenho dos animais... eu cunheço os animais eis são tudo mancinho comigo ((risos)) ...

5 Pesq. o rio passa na terra do Senhor seu Lázaro?

Colab. Tá bem aqui oh! ... o rio fica na minha terra ... onde ocê vai agora se vai no acampamento deles... eis vem e acampa ... já cortarão a cercado do vizinho... aquela coisa ...

outra coisa que eu envolvo com eles demais ta bem aqui o acampamento... eis passa pra dento da minha área que tá a reserva ... e faz necessidade... defeca dentro do quintal... mais nois cria galinha... a galinha caipira é solta e ela come aquilo ali... EIS num tem... respeito...

num é que eu to falandu demais... ocê perdoa eu ... ocê num veio aqui pra ouvi eu fala de ninguém... mais eis podia ... eu também gosto de pescaria ... eu já visitei o rio Araguaia demais... eu também gosto de pescaria e lá você vai chegando e faz uma privada uma casinha... eis tinha que fazé uma casinha aqui ... que nem eis ... vem gente de classe vem gente de qualidade num sei por que a hora que eis chega aqui ... eis acha que aqui... é o sítio da mãe Joana... pode tomar conta pode destruir pode fazer tudo... mais num é desse jeito NÃO ... chega uma hora que eles vai ter que fazer uma casinha é desse jeito (risos)...

tem... tem que pensá.... alguma coisa... que eis devia de fazé... de verdade... é não IARrga entulho também... eu num gosto que eis larga entulho na beira do rio... no meu caso eu queria que eis faze-se o seguinte...

que eis usa o rio mais num joga entulho por nada... num joga entulho no ri::o... deixá o rio fica limpi::nho... gostoso... outra coisa que eis têm... eis gosta demais de jogar tarrafa a noite – tem uns caras danado de bom pra mergulha --... eis mergulha... e... tem aquele estilete –... inclusive uns dos caras que mergulho no pé da Gameleira dentro da sulapa tinha um sucuri muito grande... então... ai ele pego e volto e ia em Goiânia pra pega uns estilete maior pra pega o sucuri... ai falei pro cara amigo dele... não... fala pra ele por caridade não vai mexe com isso não... deixa o animal ... o animal ve::io ele tá fazendo uma visita no rio ... ele não é daqui do rio não ... aqui num tem lugar dele vive não ...não tem grandes lagoas nem represas ... nem nada ... é só uma visita... é pra vê como que o homem é agressivo... ((risos))...

6 Pesq. bom... o Senhor já falou... mas vou perguntar de novo... assim o senhor considera que o rio foi importante pra vida do senhor?

Colab. MU: muito importante... hoje nois tem esses animais aqui da chácara ... todo mundo bebe água no rio a vontade... vou te mostra as aguadas onde o gado bebe água ...

o rio pra toma banho a água dele é uma água saudável ... é uma pena... uma água muito boa...

pra começa meu pai... viveu ali naquela casa... – meu pai morreu com oitenta e seis anos meu pai num sofrer uma doença... uma insuficiência renal... nada... viveu aquele homem com toda saúde...

se o rio fosse um rio que tivesse água doentinha meu pai teria morrido com mais muitos poucos anos de vida... num é verdade? ... eu também ...vê que eu num so tão moço... é desse jeito... o rio é tudo aqui... pra mim e pros vizinhos... aqui nois tem uma turma de vizinhos do rio que todo mundo os animais deles bebe água no rio... é desse jeito...

7 Pesq. (...) todos eles tem esse apego com o rio?... os seus vizinhos também dependem do rio?

Colab. todo mundo tem esse apego com o rio... inclusive puraqui tem um pessoal... eis já fizeru até uma abaixo-assinado pra tira esse pessoal que vem na ponte por causa da irresponsabilidade deles... é só porque.. por enquanto...ainda não chegou a hora – A Delza que veio com você ela também é da secretaria de meio ambiente de Caldazinha ... ela já fez... ela é dureza... ela vem cá e dana com eles...ela chega e fala mais o que é isso? Se vocês num larga disso eu vou manda prende ... é o único jeito ... mais ... chega uma hora que eis vai ser preciso e ser doutrinado e larga de faze esse tipo de coisa ... deles vim adverti mais num larga lixo num larga nada num corta a cerca dos vizinho, - Eis corta as cerca dos vizinho tudo pra eis pode passa - ... num precisa disso porque pra toma banho e assa uma carinha aquela área que eis já tomaram conta da demais ... nois também tem uma área pra cá da ponte que fizeram um concreto pro mode faze uma ponte que caiu ... é uma área grande acimentada... eu falei pra eis... olha ocês assa carne de voceis aqui oh... não pode acender fogo... porque se acende pega fogo aqui... vai pulá no nosso pasto passa pro pasto do vizinho queima tudo... voceis junta as coisas de voceis... – mais eu tenho uma divisa... lá na beira da estrada... o meu filho compró

uma terra... – aquele que tava comigo -... e da divisa minha pra cá é so passarinho que nois tem... tem Sábria demais... e eis é invocado de pega o Sábria eh... eu quebrei a gaiola... diz eis que tinha tinha sessenta e quatro sabia eu cheguei o viveiro tava sem o cadeado na porta eu cheguei e sentei a botina na porta com todo pé com toda a força... e o Sábria foi tudo embora... eis fico nervoso demais eu tinha notificado a placa deles e falei oh! vou pedi e manda lá pra Semago... e eis vai pó você na cadeia... num sei por quantos anos... num sei como pega um animal – diz ele que era pra leva pros Estados Unidos diz que lá um Sábria custa noventa dólares... é desse jeito...

8 Pesq ... qual que é a lembrança mais forte que o senhor tem do rio? O que... marcou mais forte... o senhor já falou tanta coisa... mais o que é a que o senhor mais lembra?

Colab. NÃO... a lembrança que eu tenho maior do rio mesmo... é as grandes enchentes que o rio dava... por causa que ele era muito raso... então pouca água enchia o rio -- eu gostava de mais de nadar no meio da enchente LÁ::... no mEizão da enchente oh ((risos do colaborador))... agora hoje o rio não da mais enchente grande... por que o rio viro ... só pra enche... a caixa dele que formo dentro do chão... gasta UM um::ndo de água só pra enche aquela caixa num é verdade? ((risos))... afunilo né?... é desse jeito...é uma lembrança muito grande das enchentes...

outra lembrança maior é dos peixes... antes tinha cheio de peixe lá no poço... mais hoje não tem peixe mais não... mais vai... vai ter peixe novamente... nois já soltamos uma levinha no rio e o oxigênio da água é uma beleza pra produzir... eu inclusive nessa... nessa... nessa etapa mesmo agora quero faze reclamó pra Semago pra eis traze solta o peixe aqui... firma... solta o peixe aqui em quantidade a levina... eu mesmo me comprometo a joga comida pra eis...

nois tem que te peixe novamente o rio é de peixe – inclusive... da Caldazinha tem uns moço que são pescado pra vende na Caldazinha – no ano passado pegaram só numa semana pego onze Dourado ali pra cima da ponte do asfalto que vai pra Bela Vista... então tem peixe no rio... só que num chega... num da conta de vim aqui... ele não tem outro caminho dele anda... ele anda só dentro do rio... então eis cerca com rede num tem jeito né?... é num tem jeito...

então nois tem que... nois que... fazé o rio produzi peixe novamente... os passarinho aquático volta... hoje... naquele... naquele corguinho que tem ali oh... na nossa chácara () ali tem um rego d'água que meu pai fez... dentro lá:: no rego d'água hoje de manhã eu vi uma garça grandona vi dois jaburu... vi... uns...uns quatro marrecos... então tem que fazé os animais voltá... – é por causa de uma coisa – os animais aquáticos come os insetos d'água... come tudo aquilo ali é alimentação deles num é verdade? então se homem tenta mata eis pra come a carne deles... NÃO carne nois compra no açougue tem muita carne demais ((risos))...

9 Pesq. teve assim algum fato... alguma historia interessante... algum episódio... que tenha marcado a vida do Senhor em relação ao rio?

Colab. eh moça... o moço tinha ido busca o remédio na Caldazinha e o rio encheu demais... e () ele entro dentro da enchente montado a cavalo... e ai o cavalo sumiu... com arreio com tudo e ele nado até quanto ele guentó depois quando ele não guentó mais ele subiu numa árvore e fico o dia todo... eu num tava aqui não eu tava pra Goiânia... ele fico o dia todo num tinha ninguém pra da socorro... foi até que o rio abaixou mais e ai ele nado de lá sabe... ((risos))... esse cara foi dureza... ele chama Lázaro... diz que todo Lázaro falta um parafuso na vida mesmo ((risos))...

10 Pesq seu Lázaro... tem mais alguma coisa que o Senhor gostaria de falar sobre o rio?

Colab. ah:: o que eu tenho que falar sobre o rio... que Deus me dando vida e saúde igual ele tem me dado... por mais anos eu vejo o rio ter peixe novamente e vejo o rio... ser doutrinado pelos amigos... que vem... num quero que os amigos faça do rio um campo de batalha igual eis faz eu quero que eis faça do rio um jardim cheio de rosas... pra nois chega no rio... você chega te lambari... num é pra pesca o lambari com danura não... é pra nois vê o lambari porque ele faz parte da nossa vida os animaizinhos né? ((rsrsr))...

no mais eu espero que a nossa conversa... essa que você ta gravando... e eu sei que faz ajuda o nosso rio... por que é de muita água o nossa rio... o que acontece mais... é que o pessoal tá desacatando com o rio... eies num acha que o rio merece carinho... o rio merece carinho... então... eis tem que larga desse tipo de coisa porque se eu pega... – inclusive um dia o cara tava muito... danado de rebelde e num queria obedece de jeito nenhum e tava querendo cortar os angicos que eu

plantei pra faze barraca pra faze barraca... ai tinha um senhor que falou... olha tem que respeitar ele ai oh... ele é autoridade daqui... ele é autoridade do rio como mais velho ele é uma grande autoridade se ele der uma parte de nois... nois vai pra cadeia mais é na certa – é só eu liga que os homem vem ai fica pior pra eiss... num é verdade? ... eu num poço deixar ...

agora vó te mostrar as grandes Gameleira que o pai deixou pra mim...

11 Pesq. Seu Lázaro... enquanto vamos até o rio me diga qual é a época que o pessoal acampa mais aqui?

Colab. NÃO... eis acampa todo dia... todo dia de sábado...eh:: quando dá sexta feira da o sábado e o domingo... mais o domingo é o dia que eis vai bebendo... e vai aprontando a faze aquela gritaria ai... eis passa a faze danura... passa... ah joga pedra nos animais... num acha que os animais tem a vida igual a deles... aqueles animaizinhos que eis que judia tem a vida melhor que aquele cidadão...

12 Pesq. E seu Lázaro são sessenta anos de beira de rio hem?

Isso daqui eu vou plantando porque o rio bate lá no desbarrancando... tem muitos desbarrancos daqueles... esses daqui eu plantei esses dias... olha como é que tá o bambum... esse bambu eu vou plantando de proteção...porque eu tenho cuidar da barranca... essa Gameleira aqui grandona aqui foi meu pai que planto... é um abismo....

((indicando com a mão onde era o leito do rio)) o rio era aqui... num tem muitos anos não... isso daqui eu plantei num tem muito tempo não foi em 1980... na barranquinha do corgo igual ali oh... ai o que acontece... o rio vai quebrando e vai quebrando... ai olha onde já ta parado o rio num é verdade?...

(...) o que eu falei pra você é que no passado rio era ali oh ((indica com a mão))... eu pesquei demais ai nesse lugar... minha filha também minha esposa pesco aqui oh... e se vê que eu casei... em sessenta e seis... então quando a Maria Helena... quando ela chego ela não era acostumada com o rio maior ela ficava quase doida pra mode vê o tanto de peixe.... aqui tinha um grande poço aqui oh!... nois pescamos demais... aqui á água... como eu to te dizendo num tinha barranco... olha o jeito que era... agora hoje é desse jeito tá tudo degradado... aqui tem quebrado bem jovem do rio... olha que mundo veio de barranco que desceu lá oh!... tá tudo desbarrancado o rio...

eu to sempre plantando na beira do rio... o vizinho da frente não planta... ai quando eu plantei aqui o rio passava aqui é a largura dele... ai eu falei Jazão (o vizinho) fecha... fecha o rio porque os animais os gados come as plantas... falei fecha o rio que eu vou planta pra você e num compro um centavo... ele falo... ce ta ficando doido fechar o rio?... num vou fechar rio nenhum não... deixa o rio se ele quebrar... é a ideia do pensamento do dono da terra... então eu deixei e larguei pra lá... tem umas poucas árvores que foi eu que plantei pra banda de lá quando era do outro dono... aqueles bambu lá foi eu que plantei pro outro dono...

se não fosse essa planta aqui o rio já tinha levado isso tudo daqui embora... se não tive planta come tudo quebra tudo... a berrada do rio ta todinha plantada... que eu plantei... tudo verdinho...

... Anexos...

Normas para Transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO*
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh:: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	eo Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo

Superposição, simultaneidade de vozes	{ ligando as linhas	A. na { casa da sua irmã B. sexta-feira? A. fizeram { lá... B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	" "	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma barreira entre nós"...

* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP No. 338 EF e 331 D².

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá? você está brava?*)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...* (*alongamento e pausa*).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*, conforme referido na *Introdução*.



http://www.fflch.usp.br/dlc/nurc/normas_para_transcricao.htm



FÓRUM SOBRE TRADIÇÕES POPULARES DO CERRADO

Carta de Princípio

É uma livre organização de indivíduos ou coletivos com interesse na preservação da vida humana desprestigiada na organização, expansão e exploração do capitalismo.

É uma livre organização solidária à parcela de homens e mulheres que fizeram do cerrado sua morada, seu espaço da memória, espaço de celebração de rituais herdados de inúmeras gerações e mantidos pelas atuais.

É uma livre organização em defesa das vidas que se harmonizam na diversificada fauna e flora denominada cerrado.

É uma livre organização com interesse na reza, nas cantorias, nas danças, na benção, na produção de alimentos e saúde que os povos do cerrado acumularam ao longo de séculos.

É uma livre organização de pessoas que se aproximará, de forma respeitosa, para não violentar e usar as tradições populares para fins de mercado.

É uma livre organização que, na relação dialogada e dialeticamente refletida, considerando nós e os outros, buscará, no saber e na experiência do outro, reconhecer caminhos na manutenção da vida.

É uma livre organização para partilha, pesquisa e produção artística, com foco nas vidas existentes e preservadas com a sabedoria criada por necessidade de sobrevivência no cerrado.

É uma organização de homens e mulheres sem exigência etária e que privilegia o encontro que produz conhecimento de distintas gerações.

É uma livre organização com claras e decididas intenções para produzir solidariedade, construções artísticas, defesa da vida e da vida ambiental.

É uma livre organização que se orienta e se organiza a partir do desejo comum daqueles e daquelas que a compõem.

Desejo que prima pela denúncia às diversas formas de violência que ataca a vida dos/as pobres e a destruição do cerrado para aumentar a produção e exploração da mão de obra assalariada ou escrava.

Desejo que pauta pela denúncia da especulação imobiliária, a biopirataria e a substituição da flora por madeira de rápida produção de carvão.

Desejo norteado pela contemplação da vida em abundância no bioma cerrado.

Desejo que produz partilha que produzirá cenas, cantorias, danças, celebrações de vida e valorização da diversidade de instrumentos que produzem som para alegrar os espíritos incansáveis na luta pela preservação humana.

Viva os/as que sonham e lutam pelo prazer, alegria e o fim do trabalho alienado.



Carta da Caminhada Cultural e Ambiental Antônio Malheiros

Às comunidades e autoridades no caminho de 70 km entre Bela Vista de Goiás, Caldazinha e Bonfinópolis

*“Faça porque você acredita,
não faça esperando
reconhecimento”*

Antônio Malheiros

Sussuapara, Pérola do Sul, Terra dos Buritizais Sussurrantes e por fim, Bela Vista de Goiás.

O nome tem memória, tem história e tem identidade. No nome suas belezas são consagradas, nomeadas e elevadas.

Na cidade e em sua volta vive sua gente com trajetória que inscreve sua biografia no singular e compõem as marcas que caracterizaram seu território, sua arte, sua cultura, sua língua, suas faces e sua organização social e política.

Os não nomeados na história são os que verdadeiramente fazem-na, os esquecidos ou silenciados nunca se esqueceram ou silenciaram em sua existência. No trabalho, na vida social e familiar criaram caminhos, estradas, músicas, danças se tornaram carreiros, tropeiros, pioneiros, cantores e brincantes, no entanto, em sua existência não separam sua fé, sua arte, sua festa do trabalho que realizam no ambiente que vivem.

A indústria, o atravessador e o especulador, é que, especialistas se tornaram em separar, dividir, isolar, eliminar, devastar, queimar, forçar o esquecimento e provocar a falta de sentido na vida ou nomeá-lo como “lucro.”

A expansão comercial cercou, demarcou, determinou a produção e o preço e confinou o sertanejo aos seus mandos e desmandos, bem como, criou as cidades dos milhares vivendo na solidão ou na ausência de solidariedade dos tempos da “treição”, nos ensina Geraldinho, filho conhecido de Bela Vista, em seus causos.

Não! Os que vivem herdaram dos que viveram sua coragem de criar em condições difíceis e reorganizaram a utopia e forjaram o desejo de ver a vida vibrar.

Por isso, Serra do Alecrim, Sussuapara com sua nascente, Rio Caldas, Rio Piracanjuba e demais rios, riachos, córregos desse município precisam sobreviver, pois, neles homens e mulheres construíram suas histórias e deles necessitam para sobreviver.

O cerrado profundamente destruído e agora cercado pelo o avanço da corretagem inescrupulosa, virou oásis dos magnatas e burocratas que poluíram, devastaram e especularam em Goiânia e Aparecida de Goiânia – retaliada de lotes baldios esperando o valor aumentar. Assim, o negócio imobiliário avança as margens da GO – 020 com suas chácaras e condomínios, com a diminuição de áreas em Goiânia o entorno é a bola da vez.

É preciso que a autoridade pública, nem que seja pressionada pelo o movimento social, não seja apenas o gerente do balcão de negócios do especulador.

Proteger os interesses, principalmente dos pobres, cuidar da cidade que é espaço de socialização da comunidade, colocar a defesa ambiental acima do interesse econômico, criar políticas públicas de proteção de suas tradições, do patrimônio histórico e criar possibilidades para a juventude aprender com os mestres é o que pugna os caminhantes.

Da necessidade de velar e enterrar seus mortos perto de casa, o ponto de tropeiros, nos ensina Antônio Malheiros, o Milho Inteiro de leito de referência vira Caldazinha a seis Km do Rio Caldas.

O Km 36, outrora assim conhecido, se transforma em Bonfinópolis e em sua zona rural lá está o Rio Caldas.

Essas cidades têm de comum o Rio Caldas, as tradições rurais da folia, cantos e rezas seculares, o cerrado devastado, a proximidade com Goiânia, sua gente

lutando para viver e manter sua forma de existir, têm casarões sendo a maioria em decadência e militantes trabalhando por uma sociedade onde o capital não organize nosso lazer, nossa reza, nossa festa e inibam os jovens de acolher a velhice.

Nas fronteiras de Caldazinha e Bonfinópolis o “progresso” se mostra claramente com seu mau cheiro na criação industrial de frangos, a ração, os remédios e o cemitério de frangos, tudo legal, e a possibilidade de contaminar a água, o mau cheiro que se espalha pela vizinhança ameaçando a saúde, como fica e o que fazer?

Bonfinópolis nos dá um triste exemplo de que a sociedade industrial produzindo o supérfluo gera lixo em abundância e, ao não cuidar minimamente de forma adequada ameaça o lençol freático e a saúde de todos.

- Proteger e recuperar a mata ciliar dos Rios: Caldas, Sussuapara, Piracanjuba e demais rios desses municípios.

- Criar Políticas Públicas de proteção do Patrimônio Material e Imaterial

- Discutir e sugerir saídas para recompor o Cerrado

- Criar um espaço de debates e sugestões nas áreas culturais e ambientais entre esses municípios

- Favorecer trocas entre a Juventude e os Mestres das tradições locais

- Enfrentar a especulação imobiliária, que só tem compromisso com o lucro e socializa os prejuízos com todos deixando para as autoridades e a população problemas muitas vezes irreversíveis, barrar esse avanço para dentro do pouco cerrado em torno de Goiânia é necessário.

- Comprometer a capital e o Governo de Goiás com a Proteção Ambiental e Cultural nessa região, se faz urgente, pois, o projeto do governo Estadual é abastecer Goiânia com águas do Rio Caldas que perpassa terras de Anápolis a Bela vista.

Essas são medidas urgentes e necessárias, de responsabilidade da autoridade pública, que a Caminhada Cultural e Ambiental Antônio Malheiros sugere.

Propõe-se um encontro no segundo semestre de 2009 para o debate com a presença das comunidades locais, dos membros de organizações sociais e de autoridades administrativas, políticas e o Ministério Público.

Casa da Juventude Pe. Burnier - Goiânia,

Associação Cultura 36 - Bonfinópolis,

**Cia. Êxtase de Teatro - Senador Canedo,
Nova Atitude - Bela Vista
Vem Vê Parangolé- Aparecida de Goiânia**

Goiânia, 16 a 19 de julho de 2009.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.